

LUÍSA PICCARRETA - (Itália 1865-1947)

As vinte e quatro Horas da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo

As vinte e quatro Horas da Paixão

«... O deleite que Jesus abençoado haure da meditação destas Horas é tão grande que desejaria que destas meditações houvesse pelo menos um exemplar para cada cidade ou aldeia e elas fossem praticadas; então, nessas reparações Jesus sentiria reproduzir-se a sua própria voz e as suas orações, que Ele dirigia ao seu Pai nas 24 Horas da sua dolorosa Paixão; e se isto fosse feito em cada aldeia ou cidade por algumas almas, Jesus parece fazer-me entender que a Justiça divina ficaria parcialmente aplacada e em parte terminariam e seriam interrompidos os seus flagelos nestes tristes tempos de desgraça e de derramamento de sangue. Reverendo Padre, dirija este apelo a todos: cumpra assim a pequena obra que o meu amável Jesus me fez realizar....».

(de uma carta de Luísa ao seu Confessor extraordinário, o Beato Aníbal Maria Di Francia)

Luísa Piccarreta

«A Pequena Filha da Vontade Divina» Nihil obstat - Trani, 4 de março de 1997

+ D. Carmelo Cassati - Arcebispo

J.M.J.A.

Messina, 29 de outubro de 1926.

Intelligentes quae sit voluntas Dei

Prefácio

Esta leitura é indispensável para compreender a suprema importância desta obra que, daquilo que se verá, poderia chamar-se Livro do Céu.

Com esta primeira impressão, empreende-se a publicação de mais de 20 volumes manuscritos de revelações sublimes, que piedosamente se julgam – exceto sempre o juízo da Santa Igreja – terem sido feitas por Nosso Senhor Jesus Cristo a uma alma, sua caríssima filha e discípula que é a piedosa Autora do livro O Relógio da Paixão.

Desde agora comunica-se que estas revelações, que seguem e seguirão – não sabemos quanto – têm em vista estabelecer-se na Terra: o Triunfo completo do Reino da Vontade Divina.

Quem é esta filha e discípula predileta de Nosso Senhor, que foi autora de O Relógio da Paixão, e agora escreveu 20 volumes de Revelações divinas?

Não podemos revelar as conotações, o nome, o sobrenome, o endereço, etc., porque seria como prostrá-la à mais atroz das aflições, ao mais sensível esmorecimento de alma e de corpo.

Ela quer viver solitária, escondida e desconhecida.

Por nenhuma pacto ao mundo teria escrito as íntimas e prolongadas comunicações com o adorável Jesus, desde a mais tenra idade até hoje, e que ainda continuam quem sabe até quando, se Nosso Senhor mesmo não a tivesse reiteradamente obrigado, tanto por Si mesmo como por meio da santa obediência aos seus Diretores, à qual se rende sempre com imensa violência e ao mesmo tempo com grande fortaleza e generosidade, porque o conceito que ela tem da santa obediência lhe faria rejeitar até mesmo o ingresso no Paraíso, como efetivamente aconteceu e se revelará nas revelações de 11 e 30 de outubro de 1909.

Igualmente graciosas são as apóstrofes e os diálogos que mantêm com a Senhora Obediência, como ela lhe chama, como se quisesse refazer-se da sujeição a que é obrigada. Ora fala-lhe como a uma grande Princesa e Rainha, que se impõe com severidade, ora prefigura-a como uma Guerreira poderosíssima, que se arma até aos dentes e golpeia assim que alguém a quer contradizer.

Em síntese, esta alma está em luta tremenda entre um prepotente amor ao escondimento e o inexorável império da Obediência a que deve absolutamente ceder.

E a Obediência vence-a sempre.

E este constitui um dos mais importantes caracteres de um espírito genuíno, de uma virtude sólida e provada, porque há cerca de quarenta anos que, com a mais vigorosa violência contra si mesma, se submete à grande Senhora que a domina!

Esta alma solitária é uma virgem puríssima, totalmente de Deus, que se manifesta como objeto de singular predileção do Redentor Divino, Jesus.

Parece que Nosso Senhor, que de século a século aumenta cada vez mais as maravilhas do seu Amor, quis fazer desta virgem, que Ele chama a mais

pequena que encontrou na terra, destituída de toda a instrução, um instrumento adequado para uma Missão tão sublime, a que nenhuma outra se poderá comparar, ou seja, o triunfo da Vontade Divina sobre o Universo Orbe, em conformidade com quanto se diz no Pater Noster: Fiat Voluntas tua, sicut in Coelo et in terra.

Há mais de 40 anos que esta virgem do Senhor, desde quando era ainda adolescente, foi colocada na cama como vítima do Amor Divino. Trata-se do leito de uma longa série de dores naturais e sobrenaturais, e de inebriações da Caridade eterna do Coração de Jesus. A origem das dores, que ultrapassam toda a ordem da natureza, foi quase sempre uma alternada privação de Deus, que constitui a noite obscura do espírito, a que o místico Doutor São João da Cruz chamava: amarga e terrível, a comparar-se com as penas que padecem as almas do Purgatório pela privação de Deus. Ele compara-a, de certa forma, a uma sufocação da alma, como a quem falta a respiração, uma vez que a respiração da alma é Deus, como justamente diz o Profeta Jeremias: Christus spiritus oris nostri. Jesus Cristo é o respiro da nossa boca.

Na continuação destas publicações, ler-se-ão as lamentações desta pomba ferida que procura o seu Dileto, tão íntimas, agudas e sensíveis a ponto de se sentirem arrebatados por uma profunda impressão diante desta Vítima do Amor Divino. Mas às vezes rasga-se o denso véu, a alma vê Jesus, abraçam-se, felicitam-se e a alma pede o místico beijo da Sagrada Esposa dos Cânticos. Às

vezes a inebriação é tão grande que, no delírio do Amor, a resistência humana se debilita e a alma exclama: basta, basta, chega Senhor, porque não julgo poder agüentar mais, com em casos semelhantes costumava exclamar São Francisco Xavier (1506 - 1552).

Todas estas manifestações do Amor Divino se verificam sobretudo no silêncio da noite, e no dia seguinte ela recebe a Sagrada Comunhão, depois do que se fecha e se concentra por cerca de duas horas.

Aos sofrimentos da alma acrescentam-se também os do corpo, cuja maior parte a nível místico.

Sem que qualquer sinal apareça nas mãos, nos pés e no lado ou na testa, esta recebe de Nosso Senhor mesmo uma freqüente crucifixão. O próprio Jesus a estende sobre a cruz e lhe crava os pregos. Então, verifica-se nela aquilo que Santa Teresa dizia, quando recebia a ferida do Seráfico, isto é: uma dor extremamente sensível, a ponto de a fazer esmorecer e, ao mesmo tempo, uma inebriação de amor.

Mas se Jesus não fizesse assim, seria para esta alma um sofrimento imensamente maior porque, como a Serafina do Carmelo, também ela diz: ó padecer, ó morrer!

Eis outro sinal do verdadeiro espírito.

Nosso Senhor coroado de espinhos apareceu-lhe muitas vezes, abstraindo-a primeiro dos sentidos e ela, com delicadeza, tirava-lhe a coroa espinhosa e colocava-a sobre a própria cabeça, experimentando frêmitos atroztes, mas também júbilos místicos.

Na continuação destas publicações ficar-se-á assombrado ao tomar conhecimento da extraordinária familiaridade de Nosso Senhor com esta alma, a ponto de nada invejar de Santa Gertrudes nem de Santa Matilde, nem sequer das Santas Margaridas e de qualquer outra. Como observa em casos semelhantes o Doutor místico supramencionado, a familiaridade e interioridade com que Nosso Senhor trata esta alma a torna temerária a ponto de usar certas expressões e determinadas pretensões que pareceriam exageradas, se não se considerasse que, no campo da Fé, o adorável Jesus nos deu muitas provas do seu amor, ainda maiores de quantas se podem receber nos colóquios familiares entre Jesus e qualquer alma privilegiada.

Em todo o caso, bastaria o fato de nos ter dado a Si mesmo até mesmo em forma de alimento, na Santíssima Eucaristia.

Depois do que expusemos da longa e contínua habitação de anos e anos no fundo de uma cama, como vítima com participação de muitos sofrimentos

espirituais e físicos, poderia parecer que a vista desta virgem desconhecida deve ser algo de angustioso, como ver uma pessoa deitada, com todos os sinais de dores padecidas e de reais sofrimentos e semelhantes.

E contudo, estamos diante de algo de admirável. Esta Esposa de Jesus crucificado, que passa a noite em êxtases dolorosas e nas dores de todos os tipos, quando é vista depois de dia, meio sentada na cama, trabalhando com as agulhas e os alfinetes, nada, minimamente nada transparece da noite em que tanto sofreu, nada, nada de extraordinário ou sobrenatural. Pelo contrário, ela vê-se em todo o aspecto de uma pessoa sadia, alegre e jovial. Fala, conversa e, se for necessário, ri, mas recebe poucas amigas.

Às vezes algum coração atribulado confia-se a ela e pede-lhe orações. Ela escuta benignamente e conforta, mas nunca diz uma palavra que se refira às revelações. O grande conforto que ela apresenta é sempre um, sempre o mesmo argumento: a Vontade Divina.

Embora não possua qualquer ciência humana, é contudo dotada em abundância de uma Sabedoria totalmente celestial, da Ciência dos Santos. O seu falar ilumina e consola.

A sua natureza não é escassa de engenho.

Quando era criança, estudou até à primeira classe; o seu escrever é cheio de erros, embora não lhe faltem termos apropriados, em conformidade com as Revelações, que lhe parece serem infundidas por Nosso Senhor.

O Relógio da Paixão

Contemporaneamente às sublimes Revelações sobre as Virtudes em geral e sobre a Vontade Divina em especial, esta alma desde há muitos anos, à noite, entrava na contemplação dos Sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, acrescentando-lhes as notícias distintas de muitas cenas da Paixão.

O sistema consistia em percorrer as 24 Horas da Adorável Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, que começam com a Ceia Legal e terminam com a Morte de Cruz.

Às vezes estas visões eram intercaladas com especiais Revelações de Nosso Senhor.

Dado que nada se tinha publicado das Visões e Revelações desta alma, assim ela extremamente desejosa de querer esconder tudo e temendo que uma publicação mesmo anônima a pudesse descobrir, pretendia enterrar em si mesma este Tesouro de ciências divinas, de compaixão sobre-humana, de sobrenatural fonte dos afetos mais amorosos.

Mas o seu Padre espiritual colocou-a diante da majestosa Senhora Obediência, da fortíssima Guerreira armada até aos dentes; e Nosso Senhor mesmo a estimulava à publicação para o bem de muitas almas.

Ela rendeu-se e ao autor deste Prefácio foi confiada a impressão dos escritos que ela escreveu sobre um tema tão importante.

Logo que foi publicada a primeira edição deste admirável Tratado sobre as 24 Horas da Paixão de Nosso Senhor, a Bênção de Deus manifestou-se com evidência. Em pouco tempo esgotaram-se os exemplares, que então eram 5.000, sem que se enviassem a endereços específicos; bastava mandar uma cópia do mesmo a alguma pessoa devota, para que comesçassem a chegar pedidos. Fez-se um anúncio no Periódico dos nossos Orfanatos Antonianos «Dio e il Prossimo» («Deus e o Próximo»), sob o nome de um Livro de ouro, e imediatamente os pedidos aumentaram, de maneira que a edição depressa se esgotou.

O Eminentíssimo Senhor Cardeal Cassetta, de feliz memória, a quem nunca se tinha enviado a publicação diretamente, pediu-nos de uma só vez 50 exemplares.

Passou-se à segunda edição, mais numerosa, e depois à terceira. Uma e outra depressa se esgotaram.

Por motivos de propaganda, a venda era feita a preços moderados, a ponto de a obra ser publicada somente com a sua despesa.

Naquela época aconteceu-nos um episódio agradável, que recordamos com prazer.

Chegou diretamente a mim uma carta do Vaticano, que nos foi escrita por aquele angélico Bispo, hoje Núncio Apostólica na Venezuela e então Secretário de D. Tacci (que hoje é um benemérito Cardeal), que era o Mons. Cento, sucessivamente consagrado Bispo de Acireale, e que talvez será Cardeal da Santa Igreja ou, quem sabe também, daqui a muitos anos que fazemos votos por que transcorram sobre a venerada cabeça de Pio XI, poderia ser o Pastor Anjoscus das Profecias em que alguns crêem e outros não, do Bispo da Irlanda, Malaquias.

Nunca tinha entrado em contato antes com esta amável Personagem.

Nessa missiva, ele mostrou-se entusiasta da leitura de O Relógio da Paixão, cujo autora era anônima, e pediu que lhe revelasse o nome e o endereço da mesma, pois desejava estabelecer relações espirituais com ela.

Na verdade, não soube dizer não.

Porém, ele não se contentou com relações epistolares, mas quis ir visitar a Eleita do Senhor. Aliás, para legitimar essa sua viagem tão distante, ofereceu-se para a pregação de um Tríduo ao Santíssimo Coração de Jesus, na Igreja-Mãe. E todos os dias ia ao lado da cama da piedosa Autora com quem, de muito bom grado, tratava temas de espiritualidade.

Depois de partir daquela cidade, conservou sempre a mais grata memória dessa alma tão querida a Jesus.

Após ter esgotado a 3ª edição, chegou a 4a, aumentada de outros escritos da Serva de Deus. Dessa vez a impressão foi feita na nossa Tipografia, gerida pelas Irmãs da minha Confiança em Messina, em número de 15 mil exemplares. Repetimos o aviso e os pedidos chegaram a todas as nossas Casas.

Não é sem motivo que este livro suscitou tanto entusiasmo, porque é ditado com o transporte do amor, com tal introspecção dos sofrimentos do Verbo feito carne que arrebatava o ânimo de quem o lê e muito mais daquele que o medita.

Mas obtém-se mais, um inegável concurso da Graça que se poderia dizer que deseja duas coisas: uma consiste nas vastas Reparações de todos os pecados

do mundo, de todos os tipos, reproduzidas das mesmas que Nosso Senhor Jesus Cristo apresentava interiormente, no tempo da sua Paixão extremamente acerba, ao seu Pai eterno. Por estas reparações da Autora de O Relógio Nosso Senhor, como piedosamente se acredita, prometeu a quem meditar estas Horas e lá onde elas se meditarem, muitas isenções de castigos divinos.

Outra finalidade divina é precisamente a da aplacação da Justiça divina, o perdão dos flagelos que o Senhor prepara.

Depois destas publicações que empreendemos, há capítulos que prenunciam os flagelos divinos, terremotos, guerras, fogo, inundações, devastações dos campos, epidemias, misérias e semelhantes. Tudo, tudo foi predito vários anos antes, e tudo aconteceu, e ainda muito deve realizar-se. Porém, o estado de vítima desta alma e as suas orações e lágrimas, os seus sofrimentos e ousadias de amor a Jesus pouparam uma parte dos flagelos e ainda hão-de poupar outras mais.

Uma característica do grande desapego desta alma de todas as coisas terrestres encontra-se no desprezo delas e na constância em não aceitar qualquer presente ou dinheiro, nem outras coisas.

As pessoas que leram O Relógio da Paixão, e nas quais nasceu um sentido de sagrado afeto por esta alma solitária e desconhecida, muitas vezes me

escreveram dizendo que lhe queriam enviar dinheiro. Contudo, ela opôs-se decididamente, como se a tivessem ofendido.

A sua vida é muito modesta. Ela possui pouco e vive com uma amorosa parente que a assiste. O pouco que ambas possuem – não é suficiente para o aluguel da casa e para a manutenção indispensável nessa triste época do alto custo de vida – é completado pelo seu tranqüilo trabalho, como já dissemos antes, do qual obtém algum lucro, do qual deve fruir especialmente a sua amorosa parente, dado que ela não gasta em roupas nem em calçados, e a sua alimentação é de poucos gramas por dia, que lhe é oferecido pela assistente, uma vez que ela nada pede e, além disso, depois de poucas horas de ter ingerido o frugal alimento, vomita-o.

Porém, o seu aspecto não é de uma moribunda, mas nem sequer de uma pessoa perfeitamente sadia. E todavia não está inerte, mas consoma as forças, quer com as sobre-humanas vicissitudes do padecimento e do cansaço noturno, quer com o trabalho diurno.

Portanto, a sua vida reduz-se quase a um milagre perene.

Ao seu grande desapego de qualquer lucro que não obtenha com as suas próprias mãos deve acrescentar-se a sua firmeza de jamais ter desejado aceitar

o pouco que, por direito, lhe pertenceria como proprietária literária da edição e da venda de O Relógio da Paixão.

Enquanto a impelia a não o rejeitar, respondeu: «Não tenho qualquer direito, porque o trabalho não é meu, mas de Deus». Não vou além.

É mais celeste que terrestre a vida desta Virgem Esposa de Jesus, que quer passar pelo mundo ignorada e desconhecida, buscando unicamente Jesus e a sua Santíssima Mãe, a quem ela chama Mamãe e de cuja alma recebeu uma especial proteção.

Na medida em que, com a ajuda do Senhor, forem publicados os seus volumosos escritos, que lhe são ditados por Nosso Senhor, pela ternura com que Jesus a trata, pelas palavras dóceis com que a chama, pelos abraços celestes e pela sua amorosa correspondência, revelar-se-ão coisas admiráveis das virtudes singulares desta alma que talvez um dia, depois de sair triunfante dos juízos infalíveis da Santa Igreja, suba aos altares em proteção de muitos e de muitas.

Distribuição dos escritos da piedosa Autora de O Relógio da Paixão

Estes escritos que nos foram confiados pela Serva do Senhor, por ordem autorizada do Arcebispo, a quem ela pertence, podem dividir-se em três partes.

A primeira é um breve resumo da sua Infância e Juventude, antes que fosse condenada a ficar de cama. Trata-se de um verdadeiro compêndio, escrito recentemente por obediência, sem a qual por nenhum pacto ao mundo teria revelado as suas antigas memórias.

Mas são notícias que revelam como Nosso Senhor a destinava a coisas sublimes.

Quando recebeu esta obediência, consultou Nosso Senhor e desejava que lhe fosse afastado este cálice sem que o tivesse de beber.

Todavia, Nosso Senhor apoiou a obediência, e eis como ela refere a esta questão.

A segunda parte, que compreende os volumes 1-10, é formada por escritos que remontam à sua vida juvenil; e neles têm início as Revelações atribuídas a Nosso Senhor, que a instrui acerca do começo das práticas de piedade, da mortificação e do exercício de todas as santas virtudes da Fé, da Esperança, da Caridade, da Humildade, da Pureza, da Obediência, da Mansidão, da

constância nas obras de bem, e acerca do Amor Divino e de coisas semelhantes.

Trata-se de lições admiráveis, que revelam um espírito sobre-humano, com características muito simples.

A 3a parte encerra todo o objetivo pelo qual Nosso Senhor Jesus Cristo quis escolher para si uma alma como instrumento na sua mão onipotente, desejando plasmá-la à sua maneira e fazer dela um veículo para manifestar ao mundo uma doutrina totalmente nova, em demonstração do que quer dizer Vontade Divina e preparar assim o grande triunfo do terceiro Fiat na terra.

O primeiro Fiat tirou do nada o Universo criado.

Ao segundo Fiat, nos lábios purpúreos da Santíssima Virgem Maria saudada pelo Anjo, devem ser unidas a Encarnação do Verbo Divino no seu Seio puríssimo e a conseqüente Redenção do gênero humano.

O terceiro Fiat foi-nos entregue por Nosso Senhor Jesus Cristo na grandiosa oração do pai-nosso, com estas palavras divinas: «Fiat Voluntas tua, sicut in Coelo et in terra» (Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu).

Esta súplica do terceiro Fiat, que desde há vinte séculos ressoa nos lábios dos filhos da Santa Igreja, no Sacerdócio real do grande Sacrifício da Santa Missa, apesar de todas as oposições e iniquidades humanas, esta súplica deve obter a sua grande realização.

Ela não pode deixar de ser ouvida. Todos os Santos, Doutores, Pregadores e Mestres da Teologia ascética decantaram o cumprimento da Vontade de Deus como ápice da perfeição. Verificaram-se três níveis de uniformidade ao Desejo Divino, de conformidade com os mesmos e de transformação, ou seja, de aniquilamento da nossa vontade à Vontade Divina.

Todavia, as revelações que preenchem volumes de manuscritos da Autora da Paixão sobre este argumento têm a característica de uma instrução totalmente nova e celeste, e sempre da maneira mais fácil e persuasiva. As comparações e as semelhanças ilustram de forma admirável esta doutrina ditada às vezes de modo autorizado, que faz recordar a afirmação de São João no Evangelho: «Jesus ensinava com autoridade».

Às três partes da uniformidade, da conformidade e da transformação, esta nova doutrina acrescenta a quarta qualidade em que tudo se resume, e que até agora nunca foi expressa por qualquer escritor, mas que de certa forma se radica nos Livros Sagrados, especialmente no Salmista e no Apóstolo das gentes.

Isto significa atuar em tudo na Vontade Divina.

Quando esta fórmula apareceu pela primeira vez nos dois pequenos tratados de O Relógio da Paixão, para muitos – aliás, para todos – pareceu pouco compreensível.

Não obstante, algo deveria ser entendido à primeira vista, considerando a preposição em, articulada ou não, que abre o horizonte a grandes significados.

O símbolo dos Apóstolos faz-nos dizer: creio em Deus Todo-Poderoso, o que é muito diverso de afirmar: creio [que] Deus [é] Todo-Poderoso, ou a Deus Todo-Poderoso.

Depois da leitura de O Relógio da Paixão, muitas pessoas pediram explicações acerca do que haveria de significar o atuar e viver na Vontade Divina.

Estes escritos admiráveis, que piedosamente acreditamos que são ditados pelo Verbo Divino feito homem, conduzem pouco a pouco quem os lê com Fé sempre de amor, à compreensão desta fórmula. As revelações atuam de muitas formas novos horizontes, desde agora não contemplados sobre os mistérios do Desejo Divina e sobre o fato de se atuar e de se viver nela. E uma coisa é certa, que antes ainda de se chegar ao conhecimento total do que significa atuar e viver na Vontade Divina, quem lê estes escritos não pode deixar de ficar

apaixonado pela Vontade de Deus, de sentir novos e generosos impulsos, e um compromisso divino em transformar-se totalmente a si mesmo na Vontade Divina.

Estas revelações diriam que esta ciência da Vontade Divina formará Santos com uma perfeição mais sublime da de todos os Santos que jamais existiram.

Se alguém considerar esta expressão exagerada, convido-o a ler o tratado da Santíssima Virgem Maria, do Beato Luís M. Grignon, onde encontrará uma página em que se diz que na Santa Igreja deverão nascer homens de santidade em comparação com os quais os maiores Santos da Igreja não sejam senão plantazinhas diante de árvores frondosas.

Estas predições evocariam a doutrina do livro do teólogo alemão Roleng: livro este que foi traduzido em francês e do francês em italiano, e depois oferecido ao Santo Padre Pio X, que escreveu uma missiva de louvor ao tradutor, elogiando também os estudos feitos por Roleng sobre a Sagrada Escritura, sobre eventos futuros.

Será então, porventura, que se concretizará o triunfo do Fiat com uma só grei e um só Pastor?

De qualquer forma, Deus prepara sempre os seus triunfos universais com triunfos parciais.

Ele forjou esta alma desconhecida e transformou-a no seu Desejo Divino, de tal maneira que da vontade da alma e da de Jesus adorável se formou uma única vontade: a Vontade Divina.

Quem sabe quantas almas se hão de formar com esta doutrina celeste, antes que chegue o seu triunfo universal.

* * *

Exortação

Ó almas que amais a Jesus Cristo, ó almas que fazeis a profissão de vida espiritual e especialmente vós. Esposas de Jesus Cristo, a Ele consagradas com os votos ou com a pertença às sagradas Congregações, considerai de tudo o que se disse quanta felicidade proporcionais ao Sacratíssimo Coração de Jesus quando praticais estas Horas da Paixão. É particularmente para vós que este Relógio da Paixão foi inspirado por Nosso Senhor nessa alma solitária e contemplativa, que desde há muitos anos o exerce com grande proveito para si mesma e para toda a Santa Igreja. Graças especiais vos são reservadas se vos

afeiçoardes a este santo exercício diário e tiverdes os mesmos sentimentos e as mesmas disposições da alma o ditou e o pratica há muito anos.

Dos sentimentos tão íntimos e das disposições tão amorosas desta alma, passareis aos sentimentos e às disposições mesmos de Nosso Senhor Jesus Cristo nas 24 Horas em que padecia por nosso amor. E é impossível que neste exercício compassivo e nos próprios afetos incompreensíveis da Mãe Divina das Dores! Será uma vida com Jesus sofredor e com Maria paciente, e uma fruição dos imensos bens eternos para si e para todos!

O que dizer do grande bem que isto seria para cada Comunidade religiosa, em vista de progredir em santidade, conservar-se, crescer em número de almas eleitas e gozar de mais genuína prosperidade? Portanto, quanto empenho cada Comunidade deveria assumir, praticando constantemente este piedoso exercício! E as almas daquela Comunidade que dia após dia se aproximam da Santa Mesa receberiam a Sagrada Comunhão com tais disposições de fervor e com amor a Jesus, que cada Comunhão seria como que renovadas núpcias da alma com Jesus na mais íntima e crescente união de amor!

Se Jesus, por uma só alma que percorresse estas Horas, pouparia castigos àquela cidade e concederia graças a tantas almas quantas são as palavras deste Relógio doloroso, quantas graças poderia esperar uma Comunidade, de

quantos defeitos e sucumbências seria curada ou preservada, e de quantas almas obteria a santificação e a salvação, praticando este piedoso exercício!

Se em cada Comunidade houvesse uma alma que se aplicasse em praticá-lo com maior atenção durante o dia, às vezes mesmo no meio das jornadas atarefadas, e à noite com uma breve vigília!

Mas seria o cúmulo do divino e o máximo do proveito para a Comunidade e para o mundo inteiro, se tal exercício fosse praticado por todas, alternadamente de dia e de noite!

* * *

Método para a piedosa prática do Relógio da Paixão

Há quem julgue que se trata de algo árduo, se não impossível, praticar esta devoção do Relógio doloroso. Há pessoas que se podem perguntar como é possível meditar todos os dias 24 horas, das 17 de hoje às 17 de amanhã, e depois recomeçar do início? Sem dúvida, humanamente isto é impossível. Dizemos humanamente, porque com uma assistência especial da Graça Divina esta meditação contínua e ininterrupta é o que faz desde há muitos anos aquela Alma solitária que escreveu esta pequena obra.

Mas sem que pretendamos tanto, a meditação das 24 Horas da Paixão, Morte e Sepultura de Nosso Senhor Jesus Cristo, pode-se adaptá-la de várias maneiras, em conformidade com as diversas condições e circunstâncias.

Primeira maneira

A primeira destas maneiras adaptáveis para pessoas que levam uma vida bastante retirada e contemplativa, ou em um Mosteiro ou ainda em casa (e certamente são poucas), seria de ler primeiro o inteiro livro de O Relógio da Paixão, um pouco de cada vez em vários dias, na medida do possível, e meditá-lo. Depois de o ter terminado inteiramente e de ter formado uma idéia de conjunto, a pessoa devota colocará diante de cada hora o título e o conteúdo dessa mesma hora; e quando não puder fazer mais, desempenhando as outras indispensáveis ocupações do dia, cuidará pelo menos de recordar-se do mistério de cada hora sucessiva, concentrando-se com a mente na Presença Divina e acompanhando com algumas jaculatórias interiores. Para esta finalidade será muito útil recordar-se do Horário das 24 horas com o mistério correspondente, como está disposto na página 73, ou ter em vista o elenco das horas.

Será ainda melhor se em algumas horas a pessoa puder dar uma olhada no relativo mistério e conferi-lo no livro. Se a alma se aplicar com esta intenção e atenção, e perseverar, não lhe faltará a ajuda da Graça Divina.

Isto é válido para dia; mas à noite, dado que é indispensável dormir pelo menos de cinco a seis horas, antes de ir para a cama a pessoa devota poderá ler uma ou duas Horas antecipadamente (cuja leitura, como dissemos, não deve superar 60 minutos). Das outras Horas que pertencem à noite, a pessoa há de ler pelo menos os títulos; depois, formar a intenção que, dormindo nessas horas noturnas, pretende meditar com o espírito as Horas que não pode meditar acordado. Na sua bondade infinita, Nosso Senhor aprecia esta intenção como se fosse a própria ação.

Segunda maneira

As pessoas que vivem suficientemente ocupadas durante o dia, por múltiplos afazeres também domésticos, poderiam praticar este exercício piedoso de outra maneira, que lhes seja mais adapta. Admitimos como certo o fato de que devem aplicar-se pelo menos uma hora por dia na leitura e meditação da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, mesmo que seja em duas etapas, ou seja, meia hora de manhã e meia hora à noite. Em vez de escolherem outro livro, eles devem optar por este e, começando pela primeira página deste Relógio doloroso, leiam e meditem algumas das suas páginas por cerca de trinta minutos e depois, na segunda meia hora à noite, continuem com as páginas seguintes; e assim cada vez, sempre em continuação, até que após um certo número de dias, o terminar inteiramente.

Então, recomecem do início para voltarem a concluí-lo, e depois novamente desde o princípio; e assim continuem a fazê-lo por vários meses. Após terem assim formado uma idéia de todo o Relógio da Paixão, poderiam muito bem continuar com a habitual meditação de trinta minutos na parte da manhã e trinta minutos à noite, geralmente variando as Horas, mas nas outras horas do dia e da noite leiam os títulos, com a intenção de desejar meditar estes mistérios de hora em hora, isto é, mesmo no meios das ocupações, e dormindo à noite desejem intencionalmente meditar os mistérios correspondentes, dos quais hão de ler ou recordar na mente somente os títulos.

Porém, nas sextas-feiras seria desejável que se meditassem a Crucifixão e as três horas de agonia na Cruz.

Entenda-se bem que esta leitura ou meditação, assim como qualquer oração mental, deve ser acompanhada de uma preparação, portanto de afetos, atos de amor e semelhantes, e depois é necessário fazer a ação de graças.

Terceira maneira

Um método para terminar todas as Horas da Paixão de dia e de noite consistiria em associar 24 pessoas neste exercício e cada uma meditar uma Hora. Aquelas a quem fossem reservadas as horas da noite, cada uma poderia

ocupar-se da sua Hora com antecedência à tarde e depois fazer a intenção de a repetir na hora correspondente, mesmo no meio do sono. E se depois se encontrassem oito pessoas fervorosas e cada uma disposta a fazer uma hora de vigília durante a noite, por amor de Jesus Cristo que passava todas as noites em prece por nós, oh então das 10 da noite às 6 da manhã cada uma destas oito pessoas meditaria uma Hora atribuída e assim as 24 Horas seriam praticadas em continuação, com grande deleite de Nosso Senhor, com grande proveito para os 24 praticantes e para o bem de toda a Santa Igreja militante e purificadora, e para glória da Triunfadora!

Desta maneira, com um pouco de boa vontade, este santo exercício poderia ser praticado nas Comunidades religiosas observantes, que dele receberiam especiais bênçãos de Deus Todo-Poderoso.

* * *

Publicação de uma carta enviada pela piedosa Autora ao Rev.do Côn.

Aníbal di Francia

«Reverendíssimo Padre

Eis que finalmente lhe envio as Horas escritas da Paixão, e tudo para glória de Nosso Senhor. Incluo também outro folheto que contém os afetos e as lindas

promessas de Jesus para quem pratica estas Horas da Paixão. Julgo que se quem as meditar é pecador, se converterá; se é imperfeito, tornar-se-á perfeito; se é santo, será mais santo; se é tentado, triunfará; se é sofredor, encontrará nestas Horas a força, o remédio e o conforto; e se a sua alma é frágil e pobre, encontrará o alimento espiritual e um espelho onde se admirará continuamente para ataviar-se e tornar-se semelhante a Jesus, nosso modelo. O deleite que Jesus abençoado haure da meditação destas Horas é tão grande que desejaria que destas meditações houvesse pelo menos um exemplar para cada cidade ou aldeia e elas fossem praticadas; então, nessas reparações Jesus sentiria reproduzir-se a sua própria voz e as suas orações, que ela dirigia ao seu Pai nas 24 Horas da sua dolorosa Paixão; e se isto fosse feito em cada aldeia ou cidade por algumas almas, Jesus parece fazer-me entender que a Justiça divina ficaria parcialmente aplacada e em parte terminariam e seriam interrompidos os seus flagelos nestes tristes tempos de desgraça e de derramamento de sangue.

Reverendo Padre, dirija este apelo a todos: cumpra assim a pequena obra que o meu amável Jesus me realizar. Digo-lhe também que o objetivo destas Horas da Paixão não é tanto de narrar a história da Paixão, dado que existem muitos livros que abordam este piedoso tema, e não seria necessário escrever outro; mas a sua finalidade é a reparação, unindo os vários pontos da Paixão de Nosso Senhor à diversidade de tantas ofensas e, juntamente com Jesus, fazer a digna reparação das mesmas, fazendo-lhe quase tudo aquilo que todas as criaturas lhe devem; e daqui os vários modos de reparação; nestas Horas, isto

é, em alguns trechos abençoa-se e em outros compadece-se; em alguns louva-se e em outros conforta-se o sofredor; em alguns compensa-se e em outros suplica-se, reza-se e pede-se. Por isso deixo-lhe, Reverendo Padre, [a tarefa] de tornar conhecida a finalidade destes escritos com um prefácio».

* * *

As vinte e quatro Horas da Paixão

Preparação para cada Hora

Ó meu Senhor Jesus Cristo, prostrado na tua presença divina, suplico o teu amorosíssimo Coração que deseje admitir-me na dolorosa meditação das 24 Horas, em que por nosso amor tanto quiseste sofrer no teu corpo adorável e na tua alma santíssima, até à morte de cruz. Deus, dá-me ajuda, graça, amor, profunda compaixão e compreensão dos teus sofrimentos, enquanto agora medito a Hora_____.

E para aquelas que não posso meditar, ofereço-te a vontade que teria de o fazer e pretendo intencionalmente meditá-las em todas as horas que sou obrigado a aplicar-me nos meus deveres ou a dormir.

Ó misericordioso Senhor, aceita a minha amorosa intenção e faz com que seja de proveito para mim e para todos, como se efetiva e santamente executasse quanto eu desejaria praticar.

Entretanto dou-te graças, ó meu Jesus, que por meio da oração me chamas à união contigo e, para agradar-te ainda mais, tomo os teus pensamentos, a tua língua, o teu coração e com eles pretendo rezar, amalgamando-me inteiramente na tua Vontade e no teu amor e, estendendo os braços para abraçar-te, apoio a minha cabeça no teu coração e começo.

Agradecimento depois de cada Hora

Meu amável Jesus, Tu chamaste-me nesta Hora da tua Paixão a fazer-te companhia e eu vim. Parecia que te ouvia, angustiado e sofredor, pedir, reparar e sofrer, e com as vozes mais comovedoras e eloqüentes perorar a salvação das almas.

Procurei seguir-te em tudo e agora, devendo deixar-te para me dedicar às minhas habituais ocupações, sinto o dever de dizer-te «obrigado», e «bendigo-te».

Sim, ó Jesus, repito-te obrigado milhares de vezes e bendigo-te por tudo o que fez e sofreu por mim e por todos. Obrigado e bendigo-te por cada gota de

sangue que derramaste, cada respiro, cada palpitação, cada passo, cada palavra, cada olhar, cada amargura e cada ofensa que suportaste. Ó meu Jesus, pretendo assinalar-te em tudo com um «obrigado» e um «bendigo-te».

Deus, ó Jesus, faz com que todo o meu ser te mande um fluxo contínuo de agradecimentos e de bênçãos, de forma a atrair sobre mim e sobre todos o fluxo das tuas bênçãos e graças. Deus, ó Jesus, aperta-me ao teu coração e com as tuas mãos santíssimas marca cada partícula do meu ser com o teu «bendigo-te», para fazer com que de mim não saia senão um contínuo hino a ti.

As Horas da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo

Primeira Hora - das 5 às 6 da tarde

Jesus despede-se de sua Santíssima Mãe

Ó Mamãe celeste, a hora da separação já se apressa e eu venho a ti. Ó Mãe, dá-me o teu amor e as tuas reparações, dá-me a tua dor, porque juntamente contigo quero seguir passo a passo o adorado Jesus.

E eis que Jesus vem, e tu, com o ânimo transbordante de amor, corres ao seu encontro e, vendo-O tão pálido e triste, o teu coração aperta de dor, as forças faltam-te e já estás prestes a cair aos seus pés.

Ó minha doce Mamãe, tu sabes porque o adorável Jesus veio ter contigo? Ah, Ele veio para dar-te o último adeus, para dizer-te a derradeira palavra, para receber o último abraço!

Ó Mãe, estreito-me a ti com toda a ternura de que este meu pobre coração é capaz a fim de que, apertado e envolvido a ti, também eu possa receber os abraços do adorado Jesus. Porventura me desdenharás? Ao contrário, não é um conforto para o teu coração ter uma alma próxima de ti, para compartilhar os seus sofrimentos, os afetos as reparações?

Ó Jesus, nesta hora tão angustiante para o teu terníssimo coração, que ensinamento nos dás, de filial e amorosa obediência à tua Mamãe! Que doce harmonia perpassa entre ti e Maria! Que suave encanto de amor, que sobe até ao trono do Eterno e se dilata a salvação de todas as criaturas da terra!

Ó minha Mamãe celeste, tu sabes o que quer de ti o adorado Jesus? Somente a última bênção. É verdade que de todas as partículas do teu ser só saem bênçãos e louvores ao teu Criador; mas ao despedir-se de ti, Jesus quer ouvir estas doces palavras: «Bendigo-te, ó Filho». E aquele «Bendigo-te» cancela todas as blasfêmias do seu ouvido e, doce e suave, desce ao seu coração; e, como que reparando todas as ofensas das criaturas, Jesus quer o teu «Bendigo-te».

Também eu me uno a ti, ó doce Mamãe: nas asas dos ventos desejo dar voltas no Céu para pedir ao Pai, ao Espírito Santo, a todos os anjos, um «Bendigo-te» a Jesus, a fim de que, ao ir ter com Ele, Ihe possa levar as suas bênçãos. E aqui na terra desejo ir a todas as criaturas e pedir de todos os lábios, de cada palpitação, de cada passo, de cada respiro, de cada olhar, de cada pensamento, bênçãos e louvores a Jesus; e se ninguém me quiser dá-los, eu mesmo lhos pretendo dar por eles.

Ó doce Mamãe, depois de ter vagado prolongadamente para pedir à Sacrossanta Trindade, aos anjos, a todas as criaturas, à luz do sol, ao perfume das flores, às ondas do mar, a cada sopro de vento, a cada centelha de fogo, a cada folha que se move, ao brilho das estrelas, a cada movimento da natureza, um «Bendigo-te»; venho a ti e juntamente com as tuas, coloco as minhas bênçãos.

Ó minha doce Mamãe, vejo que disto tu recebes conforto e alívio e ofereces a Jesus todas as minhas bênçãos, em reparação das blasfêmias e maldições que Ele recebe das criaturas. Mas enquanto ofereço tudo a ti, ouço a tua voz trêmula que diz: «Filho, abençoa-me também a mim!».

Ó meu doce Amor, Jesus, volta a abençoar-me juntamente com a tua Mamãe; abençoa os meus pensamentos, o meu coração, as minhas mãos, as minhas

obras, os meus passos e, juntamente com a tua Mãe, abençoa todas as criaturas.

Ó minha Mãe, quando olhas para o rosto do amargurado Jesus, pálido, triste e sofredor, nasce em ti a recordação das dores que daqui a pouco Ele deverá padecer. Prevês o seu rosto coberto de escarros e abençoa-lo, a cabeça traspassada pelos espinhos, os olhos vedados, o corpo dilacerado pelas flagelações, as mãos e os pés furados pelos cravos, e onde quer que Ele estiver para ir, tu segue-lo com as tuas bênçãos; e juntamente contigo, sigo-o também eu. Quando Jesus for atingido pelas flagelações, coroado de espinhos, esbofeteado, traspassado pelos pregos, encontrará em toda a parte, juntamente com o teu, também o meu «Bendigo-te».

Ó Jesus, ó Mãe, tenho compaixão de vós; a vossa dor è imensa nestes últimos momentos; o coração de um parece dilacerar o coração da outra.

Ó Mãe, tira o meu coração da terra e vincula-o com força a Jesus, a fim de que, junto a ele, possa tomar parte nas tuas dores e, enquanto vos estreitais, vos abraçais, vos lançais mutuamente os últimos olhares, os derradeiros beijos, estando eu no meio dos vossos dois corações, possa receber os vossos últimos beijos, os vossos derradeiros abraços. Não vedes que não posso ficar sem vós, apesar da minha miséria e da minha tibieza?

Jesus, Mamãe, conservai-me unidos a vós; dai-me o vosso amor, o vosso Desejo; fulminai o meu pobre coração, cingi-me entre os vossos braços; e juntamente contigo, ó doce Mãe, quero seguir passo a passo o adorado Jesus, com a intenção de lhe dar conforto, alívio, amor e reparação para todos.

Ó Jesus, juntamente com a tua Mamãe, beijo-te o pé esquerdo, implorando-te te querer perdoar-me, assim como todas as criaturas pelas numerosas vezes que não caminhamos rumo a Deus.

Beijo o teu pé direito: perdoa-me, a mim e a todos, pelas inúmeras vezes não seguimos a perfeição que tu desejavas de nós.

Beijo-te a mão esquerda: comunica-nos a tua pureza.

Beijo a tua mão direita: abençoa todos as minhas palpitações, pensamentos, afetos, a fim de que, revigorados pela tua bênção, todos se santifiquem; e juntamente comigo abençoa ainda todas as criaturas e sela a salvação das suas almas com a tua bênção.

Ó Jesus, juntamente com a tua Mamãe abraço-te e, beijando o teu coração, peço-te que coloques no meio dos vossos dois corações também o meu, para que se alimente continuamente dos vossos amores, das vossas dores, dos vossos próprios afetos, dos vossos desejos e da vossa própria vida. Assim seja.

Reflexões e Práticas

Antes de dar início à sua paixão, Jesus vai ter com sua Mãe para pedir-lhe a bênção. Neste ato, Jesus ensina-nos a obediência, não apenas externa, mas também interna, que devemos ter para corresponder às inspirações da graça. Às vezes não estamos prontos a concretizar uma boa inspiração, ou porque somos impedidos pelo amor próprio a que se une a tentação, ou por respeito humano, ou ainda por não fazer santa violência a nós mesmos.

Contudo, quando rejeitamos a boa inspiração de exercer uma virtude, de realizar um ato virtuoso, de fazer uma boa obra, de praticar uma devoção, faz com que o Senhor se afaste, privando-nos de novas inspirações.

Ao contrário, a pronta correspondência, piedosa e prudente às santas inspirações, atrai-nos maiores luzes e graças.

Em caso de dúvida, recorre-se prontamente e com reta intenção ao grande instrumento da oração e ao conselho reto e probo. Assim, o bom Deus não deixa de iluminar a alma a realizar a salutar inspiração, e a fazer com que esta cresça, para o proveito sempre maior da mesma.

As nossas ações, os nossos atos, as nossas orações, as Horas da Paixão, devemos fazê-las com as mesmas intenções de Jesus, segundo a sua Vontade, e sacrificando-nos a nós mesmos como Ele, para a glória do Pai e para o bem das almas.

Devemos estar dispostos a sacrificar-nos em tudo por amor do nosso amável Jesus, uniformando-nos ao seu espírito, agindo com os seus próprios sentimentos e abandonando-nos n'Ele, não só em todas as dores e contrariedades externas, mas muito mais em tudo aquilo que puder dispor no nosso interior; e assim, no momento oportuno, encontrar-nos-emos prontos a aceitar qualquer sofrimento. Fazendo assim, daremos ao nosso Jesus pequenas porções de doçura; além disso, se fizermos tudo isto segundo a Vontade de Deus, que contém todas as ternuras, todas as alegrias e de modo imenso, daremos a Jesus grandes porções de doçura, de maneira a mitigar a intoxicação que lhe proporcionam as criaturas e consolar o seu Coração Divino.

Antes de começar qualquer ação, invoquemos sempre a bênção de Deus, para fazer com que as nossas ações tenham o toque da divindade e atraiam as suas bênçãos sobre nós, e não só, mas sobre todas as criaturas.

Meu Jesus, a tua bênção me preceda, me acompanhe e me siga, a fim de que tudo o que eu fizer possua o sinal do teu «Bendigo-te».

Segunda Hora

Das 6 às 7 da tarde

Jesus separa-se de sua Santíssima Mãe e vai ao cenáculo

Meu adorável Jesus, enquanto juntamente contigo participei das tuas dores e da tua aflita Mamãe, vejo que decides partir para ir aonde a Vontade do Pai te chama. O amor entre Filho e Mãe é tanto que vos torna inseparáveis, pelo que tu te abandonas ao coração da Mamãe e a Rainha e doce Mamãe se coloca no teu, pois de outra forma seria impossível separardes-vos. Mas depois, abençoando-vos reciprocamente, tu lhe dás o último beijo para animá-la nas dores acerbadas que está para suportar, lhe dás o derradeiro adeus e partes.

Mas a palidez do teu rosto, os teus lábios trêmulos, a tua voz sufocada, como se quisesse desatar em pranto ao dizer adeus, ah, tudo me diz quanto a amas e como sofres ao deixá-la!

Mas para cumprir a Vontade do Pai, com os vossos corações unidos um ao outro, submeteis-vos a tudo, desejando reparar por aqueles que, para não renunciar às ternuras de parentes e amigos, aos vínculos e afeições, não se preocupam em cumprir a santa Vontade de Deus, nem em corresponder ao estado de santidade a que Deus os chama. Quanta dor te causam estas almas,

ao afastarem do seu coração o amor que lhes queres dar, para contentarem-se do amor das criaturas!

Meu adorável amor, enquanto juntamente contigo reparo, permite-me que permaneça com a tua Mamãe para consolá-la e sustentá-la, enquanto partes; depois acelerarei o passo para ir ao teu encontro. Mas é com suma dor que vejo que a minha angustiada Mamãe treme, e a dor é tanta que, enquanto está prestes a dizer adeus ao Filho, a voz desfalece nos seus lábios e ela não consegue articular uma só palavra, quase desmaia e no seu desfalecimento de amor diz: «Meu Filho, meu Filho, abençô-te! Que amarga separação, mais cruel que toda a morte!». Mas a dor volta a impedir-lhe de falar e emudece-a!

Rainha desconsolada, deixa-me que te sustenha, que enxugue as tuas lágrimas e que me compadeça diante da tua amarga dor! Minha mamãe, não te deixarei sozinha; e tu, leva-me contigo, ensina-me neste período tão doloroso para ti e para Jesus, o que devo fazer, como hei de defendê-lo, repará-lo e consolá-lo, e se devo entregar a minha vida para salvaguardar a sua.

Não, não me afastarei to teu manto. Ao teu sinal, voarei até Jesus e apresentar-lhe-ei o teu amor, os teus afetos, os teus beijos juntamente com os meus, e colocá-los-ei em cada ferida, em cada gota do teu sangue, em cada pena e insulto a fim de que, sentindo os beijos e o amor da Mamãe em cada pena, as suas dores sejam aliviadas. Depois, voltarei para baixo do teu manto, levando-

te os seus beijos para confortar o teu coração traspassado. Minha Mamãe, o meu coração pulsa, quero ir ter com Jesus. E enquanto beijo as tuas mãos maternas, tu abençoas-me como abençoaste a Jesus e permites que eu vá ter com ele.

Meu doce Jesus, o amor indica-me os teus passos e alcanço-te, enquanto percorres as ruas de Jerusalém juntamente com os teus amados discípulos. Olho para ti e vejo-te ainda pálido. Ouço a tua voz doce, sim, mas tão triste que despedaça o coração dos teus discípulos, que ficam perturbados.

«É a última vez - dizes tu - que percorro estas ruas sozinho; amanhã percorrê-las-ei atado, arrastado entre mil insultos». E indicando os pontos onde serás mais vituperado e dilacerado, continuas a dizer: «A minha vida aqui na terra está para terminar, assim como o sol está prestes a pôr-se, e amanhã a esta hora já não serei vivo! Mas como o sol ressurgirei no terceiro dia!».

Quando dizes isto, os Apóstolos entristecem-se, emudecem e não sabem o que responder. Mas tu acrescentas: «Coragem, não vos desanimeis; eu não vos abandono e serei sempre convosco; porém, é necessário que eu morra para o bem de todos vós».

Ao dizeres isto, comoves-te, mas com voz trêmula continuas a instruí-los. E antes de te fechares no cenáculo, contemplas o sol que se põe, como a tua vida

que está para terminar; ofereces os teus passos àqueles que se encontram no ocaso da própria vida e dás-lhes a graça de fazer com que esta termine em ti, reparando por aqueles que, não obstante os desprazeres e os reveses da vida, se obstinam em não se render a ti.

Depois olhas de novo para Jerusalém, o centro dos teus prodígios e das predileções do teu coração que, em contrapartida, já te está preparando a cruz, afiando os pregos para cometer o deicídio, enquanto tu tremes, sentes o teu coração destroçado e choras a sua destruição.

Assim, reparas para tantas almas a ti consagradas, que com muito cuidado procuravas formar como portentos do teu amor, e elas, ingratas e desagradecidas, fazem-te padecer ulteriores amarguras! Quero reparar juntamente contigo, para aliviar o tormento do teu coração.

Mas vejo que ficas estupefato ao ver Jerusalém e, afastando o olhar, entras no cenáculo. Meu amor, aperta-me ao teu coração a fim de que eu faça minhas as tuas amarguras, para oferecê-las juntamente contigo; tu conserva com piedade a minha alma e, derramando sobre ela o teu amor, abençoa-me.

Reflexões e Práticas

Jesus separa-se da sua Mãe com prontidão, não obstante isto suscita aflição ao seu Coração extremamente terno.

Estamos nós tão prontos a sacrificar, para cumprir a Vontade divina, também os afetos mais legítimos e santos?

(Examinemo-nos especialmente nos casos de afastamento da Providência Divina sensível, ou da devoção sensível).

Jesus não dava estes derradeiros passos em vão; neles, glorificava o Pai e pedia a salvação das almas. Nos nossos passos, devemos ter as mesmas intenções de Jesus, ou seja, de nos sacrificarmos pela glória do Pai e para o bem das almas. Além disso, devemos imaginar que seguimos as pegadas de Jesus Cristo; e como Jesus Cristo não caminhava em vão, mas inseria nos seus passos aqueles de todas as criaturas, reparando todos os passos equivocados para prestar ao Pai a glória que lhe é devida, e vida a todos os passos das criaturas, para que possam percorrer o caminho do bem, assim faremos nós, seguindo as pegadas de Jesus Cristo com as suas mesmas intenções.

Quando caminhamos pela rua, fazemo-lo com modéstia, recolhidos de modo a servir de exemplo para os outros? Enquanto o aflito Jesus caminhava, de vez em quando dirigia algumas palavras aos Apóstolos, falando-lhes da sua Paixão, já iminente; e nós, nos nossos diálogos, o que dizemos?

Nas nossas conversas recorreremos porventura, quando nos é oferecida a ocasião, ao argumento da Paixão do Redentor divino?

Jesus, cheio de amor, procurava confortar os Apóstolos quando eles se entristeciam e desanimavam. Nas nossas conversas, manifestamos acaso a intenção de aliviar Jesus Cristo, procuramos cumprir a Vontade de Deus, infundindo no próximo o espírito de Jesus Cristo? Jesus vai ao Cenáculo: devemos encerrar os nossos pensamentos, afetos, palpitações, preces, ações, alimentação e trabalho no Coração de Jesus Cristo no ato de atuar e, agindo assim, as nossas ações adquirirão a atitude divina. Mas dado que é árduo conservar sempre esta atitude divina, porque a alma dificilmente consegue fundir os seus atos de maneira contínua n'Ele, pode suprir então com a atitude da sua boa vontade, e Jesus apreciá-lo-á muito; far-se-á sentinela vigilante de cada um dos seus pensamentos, palavras e palpitações; manifestá-los-á dentro e fora de Si, conservando-os com grande amor, como fruto da boa vontade da criatura. Quando então a alma, unindo-se a Ele, cumpre os seus atos imediatos com Jesus, o bom Jesus sente-se tão atraído por esta alma que fará ao mesmo tempo o que ela fizer, e transformará em divina a ação da criatura. Tudo isto é efeito da Bondade de Deus, que tudo considera e tudo recompensa, mesmo que seja um pequeno ato, na Vontade de Deus, para fazer com que a criatura em nada seja defraudada.

Ó minha vida e meu tudo, os teus passos orientem os meus e, enquanto piso a terra, faz com que os meus pensamentos estejam no Céu!

Terceira Hora

Das 7 às 8 da noite

A Ceia legal

Ó Jesus, já chegas ao Cenáculo juntamente com os amados discípulos e sentas-te à mesa da ceia com eles. Quanta doçura, quanta afabilidade demonstras em toda a tua pessoa, abaixando-te para tomar pela última vez o alimento material! Em ti, tudo é amor; também nisto tu não só reparas os pecados da gula, mas impetras a santificação do alimento.

Jesus, minha vida, o teu olhar dócil e penetrante parece perscrutar todos os apóstolos e também naquele ato de tomar o alimento, o teu coração é traspassado, ao veres os teus queridos apóstolos ainda débeis e frágeis, especialmente o pérfido Judas, que já colocou um pé no inferno. E tu, do íntimo do teu coração, dizes com amargura: «Qual é a utilidade do meu sangue? Eis uma alma que tanto beneficiei: está perdida!».

E olhas para ele com os teus olhos cintilantes de luz e de amor, como que para fazê-lo compreender o grande mal que se prepara para realizar. Mas a tua suprema caridade faz com que suportes esta dor e não a manifestaste nem sequer aos teus amados discípulos.

E enquanto te entristeces por Judas o teu coração cumula-se de alegria quando vês à tua esquerda o seu querido discípulo João, a tal ponto que, não podendo mais conter o amor, atraindo-o docilmente a ti, lhe fazes reclinar a cabeça sobre o teu peito, fazendo-o antegozar o paraíso.

E é nesta hora solene que nos dois discípulos são representados os dois povos, o réprobo e o eleito: o réprobo em Judas, que já sente o inferno no seu coração; o eleito em João, que em ti descansa e goza.

Ó meu dócil Bem, também eu me aproximo de ti e, juntamente com o teu amado discípulo, quero apoiar a minha cabeça no teu adorável peito e suplicar-te que me faças experimentar também nesta terra as delícias do céu onde, arrebatado pelas doces harmonias do teu coração, a terra já não me seja terra, mas céu.

Mas nessas harmonias dulcíssimas e divinas percebo que em ti se sentem palpitações dolorosas: são pelas almas extraviadas! Ó Jesus, por favor, não permitas que outras almas se percam; faz com que a tua palpitação, fluindo na

deles, lhes consinta experimentar as palpitações da vida celestial, como as sentiu o teu querido discípulo João e, atraídos pela suavidade e docilidade do teu amor, todas elas possam render-se a ti.

Ó Jesus, enquanto permaneço apoiado no teu peito, dá também a mim o alimento, como o deste aos apóstolos: o alimento do amor, o alimento da palavra divina, o alimento da tua Vontade Divina. Ó meu Jesus, não me negues este alimento que tu tanto desejas dar-me, para que em mim se forme a tua própria vida.

Meu dócil Bem, enquanto estou perto de ti, vejo que o alimento que tu tomas juntamente com os teus diletos discípulos não é senão um cordeiro. Este é o cordeiro figurativo; e assim como neste cordeiro não permanece o humor vital pela força do fogo, também tu, Cordeiro místico que por amor te deves consumir inteiramente pelas criaturas, não conservarás sequer uma gota de sangue para ti, derramando-o todo por nosso amor.

Por isso, ó Jesus, nada fazes que não represente vivamente a tua dolorosíssima paixão, que tens sempre presente na mente, no coração, em tudo; e isto ensina-me que, se também eu tivesse diante da mente e no coração o pensamento da tua paixão, jamais me negarias o alimento do teu amor. Como te estou grato!

Ó meu Jesus, não te passa despercebido qualquer ato que me diz respeito e que tenciona fazer-me um bem especial. Por isso, peço-te que a tua paixão esteja sempre na minha mente, no meu coração, nos meus olhares, nos meus passos e nos meus sofrimentos, a fim de que, para onde quer que me volte, dentro e fora de mim, te encontre sempre presente em mim; e concede-me a graça de nunca esquecer o que sofreste e padeceste por mim. Este seja meu ímã que, atraindo todo o meu ser a ti, já não me afaste de ti.

Reflexões e Práticas

Antes de tomar o alimento, unamos as nossas intenções àquelas do nosso amável e bom Jesus, imaginando que na nossa boca está a boca de Jesus, e movamos a nossa língua e as nossas bochechas juntamente com as suas. Fazendo assim, não só atrairemos em nós a vida de Jesus Cristo, mas unir-nos-emos a Ele para prestar ao Pai a glória, o louvor, o amor, a ação de graças e a reparação completa devida às criaturas, e que o bom Jesus fazia no ato de tomar o alimento. Imaginemos também que estamos à mesa perto de Jesus Cristo, e depois que lhe lançamos um olhar, e agora que lhe pedimos que compartilhe a refeição conosco, que beijamos uma orla do seu manto, que contemplamos o movimento dos seus lábios, dos seus olhos celestes, que observamos o repentino obscurecimento do seu amabilíssimo Rosto, ao prever tantas ingratidões humanas!

Como o amante Jesus, que durante a ceia falava da sua Paixão, assim nós, ao tomarmos o alimento, faremos algumas reflexões sobre o modo em que percorremos as horas da Paixão. Os Anjos pendem dos nosso lábios para recolher as nossas preces, as nossas reparações, e levá-las diante do Pai para mitigar de alguma forma a sua justa indignação por tantas ofensas que recebe das criaturas, como lhe faziam quando o nosso Jesus estava na terra. E nós, quando rezamos, podemos porventura dizer que os Anjos estavam felizes, que nos recolhemos e fomos reverentes, de maneira que eles puderam levar ao Céu com alegria as nossas orações, como fizeram com as do nosso Jesus, ou ficaram entristecidos?

Enquanto o aflito Jesus tomava o alimento, ficava petrificado ao ver que perdia Judas, e em Judas via todas as almas que se haviam de perder; e dado que a perda das almas é o seu maior sofrimento, não podendo contê-lo, chamou para perto de si João para dele receber conforto. Assim, também nós lhe estaremos sempre próximos como João, compadecendo-nos dele nas suas dores, alentando-o e propiciando-lhe descanso no nosso coração; faremos nosso o seu sofrimento, identificar-nos-emos nele e assim sentiremos as palpitações daquele Coração divino traspassado pela perda das almas. Dar-lhe-emos as nossas palpitações para curar aquelas feridas e, no lugar destas, colocaremos as almas que querem extraviar-se, a fim de que se convertam e se salvem.

Cada palpação do Coração de Jesus é um «amo-te» que se repercute em todas as palpações das criaturas, que gostaria de encerrar todas no seu Coração para ter, em contrapartida, a palpação das mesmas; mas o amante Jesus não possui a palpação de muitas delas, e por isso a sua palpação fica como que sufocada e amargurada. E nós rezamos a Jesus para que assinale a nossa palpação com o seu «amo-te», a fim de que também o nosso coração possa viver a vida do seu Coração que, repercutindo-se na palpação das criaturas, as obrigue a dizer «Jesus, amo-te!». Aliás, unir-nos-emos a Ele e o amável Jesus far-nos-á sentir o seu «amo-te» que cumula o Céu e a Terra, circula nos Santos e desce ao Purgatório; todos os corações das criaturas são sensibilizados por este «amo-te» e os próprios elementos sentem a nossa vida, de tal forma que todos experimentam os seus efeitos. Também no seu respiro, Jesus sente-se como que sufocar em virtude da perda das almas; e nós dar-lhe-emos a nossa respiração de amor para o seu alívio e, tomando o seu respiro, sensibilizaremos as almas que se afastam dos seus braços, a fim de lhes dar a vida da respiração divina; para que, em vez de fugir, possam retornar e estreitar-se mais a Ele.

E quando nos encontramos em dificuldade e sentimos que a nossa respiração não é tão livre, então pensemos em Jesus, que na sua respiração contém o respiro das criaturas: também Ele, como as almas se perdem, sente que lhe falta a respiração; então, inserimos o nosso respiro dolente e ofegante na

respiração de Jesus para aliviá-lo e, com o nosso sofrimento, corramos ao pecador para obrigá-lo a encerrar-se no Coração de Jesus.

Meu querido Bem, a minha respiração seja um brado contínuo a cada respiro de criatura, e obriga-a a fechar-se na tua respiração.

A primeira palavra que o amante Jesus pronunciou na Cruz foi a palavra do perdão, para justificar perante o Pai todas as almas, para transformar a justiça em misericórdia. E nós dar-lhe-emos os nossos atos como perdão dos pecadores a fim de que, enternecido pelas nossas desculpas, nenhuma alma possa ir para o inferno. Unir-nos-emos a Ele como sentinelas dos corações das criaturas, para que ninguém o ofenda. Fá-lo-emos desabafar no amor, aceitando de boa vontade tudo o que dispuser de nós: tibiezas, insensibilidades, obscuridades, opressões, tentações, distrações, calúnias, enfermidades, entre outras, para aliviá-lo daquilo que recebe das criaturas. Não é somente com o amor que Jesus desabafa com as almas, mas muitas vezes, quando sente a frieza das criaturas, vai à alma e faz-lhe experimentar a sua frieza, para desafogar com ele; e se a alma a aceitar, Jesus sentir-se-á aliviado de todas as tibiezas das criaturas, e esta frieza será a sentinela no coração dos outros para que com que o amante Jesus seja amado.

Outras vezes, Jesus experimenta no seu coração a insensibilidade dos corações e, não podendo contê-la, quer desabafar e vem ter conosco; toca o

seu Coração com o nosso, fazendo-nos partícipes do seu sofrimento, enquanto nós, fazendo nossa a sua dor, a colocaremos em volta do coração do pecador para eliminar a sua insensibilidade e reconduzi-lo até Ele.

Meu querido Bem, tu sofres muito pela perda das almas e eu, por compaixão, coloco à tua disposição o meu ser; assumirei os teus sofrimentos e as penas dos pecadores, aliviar-te-ei e far-te-ei conquistar o pecador.

Ó meu Jesus, por favor, faz com que todo o meu ser se desfaça em amor, a fim de que possa servir de contínuo alívio para suavizar todas as tuas amarguras.

Quarta Hora

Das 8 às 9 da noite

A Ceia Eucarística

Meu dócil Amor, sempre incontentável no teu amor, vejo que ao terminares a ceia legal juntamente com os teus queridos discípulos, levantas-te da mesa e, unido a eles, elevas o hino de ação de graças ao Pai por vos ter dado o alimento, desejando assim reparar a falta de gratidão das criaturas e os inúmeros meios que nos concede para a manutenção da vida corporal. Por isso, ó Jesus, naquilo que fazes, tocas ou vês, tens sempre nos lábios as palavras «Graças te sejam dadas, ó Pai!». Também eu, Jesus, unido a ti, tomo a palavra

dos teus próprios lábios e direi sempre e em tudo: «Obrigado por mim e por todos», para continuar a reparação pela falta de gratidão.

O lava-pés

Mas, ó meu Jesus, parece que o teu amor não conhece trégua. Vejo que fazer com que os teus amados discípulos se sentem de novo; pegas uma bacia de água, cinges-te com uma toalha branca e prostras-te aos pés dos apóstolos, em gesto tão humilde a ponto de chamar a atenção de todo o céu e de o fazer ficar estático. Os próprios apóstolos permanecem quase imóveis, ao verem-te prostrado aos seus pés. Mas diz-me, meu Amor, o que queres? O que pretendes com este ato tão humilde? Humildade jamais vista e que nunca se verá!

«As, meu filho, quero todas as almas e, prostrado aos seus pés como pobre mendigo, peço-lhes, aborreço-os e, chorando, tramo contra eles insídias de amor para conquistá-las!

Prostrado aos seus pés com esta bacia de água misturada com as minhas lágrimas, quero lavá-las de qualquer imperfeição e prepará-las para receber-me no Sacramento.

Tenho muito a peito que este ato de me receber na Eucaristia, a tal ponto que não desejo confiar este ofício aos anjos e nem sequer à minha querida Mamãe, mas eu mesmo desejo purificar também as suas fibras mais íntimas, para dispô-las a receber o fruto do Sacramento; e nos apóstolos eu tencionava preparar todas as almas.

Pretendo reparar todas as obras santas e a administração dos Sacramentos, realizada sobretudo pelos sacerdotes com espírito de soberba, vazias de espírito divino e de desinteresse. Ah, quantas obras boas me chegam, mais para causar-me desonra que para dar-me honra! Mais para amargurar-me que para satisfazer-me! Mais para matar-me que para vivificar-me! Estas são as ofensas que mais me entristecem. Ah, sim meu filho, enumera todas as ofensas mais íntimas que se fazem contra mim e repara-me com as minhas próprias reparações; consola o meu coração amargurado!».

Ó meu aflito Bem, faço minha a tua vida e, juntamente contigo, tenciono reparar-te todas estas ofensas. Desejo entrar nos mais íntimos esconderijos do teu coração divino e reparar com o teu próprio coração as ofensas mais íntimas e secretas que recibes dos teus entes mais queridos. Ó meu Jesus, quero seguir-te em tudo e juntamente contigo desejo sondar todas as almas que te devem receber na Eucaristia e entrar nos seus corações, e juntamente com as tuas mãos, coloco as minhas para purificá-las.

Por favor, ó Jesus, com estas tuas lágrimas e água, com que lavaste os pés aos apóstolos, lavemos as almas que te devem receber, purifiquemos os seus corações, inflamemo-los, sacudamos a poeira com que são manchados a fim de que, recebendo-te, tu possas encontrar neles as tuas condescendências e não as tuas amarguras.

Todavia, meu afetuoso Bem, enquanto estás totalmente absorvido em lavar os pés aos apóstolos, olho para ti e vejo outra dor que te dilacera o santíssimo Coração. Estes apóstolos representam para ti todos os futuros filhos da Igreja e, cada um deles, a série cada um dos teus sofrimentos. Em alguns, as debilidades e em outros, os enganos; em alguns, as hipocrisias e em outros, o amor desmedido pelos interesses; em São Pedro, a falta de propósito e todas as ofensas dos chefes da Igreja; em São João, as ofensas dos teus companheiros mais leais; em Judas, todos os apóstatas, com a série completa dos graves males que eles cometem.

Ah, o teu sofrimento é sufocado pela dor e pelo amor, a tal ponto que, não podendo mais suportar, te deténs aos pés de cada um dos apóstolos e desatas em lágrimas, rezas, reparas cada uma destas ofensas e impetras para todos o remédio oportuno.

Meu Jesus, também eu me uno a ti; faço minhas as tuas orações, as tuas reparações e os teus remédios oportunos para cada alma. Quero misturar as

minhas lágrimas com as tuas, a fim de que nunca mais fiques sozinho, mas sempre me tenhas contigo para compartilhar as tuas dores.

Mas enquanto continuas a lavar os pés dos apóstolos, meu dócil Amor, vejo que já estás aos pés de Judas. Ouço a tua respiração ofegante. Vejo que não só choras mas soluças e, enquanto lavas aqueles pés, beija-os, aperta-os ao teu coração, e não podendo falar em voz alta porque esta é sufocada pelo pranto, fixa-lo com os olhos entumecidos de lágrimas e diz-lhe com o coração:

«Meu filho, por favor, rogo-te com as vozes das lágrimas, não vás para o inferno! Dá-me a tua alma, e peço-to prostrado aos teus pés. Diz, o que queres? O que pretendes? Dar-te-ei tudo, contanto que não te percas. Por favor, poupa-me esta dor, a mim que sou teu Deus!».

E voltas a abraçar aqueles pés contra o teu peito. Mas vendo a insensibilidade de Judas, o teu coração desespera-se e sufoca-te e estás prestes a desmaiar. Meu Coração e minha Vida, permita-me que te sustenha nos meus braços. Compreendo que estes são os teus estratagemas amorosos, que usas com cada um dos teus pecadores obstinados.

Rogo-te por favor, meu Coração, enquanto me compadeço de ti e te reparo as ofensas que recebes das almas que se obstinam em não querer converter-se, juntos demos a volta à terra e onde houver pecadores obstinados concedamo-

lhes as tuas lágrimas para que se enternecem, os teus beijos e os teus apertos de amor para acorrentá-los a ti, de maneira que não possam fugir, e fortificar-te assim do sofrimento causado pela perda de Judas.

Instituição da Eucaristia

Meu Jesus, minha alegria e delícia, vejo que o teu amor corre, e corre rapidamente. Ergues-te, desolado como te sentes, e quase corres até o altar, onde estão preparados o pão e o vinho para a consagração. Meu Coração, vejo que adquires um novo aspecto, totalmente novo e inédito: a tua Pessoa divina assume um aspecto tenro, amoroso, afetuoso; os teus olhos resplandecem luz; mais do que se fossem sozinhos; o teu rosto é esplendoroso; os teus lábios, risonhos e ardentes de amor; as tuas mãos criadoras colocam-se em atitude de criar. Meu Amor, vejo-te totalmente transformado; a Divindade parece transbordar fora da humanidade.

Jesus, Meu Coração e minha Vida, este teu aspecto jamais visto chama a atenção de todos os apóstolos; eles são arrebatados por um doce encanto e nem sequer ousam abrir a boca. A dócil Mamãe corre em espírito aos pés do altar, para admirar os portentos do seu amor. Os anjos descem dos céus e perguntam-se entre si: «O que é? O que é? São autênticos prodígios, verdadeiros excessos! Um Deus que cria, não o céu e a terra, mas a si mesmo. E onde? Dentro da matéria extremamente vil de um pouco de pão e vinho».

Mas enquanto todos estão ao teu redor, ó Amor insaciável, vejo que tomas o pão nas tuas mãos, o ofereces ao Pai e ouço a tua voz dulcíssima que diz:

«Pai santo, graças te sejam dadas, a ti que sempre atendes ao teu Filho. Pai santo, participa comigo. Certo dia, tu mandaste-me do céu à terra para encarnar-me no seio da minha Mãe, para vir e salvar os nossos filhos; agora, promete-me que me encarnas em cada Hóstia, para continuar a sua salvação e ser vida de cada um dos meus filhos. Vês, ó Pai? Restam poucas horas da minha vida: quem terá coração para deixar os meus filhos órfãos e sozinhos? Muitos são os seus inimigos, as trevas, as paixões, as debilidades a que são sujeitos. Quem os ajudará? Por favor, suplico-te, que eu permaneça em cada Hóstia para ser a vida de cada um e assim afugentar os inimigos e ser para eles luz, fortaleza e auxílio em tudo. De outra forma, aonde irão? Quem os ajudará? As nossas obras são eternas, o meu amor é irresistível: não posso, nem quero abandonar os meus filhos».

O pai enternece-se com a voz suave e afetuosa do Filho. Desce do céu; é já sobre o altar, unido ao Espírito Santo, para participar com o Filho. E com voz sonora e comovedora, Jesus pronuncia as palavras da Consagração e, sem se deixar a si mesmo, cria-se a si próprio no pão e no vinho.

Depois, comungas os teus apóstolos; e julgo que a nossa Mamãe celestial não deixou de te receber. Ah, Jesus, os céus inclinam-se e todos te enviam um ato de adoração no teu novo estado de profundo aniquilamento.

Todavia, ó dócil Jesus, enquanto o teu amor está contente e satisfeito, e não resta mais o que fazer, vejo sobre este altar, ó meu Bem, Hóstias que se perpetuarão até o fim dos séculos; e em cada Hóstia está disposta toda a tua dolorosa Paixão, porque aos excessos do teu amor as tuas criaturas te preparam exageros de ingratidão e de crimes enormes. E eu, Coração do meu coração, desejo permanecer sempre contigo em cada Tabernáculo, em todos os cibórios e em cada Hóstia consagrada que se encontrar até o fim do mundo, para emitir os meus atos de reparação, em conformidade com as ofensas que recebes.

Ó Jesus, contemplo-te na Hóstia sagrada e, como se te visse na tua adorável Pessoa, beijo a tua testa majestosa mas, beijando-te, sinto as picadas dos teus espinhos. Ó meu Jesus, nesta Hóstia sagrada quantas criaturas não te poupam os espinhos: elas apresentam-se diante de ti e, em vez de te prestarem a homenagem dos seus bons pensamentos, enviam-te os seus pensamentos perversos e tu novamente abaixas a cabeça como fizeste na Paixão, e recebes e toleras os espinhos daqueles pensamentos negativos. Ó, meu Amor, aproximo-te de ti para compartilhar as tuas dores; coloco todos os meus pensamentos na tua mente para rejeitar estes espinhos que tanto de ferem, e

cada um dos meus pensamentos penetre cada um dos teus pensamentos para fazer-te o ato de reparação por todos os pensamentos malvados e assim consolar a tua triste mente. Jesus, meu Bem, beijo os teus belos olhos: vejo o teu olhar amoroso voltado para aqueles que vão à tua presença, ansiosos por receber a retribuição aos seus olhares de amor. Mas quantos vão a ti e, em vez de olhar e procurar por ti, fixam coisas que os distraem e assim privam-te do gosto que sentes na permuta de olhares de amor! Choras e eu, beijando-te, sinto os meus lábios molhados pelas tuas lágrimas. Meu Jesus, não chores, quero fixar os meus olhos nos teus para compartilhar contigo estas tuas dores e chorar contigo; desejando resgatar todos os olhares distraídos das criaturas, ofereço-te os meus olhares sempre fixos em ti.

Jesus, meu Amor, beijo as tuas santíssimas orelhas; já te vejo absorvido a ouvir o que querem de ti as criaturas, para consolá-las. Porém, elas fazem chegar às tuas orelhas preces mal recitadas, cheias de desconfiança, orações feitas por hábito; e o teu ouvido nesta Hóstia sagrada é incomodado mais do que na tua própria Paixão. Ó meu Jesus, quero tomar todas as harmonias do Céu e colocá-las nas tuas orelhas para resgatar-te, e desejo pôr as minhas orelhas nas tuas, não só para compartilhar estas tuas dores, mas para oferecer-te o meu contínuo ato de reparação e consolar-te.

Jesus, minha Vida, beijo o teu santíssimo Rosto; vejo-o ensangüentado, lívido e inchado. Ó Jesus, as criaturas vão àquela Hóstia sagrada e, com as suas

posições indecentes e os seus discursos maldosos, em vez de te prestar honra, parecem dar-te bofetões e cuspir-te. E tu, como na Paixão, com toda a paz e paciência, recebe-os e suportas tudo! Ó Jesus, quero colocar o meu rosto perto do teu, não só para beijar-te e receber os insultos que te chegam das tuas criaturas, mas para compartilhar contigo todas as tuas dores; e com as minhas mãos tenciono acariciar-te, limpar-te dos escarros e apertar-se com força ao meu coração; e reduzir o meu ser em inúmeros fragmentos e colocá-los diante de ti, como tantas almas que te adoram, e mudar todos os meus movimentos em contínuas prostrações para resgatar-te as desonras que recibes de todas as criaturas.

Meu Jesus, beijo a tua santíssima boca; vejo que ao desceres sacramentado ao coração das tuas criaturas, és obrigado a apoiar-te em muitas línguas mordazes, impuras e malvadas. Oh, como ficas amargurado por isso! Sentes-te intoxicar por estas línguas e pior quando desces ao seus corações! Ó Jesus, se fosse possível, queria encontrar-me na boca de cada criatura, para transformar em louvores todas as ofensas que delas recibes!

Meu exausto Bem, beijo a tua santíssima cabeça. Vejo-a cansada, esgotada e totalmente ocupada com o teu trabalho de amor: «Diz-me, o que fazes?». E tu respondes: «Meu filho, nesta Hóstia trabalho de manhã à noite, formando correntes de amor; e quando as almas vem a mim, acorrento-as ao meu Coração; mas sabes o que elas me fazem? Muitas, com esforço, se

desvinculam e despedaçam as minhas amorosas correntes; e uma vez que estas cadeias estão ligadas ao meu Coração, sou torturado e entro em delírio. Depois, ao quebrarem as minhas correntes, elas desvirtuam o meu trabalho, procurando as cadeias das criaturas; e fazem-no também na minha presença, servindo-se de mim para alcançar as suas finalidades. Isto entristece-me muito, despertando em mim uma febre violenta a ponto de me fazer desmaiar e delirar». Como tenho piedade de ti, ó Jesus. O teu amor enfrenta dificuldades e eu, para aliviar-te das ofensas que recebes destas almas, peço-te que acorrenteis o meu coração com as cadeias que eles quebraram, para poder dar-lhes a minha retribuição de amor.

Meu Jesus, meu Flecheiro divino, beijo o teu peito. Tanto e tal é o fogo que ele contém, que para propiciar um pouco de alívio às tuas chamas e dar uma breve pausa ao teu trabalho, comesças a brincar com as almas que vão a ti, disparando contra elas as flechas de amor que saem do teu peito. O teu jogo consiste em produzir flechas, dardos e setas; e quando elas atingem as almas, tu fazes festa. Mas muitas, ó Jesus, rejeitam-nas, enviando-te em contrapartida flechas de insensibilidade, dardos de tibieza e setas de ingratidão; e tu ficas tão aflito a ponto de chorares amargamente! Oh, Jesus, eis o meu peito pronto a receber não só as tuas flechas destinadas a mim, mas também aquelas que as outras almas rejeitam; e assim já não serás derrotado no teu jogo de amor. Assim repararei também as tuas insensibilidades, tibiezas e ingratidões que delas recebes.

Oh, Jesus, beijo a tua mão esquerda e tenciono resgatar todos os toques ilícitos ou reprováveis que são feitos na tua presença; e suplico-te, conserva-me sempre perto do teu Coração!

Oh, Jesus, beijo a tua mão direita e tenho a intenção de resgatar todos os sacrilégios, de forma especial as Missas inoportunamente celebradas! Quantas vezes, meu Amor, és obrigado a descer do Céu em mãos e peitos indignos, e embora sintas náusea ao encontrar-te naquelas mãos, o Amor força-te a permanecer ali; aliás, em alguns dos teus ministros, encontras os renovadores da tua Paixão que com os seus enormes crimes e sacrilégios renovam o Deicídio! Jesus, tenho medo de pensar nisto! Mas infelizmente, assim como na Paixão estavas nas mãos dos Judeus, estás agora nessas mãos indignas como um cordeirinho manso, esperando de novo a tua morte e também a sua conversão. Oh, Jesus, como sofres! Quererias uma mão amante para libertar-te daquelas mãos sanguinárias. Ó, Jesus, quando te encontrares em tais mãos, peço-te que me chames para perto de ti e, para resgatar-te, cobrir-te-ei com a pureza dos Anjos, perfumar-te-ei com as virtudes para diminuir a náusea que sentes ao encontrar-se em tais mãos, e oferecer-te-ei o meu Coração como salvação e refúgio. Enquanto estiveres em mim, rezarei a ti pelos sacerdotes, a fim de que todos se tornem teus ministros dignos. Assim seja.

Ó Jesus, beijo o teu pé esquerdo e quero resgatar-te por aqueles que te recebem por costume e sem as devidas disposições.

Ó Jesus, beijo o teu pé direito e desejo reparar por aqueles que te recebem para ultrajar-te. Por favor, imploro-te, quando ousarem fazer isto, renova o milagre que atuaste a Longino; e assim como o curaste e o converteste com o toque do Sangue que jorrou do teu Coração traspassado pela sua lança, assim também ao teu toque sacramental converte as ofensas em amor e os agressores em amantes!

Oh, Jesus, beijo o teu dulcíssimo Coração, no qual são derramadas todas as ofensas, e quero resgatar-te de tudo para dar-te por todos uma retribuição de amor e, ainda juntamente contigo, compartilhar as tuas dores!

Ó Flecheiro celeste, se alguma ofensa passar despercebida à minha reparação, peço-te que me aprisiones no teu Coração e na tua Vontade, a fim de que eu repare tudo. Pedirei à dócil Mamãe a fim de que me conserve sempre ao seu lado, para que eu possa reparar tudo por todos; beijar-te-emos em conjunto e, resgatando-te, afastaremos de ti as ondas amargas que recebes das criaturas. Por favor, ó Jesus, recorda-te que também eu sou uma pobre alma pecadora, encerra-me no teu Coração e, com as cadeias do teu amor, não só me aprisiona, mas acorrenta um por um os meus pensamentos, afetos e

desejos; ata as minhas mãos e os meus pés ao teu Coração, para que eu não tenha outras mãos nem outros pés, senão os teus!

Assim, meu Amor, o meu cárcere será o teu Coração, as minhas correntes serão formadas pelo Amor: as tuas chamas serão o meu alimento; a tua respiração será a minha, os portões que me impedirão de sair será a sua santíssima Vontade; e assim não verei senão chamas, só tocarei o fogo que, enquanto me darão vida, me darão uma morte como a que tu padeces na Hóstia sagrada. Dar-te-ei a minha vida e assim, enquanto permanecerei como prisão em ti, tu ficarás livre em mim. Não é acaso esta a tua intenção, ao aprisionar-te na Hóstia para ser posto em liberdade pelas almas que te recebem, adquirindo vida nelas? E agora, em sinal de amor, abençoa-me, dá-me o místico ósculo de amor à minha alma, enquanto eu permaneço estreitamente abraçado a ti.

Ó meu dócil Coração, vejo que, depois de teres instituído o santíssimo Sacramento e de visto a enorme ingratidão e as ofensas das criaturas aos excessos do teu amor, embora fiques ferido e amargurado, não recuas e, ao contrário, queres abafar tudo na imensidão do teu amor.

Ó Jesus, vejo que te controlas a ti mesmo e aos teus apóstolos e depois acrescentas que aquilo que fazes também eles o devem fazer, dando-lhes o poder de consagrar, e é por isso que os ordenas sacerdotes e instituis outros

Sacramentos. Então, pensas em tudo e tudo resgatas; as pregações mal feitas, os Sacramentos administrados e recebidos sem disposição e portanto sem efeito, as vocações equivocadas dos sacerdotes, tanto da parte deles como de quem os ordena, sem recorrer a todos os meios para conhecer as vocações genuínas. Ah, nada te passa despercebido, ó Jesus, e eu pretendo seguir-te e reparar todas estas ofensas contra ti.

Então, depois que cumpriste tudo, tomas os teus apóstolos e encaminhas-te para o Horto do Getsêmani, para dares início á tua dolorosa paixão. Seguir-te-ei em tudo para ser a tua fiel companhia.

Reflexões e Práticas

Jesus escondeu-se na Hóstia para dar vida a todos; no seu escondimento, Ele abarca todos os séculos e ilumina todos. Assim também nós, ocultando-nos nele, com as nossas orações e reparações daremos luz e vida a todos, e até mesmo aos heréticos e infiéis, porque Jesus não exclui ninguém.

O que fazer neste escondimento? Para tornar-nos semelhantes a Jesus Cristo, devemos esconder tudo nele, ou seja, pensamentos, olhares, palavras, palpitações, afetos, desejos, passos e obras, e até mesmo as nossas próprias preces, ocultando-as nas orações de Jesus. E assim como o amante Jesus na Eucaristia abarca todos os séculos, também nós os abarcaremos em conjunto,

e abraçados a Ele seremos o pensamento de cada mente, a palavra de cada língua, o desejo de todos os corações, o passo de todos os pés e a obra de cada braço. Assim agindo, afastaremos do Coração de Jesus o mal que lhe desejariam fazer todas as criaturas; procurando substituir todo este mal com todo o bem que nos for possível realizar; e desta forma levar Jesus a dar salvação, santidade e amor a todas as almas.

Para corresponder à vida de Jesus, a nossa vida deve ser totalmente uniformada à sua. Com a intenção, a alma há de encontrar-se em todos os Tabernáculos do mundo, para ser sua companhia permanente, e com esta intenção realizar todas as ações do dia. O primeiro tabernáculo está em nós, no nosso coração; portanto, é necessário prestar muita atenção a tudo o que o bom Jesus quer realizar em nós. Enquanto está no nosso coração, muitas vezes Jesus faz-nos sentir a necessidade da oração. Ah, é Jesus que deseja rezar e nos quer ao seu lado, identificando-se por assim dizer com a nossa voz, com os nossos afetos e com todo o nosso coração, para fazer com que a nossa prece seja uma só com a sua! E assim, para honrarmos a oração de Jesus, estaremos atentos a prestar-lhe todo o nosso ser de modo que o amante Jesus eleve aos Céus a sua oração para falar com o Pai e renovar no mundo os efeitos da sua própria oração.

É necessário que estejamos atentos aos nossos impulsos interiores, porque o bom Jesus ora nos faz sofrer e ora nos quer orantes, ora nos deixa em um estado de ânimo e ora em outro, para poder repetir em nós a sua própria vida.

Suponhamos que Jesus nos propicie a ocasião de exercer a paciência. Ele recebe tantas ofensas das criaturas, que se sente impelido a tomar o instrumento de flagelo para atingir as criaturas; e eis que nos oferece a ocasião de exercer a paciência, e nós devemos prestar-lhe honras, suportando tudo com paz, como o padece Jesus; e a nossa paciência arrancará o instrumento de flagelo das suas mãos que as outras criaturas lhe atraem, porque em nós Ele exercerá a sua própria Paciência divina. E como a paciência, assim também todas as outras virtudes. No Sacramento, o amante Jesus exerce todas as virtudes e dele hauriremos a fortaleza, a mansidão, a paciência, a tolerância, a humildade e a obediência.

O bom Jesus dá-nos a sua carne como alimento, e nós como alimento dar-lhe-emos o amor, a vontade, os desejos, os pensamentos e os afetos; assim, concorreremos com o amor de Jesus. Nada faremos entrar em nós, que não seja Ele mesmo, de tal forma que tudo o que fizermos deve servir como alimento ao nosso amado Jesus. O nosso pensamento deve alimentar o pensamento divino, ou seja, pensar que Jesus está escondido em nós e quer o alimento do nosso pensamento; assim, pensando santamente, alimentamos o pensamento divino; a palavra, as palpitações, os afetos, os desejos, os passos

e as obras, tudo deve servir como alimento a Jesus; devemos ter a intenção de alimentar as criaturas em Jesus.

Ó meu dócil Amor, nesta hora transubstanciaste a ti mesmo no pão e no vinho. Por favor, ó Jesus, tudo o que digo e faço seja uma contínua consagração de ti em mim e nas almas.

Minha dócil Vida, quando entrares em mim, faz com que cada uma das minhas palpitações, desejos, afetos, pensamentos e palavras possa sentir o poder da consagração sacramental, de maneira que, consagrando todo o meu pequeno ser, me torne muitas hóstias para dar-te às almas.

Ó Jesus, meu dócil Amor, que eu seja a tua pequena hóstia para poder encerrar-te, como Hóstia viva, totalmente em mim.

Quinta Hora

Das 9 às 10 da noite

A Primeira hora de Agonia no Horto do Getsêmani

Meu aflito Jesus, sinto-me atraído a este Horto como se fosse pela corrente elétrica. Compreendo que tu, poderoso ímã do meu coração ferido, me chamas e eu corro, enquanto penso: o que são estas atrações de amor que sinto em

mim? Ah, talvez o meu perseguido Jesus se encontre em tal estado de amargura, que sente a necessidade da minha companhia. E assim vôo.

Mas não! Sinto arrepios ao entrar neste Horto. A obscuridade da noite, a intensidade do frio, a lenta oscilação das folhas que, como frágeis vozes, anunciam dores, tristezas e morte ao meu doloroso Jesus; o dócil cintilar das estrelas que, como olhos que choram, estão todas olhando, me reprovam pelas minhas ingratidões. Tremo e, às apalpadelas, vou procurá-lo e chamo-o: «Jesus, onde estás? Chamas-me e não te mostras? Chamas-me e escondes-te?».

Tudo é terror, tudo é assombro e silêncio profundo. Aguço os ouvidos; ouço uma respiração ofegante e é precisamente Jesus que encontro. Mas que mudança funesta! Já não é o dócil Jesus da Ceia eucarística, em cujo rosto resplandecia uma beleza deslumbrante e raptadora, mas é triste com uma tristeza mortal que chega a desfigurara a sua beleza natural. Já agoniza e sinto-me perturbado, pensando que talvez não ouvirei mais a sua voz, pois parece que está morrendo. Por isso, abraço os seus pés; ousou ainda mais e, aproximando-me dos seus braços, ponho a minha mão na sua testa para sustentá-lo e, em voz baixa, interpelo-o: «Jesus, Jesus!».

E Ele, despertado pela minha voz, olha para mim e diz-me: «Filho, estás aqui? Estava à tua espera, e esta era a tristeza que mais me oprimia, o total

abandono de todos; e estava à tua espera para fazer com que fosses espectador das minhas dores e fazer-te beber comigo o cálice das amarguras que daqui a pouco o meu Pai celeste me enviará através do anjo. Sorvê-lo-emos em conjunto, porque não será um cálice de conforto, mas de intensas amarguras; e sinto a necessidade de que alguma alma amante beba pelo menos algumas gotas do mesmo. Por isso, chamei-te para que tu o aceites e partilhes comigo as minhas penas e me garantas que não ficarei sozinho em tanto abandono!».

«As, sim, meu ofegante Jesus, beberemos juntos o cálice das tuas amarguras, padeceremos as tuas dores e jamais me afastarei do teu lado!».

E, tranqüilizado por mim, o aflito Jesus entra em agonia mortal, padecendo penas nunca vistas nem ouvidas. Não podendo agüentar e desejando compadecer-me dele e aliviá-lo, digo-lhe:

«Diz-me, por que estás tão triste, afligido e sozinho, neste Horto e nesta noite? Esta é a última noite da tua vida na terra; restam-te poucas horas para começar a tua paixão. Pensava que iria encontrar ao menos a tua Mãe celestial, a amante Madalena e os apóstolos leais, mas encontras-te totalmente sozinho, à mercê de uma melancolia que te provoca uma morte impiedosa, sem contudo te matar. Oh, meu Bem e meu Tudo, não me respondes? Fala-me! Mas parece que te falta a palavra, tamanha é a tristeza que te oprime. Mas ó, meu Jesus,

este teu olhar repleto de luz, sim, mas aflito e indagador, que parece buscar ajuda, o teu rosto pálido, os teus lábios inflamados de amor, a tua Pessoa divina que treme inteiramente, dos pés à cabeça, e o teu coração que pulsa com grande força – e estas pulsações procuram almas e levam-te à sufocação, a ponto de parecer que expirarás de um momento para outro – dizem-me que estás sozinho e portanto desejas a minha companhia.

Eis-me, Jesus, todo para ti, juntamente contigo; aliás, não tenho paz no coração ao ver-te lançado na terra. Tomo-te nos braços e aperto-te ao meu coração; quero enumerar um por um as tuas opressões, uma por uma as ofensas que se te apresentam, para aliviar-te em tudo, resgatar-te em tudo e em tudo demonstrar-te pelo menos a minha compaixão.

Mas, ó meu Jesus, enquanto te abraço, os teus sofrimentos aumentam. Minha Vida, sinto fluir fogo nas tuas veias e percebo que o teu sangue ferve e quer romper as veias para sair. Diz-me, meu Amor, o que tens? Não vejo flagelos, nem espinhos, nem pregos e nem uma cruz; contudo, ao apoiar a cabeça no teu peito, sinto que espinhos cruéis te traspassam a cabeça, que flagelos impiedosos não poupam qualquer partícula interior e exterior da tua Pessoa divina, e que as tuas mãos estão paralisadas e distorcidas ainda mais pelos pregos. Diz-me, meu dócil Bem, quem é que tem tanto poder mesmo dentro de ti, que te aflige e te faz padecer muitas mortes por todos os tormentos de que padeces?». ».

Ah, parece que o bendito Jesus fecha os seus lábios débeis e moribundos, e me diz: «Meu filho, queres saber quem é que me atormenta mais que os próprios verdugos? Ao contrário, estes nada são em comparação com este! Trata-se do amor eterno que, desejando o primado em tudo, me está fazendo sofrer tudo junto e nas partes mais íntimas aquilo que os carrascos me farão padecer pouco a pouco. Ah, meu filho, é o amor que tudo prevalece sobre mim e em mim: para mim, o amor é prego, o amor é flagelo, o amor é coroa de espinhos, o amor é tudo; o amor é a minha paixão perene, enquanto a dos homens é do tempo. Ah, meu filho, entra no meu Coração, vem perder-te no meu Amor e só no meu Amor hás de compreender como sofri e quanto te amei, e aprenderás a amar-me e a sofrer só por amor».

Ó meu Jesus, já que me chamas ao teu Coração para mostrar-me o que o amor te fez suportar, entro nele e vejo os prodígios do amor que te coroa a cabeça não com espinhos materiais, mas com espinhos de fogo; que te flagela não com açoites de cordas, mas com açoites de fogo; que te crucifica não com pregos de ferro, mas com pregos de fogo. Tudo é fogo, que penetra até os ossos e a própria medula e, destilando toda a tua santíssima humanidade em fogo, te provoca dores mortais, sem dúvida mais que a própria paixão, e prepara um banho de amor a todas as almas que quiserem purificar-se de qualquer mancha e adquirir o direito de filho do amor.

Oh, Amor infinito, sinto-me recuar diante desta imensidão de amor e vejo que para poder entrar no amor e compreendê-lo, eu deveria ser totalmente amor! Ó meu Jesus, não o sou! Mas já que queres a minha companhia e desejas que entre em ti, rogo-te que me transformes totalmente em amor.

Por isso, suplico-te que coroes a minha cabeça e cada um dos meus pensamentos com a coroa do amor. Esconjuro-te, ó Jesus, que flageles com o açoite do amor a minha alma, o meu corpo, os meus poderes, os meus sentimentos, desejos, afetos e, em síntese, tudo, e em tudo eu seja flagelado e consolidado pelo amor. Ó Amor interminável, faz com que nada haja em mim que não adquira vida do amor.

Ó Jesus, âmago de todos os amores, suplico-te que pregues as minhas mãos e os meus pés com os cravos do amor a fim de que, completamente pregado pelo amor, me torne amor, compreenda o amor, de amor me revista, de amor me nutra, no amor permaneça totalmente apegado a ti, para que nada dentro ou fora de mim ouse desviar-me e distrair-me de amor, ó Jesus!

Reflexões e Práticas

Nesta hora Jesus Cristo, abandonado pelo seu Pai eterno, sofreu tamanho incêndio de amor ardente, a ponto de poder destruir todos os pecados mesmo

imagináveis e possíveis, de poder inflamar com o seu amor as criaturas também de milhões e milhões de mundos, e todos os réprobos do inferno, se não fossem eternamente obstinados na sua perversidade. Entremos em Jesus e, depois de termos penetrado totalmente no seu interior, nas suas fibras mais recônditas, nas palpitações de fogo e na sua inteligência que era como que inflamada, tomemos este amor e revistamo-nos dentro e fora, com o fogo que ardia em Jesus. Depois, saindo fora dele e, penetrando na sua Vontade, ali encontraremos todas as criaturas; demos a cada uma o amor de Jesus e, sensibilizando os seus corações e as suas mentes com este amor, procuremos transformar todas elas em amor; em seguida, com os desejos, as palpitações e os pensamentos de Jesus, formemos Jesus no coração de cada criatura. Sucessivamente, levaremos a Ele todas as criaturas que conservam Jesus no seu coração e colocá-las-emos ao redor dele, dizendo-lhe:

Ó Jesus, trazemo-te todas as criaturas com o mesmo número de Jesus no Coração, para dar-te alívio e conforto; não dispomos de outros modos para poder dar alívio ao teu amor, senão levar cada criatura ao teu Coração! Assim fazendo, daremos o verdadeiro alívio a Jesus, pois são tantas as chamas que o queimam, que Ele continua a repetir; “Estou queimado e não há quem tome o meu Amor, por favor! Dai-me conforto, tomai o meu amor e concedei-me amor!”.

Para conformar-nos a Jesus em tudo, devemos voltar a nós mesmos, aplicando a nós estas reflexões: em tudo o que fazemos, podemos dizer que é um

contínuo fluxo de amor que corre entre nós e Deus? A nossa vida é um permanente fluxo de amor que recebemos de Deus; se pensamos, é um fluxo de amor; se agimos, é um fluxo de amor; a palavra é amor; a palpitação é amor; recebemos tudo de Deus, mas todas estas nossas ações correm porventura rumo a Deus com amor? Jesus encontra em nós por acaso o dócil encanto do seu Amor que corre a Ele a fim de que, arrebatado por este encanto, superabunde conosco um amor mais abundante?

Se em tudo aquilo que fizemos, não tivemos a intenção de correr juntos no amor de Jesus, entraremos em nós mesmos e pedir-lhe-emos perdão por ter-lhe feito perder o dócil encanto do seu amor por nós.

Fazemo-nos forjar pelas mãos divinas, como se fez moldar a Humanidade de Jesus Cristo? Tudo o que acontece em nós, exceto o pecado, devemos tomá-lo como obra divina; se fizermos o contrário, negaremos a glória ao Pai, deixaremos extraviar a vida divina e perderemos a santidade. Tudo o que sentimos em nós, inspirações, mortificações e graças, não é senão obra do amor. E recebêmo-las da maneira que Deus quis? Fazemos Jesus trabalhar livremente, ou então, tomando tudo em sentido humano e como coisas indiferentes, rejeitamos a obra divina e forçamo-lo a cruzar os braços? Abandonamo-nos nos seus braços como mortos para receber os golpes que o Senhor dispuser para a nossa santificação?

Meu Amor e meu Tudo, o teu amor me impregne inteiramente, queime tudo o que não é teu e faça o que é meu correr sempre rumo ao teu, para inflamar tudo aquilo que pode entristecer o teu Coração.

Sexta Hora

Das 10 às 11 da noite

A Segunda Hora de Agonia no Horto do Getsêmani

Ó meu dócil Jesus, já passou uma hora desde que chegaste a este Horto. O amor adquiriu a primazia sobre tudo, fazendo-te sofrer tudo junto aquilo que os algozes te farão padecer durante toda a tua acérrima Paixão; aliás, supre e faz com que sofras o que eles não podem fazer-te, nas partes mais recônditas da tua Pessoa divina.

Ó meu Jesus, já te vejo vacilar nos passos, e contudo queres caminhar. Diz-me, ó meu Bem, aonde desejar ir? Ah, entendi: queres ir encontrar os teus amados discípulos. Também eu quero acompanhar-te para socorrer-te, se vacilares.

Mas, ó meu Jesus, há outra amargura para o teu coração: eles já dormem, e tu, sempre piedoso, chama-os, acorda-os e, com amor totalmente paternal, admoesta-os e recomenda-lhes a vigília e a oração. E regressas ao Horto; mas recebes outra ferida no coração. Nela vejo, oh meu Amor, todas as feridas das almas a ti consagradas que, por tentação, por estado de ânimo ou por escassez

de mortificação, em vez de se estreitar a ti, de vigiar e de rezar, se abandonam a si mesmas e, sonolentas, em vez de progredir no amor e na união contigo, recuam. Quanta compaixão tenho de ti, oh Amante apaixonado, e reparo todas as ingratidões dos teus seguidores mais leais. Estas são as ofensas que mais entristecem o teu adorável Coração, e a sua acrimônia é tanta que te fazem delirar.

Mas, os Amor sem confins, o teu amor que já ferve nas tuas veias, tudo vence e tudo esquece. Vejo-te prostrado no chão enquanto rezas, te ofereces a ti mesmo, reparas e em tudo procuras glorificar o Pai pelas ofensas que as criaturas fizeram contra Ele. Ó meu Jesus, também eu me prostro contigo e, juntamente contigo, tenciono fazer aquilo que tu fazes.

Todavia, ó Jesus, delícia do meu coração, vejo que de grupo em grupo todos os nossos pecados, misérias, debilidades, maiores crimes, ingratidões mais obscuras vão ao teu encontro, se lançam contra ti, te esmagam e te ferem, e tu, o que fazes? O sangue, que ferve nas tuas veias, enfrenta todas estas ofensas, rompe as veias e, a grandes jatos, sai para fora, molha-te inteiramente, escorre ao chão, enquanto dás sangue por ofensas e vida por morte. Ah, Amor, a que condições te vejo reduzido! Já expiras. Oh, meu Bem, minha dócil Vida, não morras! Levanta o rosto desta terra que molhaste com o teu santíssimo sangue! Vem aos meus braços! Faz com que eu morra no teu lugar!

Mas ouço a voz trêmula e moribunda do meu dócil Jesus, que diz: «Pai, se é possível, afasta de mim este cálice; porém, que não se faça a minha vontade, mas a tua».

É já a segunda vez que ouço isto do meu dócil Jesus. Mas o que me fazes compreender com este Pai, se é possível, afasta de mim este cálice»? Ó Jesus, todas as rebeliões das criaturas vão ao teu encontro; tu vês que aquele «Fiat Voluntas tua», aquele «Seja feita a tua Vontade», que devia ser a vida de cada criatura, é rejeitado por quase todas elas, e em vez de encontrarem a vida, acham a morte; e tu, desejando dar a vida a todos e fazer uma solene reparação ao Pai pelas rebeliões das criaturas, repetes por três vezes: «Pai, se é possível, afasta de mim este cálice; ou seja, que as almas, subtraindo-se à nossa Vontade, se percam. Este cálice é muito amargo para mim; porém, que não se faça a minha vontade, mas a tua».

Mas enquanto o dizes, a tua acrimônia é tal que te reduces aos extremos, agonizas e estas prestes a dar o último respiro.

Ó meu Jesus, meu Bem, uma vez que te encontras nos meus braços, também eu quero unir-me a ti, desejo reparar-te e compadecer-me de ti por todos os erros e pecados que se cometem contra a sua santíssima Vontade, e ao mesmo tempo pedir-te que em tudo eu faça sempre a tua santíssima Vontade.

A tua Vontade seja a minha respiração, o meu ar; a tua Vontade seja a minha palpitação, o meu coração, o meu pensamento, a minha vida e a minha morte.

Mas por favor, não morras! Aonde irei sem ti? A quem irei? Me dará mais ajuda? Tudo terminará para mim! Por favor, não me deixes, preserva-me contigo, como te agradar, mas conserva-me ao teu lado, sempre contigo! Não aconteça que, nem sequer por um instante, eu fique separado de ti! Pelo contrário, permita-me suavizar-te, resgatar-te e compadecer-me de ti por todos, porque vejo que todos os pecados, de qualquer tipo que sejam, pesam nos teus ombros.

Por isso, meu Amor, beijo a tua santíssima cabeça. Mas o que vejo? Todos os pensamentos maléficos, e sentes desprezo por eles. Para a tua sacratíssima cabeça, cada pensamento negativo é um espinho que te fere acerbamente. Ah, não nos resta senão fazer a coroa de espinhos com que os judeus te coroarão! Quantas coroas de espinho põem na tua adorável cabeça, os pensamentos malignos das criaturas, a tal ponto que o sangue te escorre de todas as partes, da testa e dos cabelos! Jesus, tenho compaixão de ti e gostaria coroar-te com outras tantas coroas de glória e, para aliviar-te, ofereço-te todas as inteligências angélicas e a tua própria inteligência, para propiciar-te um compadecimento e uma reparação por todos.

Ó Jesus, beijo os teus olhos piedosos e neles entrevejo todos os olhares malignos das criaturas, que fazem escorrer lágrimas de sangue no teu rosto. Tenho piedade de ti, quereria suavizar a tua vista, colocando à tua frente todos os prazeres que se podem encontram no céu e na terra, com a tua união de amor.

Jesus, meu Bem, beijo as tuas santíssimas orelhas. Mas o que ouço? Ouço nelas o eco das blasfêmias horrendas, os gritos de vingança e de maledicência. Não há voz que não ressoa no teu castíssimo ouvido. Oh, Amor insaciável, tenho misericórdia de ti e desejo consolar-te, fazendo ressoar nele todas as harmonias do céu, a voz dulcíssima da querida Mamãe, as inflamadas inflexões de Madalena e de todas as almas que amam.

Jesus, minha Vida, desejo imprimir um beijo mais ardoroso no teu rosto, cuja beleza não há igual. Ah, este é o rosto que os Anjos desejam fixar com o cupido, pela extrema beleza que os arrebatam. E contudo, as criaturas maculam-no com escarros, espancam-no com bofetões e calcam-no com os pés. Meu Amor, que atrevimento! Gostaria de gritar tanto, a ponto de as afugentar! Tenho dó de ti e para reparar estes insultos recorro à Santíssima Trindade para pedir o ósculo do Pai e do Espírito Santo, as divinas carícias das suas mãos criadoras; dirijo-me também à Mamãe celestial, a fim de que me conceda os seus beijos, as carícias das suas mãos maternas, as suas profundas adorações e ofereço-te tudo para reparar as ofensas que se fazem ao seu santíssimo rosto.

Meu dócil Bem, beijo a tua dulcíssima boca, amargurada por blasfêmias horríveis, pela náusea da embriaguez e da gula, por diálogos obscenos, orações mal recitadas, ensinamentos negativos e por tudo o que o homem faz de mal com a sua língua. Jesus, tenho compaixão de ti e quero aliviar a tua boca com a oferta de todos os louvores angélicos e o bom uso que feito pela língua de muitos santos cristãos.

Meu Amor oprimido, beijo o teu pescoço e vejo que está envolvido por cordas e correntes, pelos ataques e os pecados das criaturas. Tenho piedade de ti e, para mitigar-te, ofereço-te a união indissolúvel das Pessoas divinas e, vinculando-me a esta união, estendo-te os meus braços e, formando uma suave cadeia de amor à volta do teu pescoço, quero afastar-te das cordas dos ataques que quase te sufocam e, para consolar-te, aperto-te contra o meu peito.

Fortaleza divina, beijo os teus santíssimos ombros. Vejo-os dilacerados e a carne arrancada quase em pedaços, pelos escândalos e os maus exemplos das criaturas. Tenho misericórdia de ti e, para animar-te ofereço-te os santíssimos exemplos os exemplos da Rainha Mãe e os de todos os santos; e eu, ó meu Jesus, beijando suavemente cada uma destas chagas, nelas quer encerrar as almas que, pelos escândalos, foram arrancadas do teu Coração, e assim reforçar a carne na tua santíssima humanidade.

Meu Jesus ofegante, beijo o teu peito, que vejo ferido pela insensibilidade, tibieza, indiferença e ingratidão das criaturas. Tenho pena de ti e, para consolar-te, ofereço-te o amor recíproco do Pai e do Espírito Santo, a perfeita correspondência das três Pessoas divinas e eu, ó meu Jesus, imergindo-me no teu amor, quero reparar-te para rejeitar os novos golpes que as criaturas te lançam com os seus pecados e, tomando o teu amor, desejo feri-las com ele, para que ousem mais ofender-te, e tenciono derramá-lo no teu peito para aliviar-te e curar-te.

Meu Jesus, beijo as tuas mãos criadoras. Vejo todas as ações malvadas das criaturas que, como outros tantos pregos, traspassam as tuas santíssimas mãos; assim, não és furado com três cravos, como na cruz, mas com tantos pregos quantas obras más as criaturas cometem. Comisero-me por ti e, para dar-te alívio, ofereço-te todas as obras santas, a coragem dos martírios na entrega do próprio sangue e da vida por amor de ti. Em síntese, ó meu Jesus, gostaria de te oferecer todas as obras boas para tirar de ti os inúmeros pregos das obras más.

Ó Jesus, vejo os teus santíssimos pés, sempre incansáveis em busca de almas; neles encerras todos os passos das criaturas, mas percebes que muitas delas escapam e gostaria de detê-las. A cada um dos seus passos errados, sentes que te metem um prego, e queres recorrer aos seus próprios cravos para pregá-las ao teu amor; e a dor que sentes e o esforço que despendes para pregá-las

ao teu amor são tão grandes que tremes inteiramente. Meu Deus e meu Bem, sou indulgente contigo e, para animar-te, ofereço-te os passos dos bons religiosos e de todas as almas fiéis, que expõem a sua vida para salvar as almas.

Ó Jesus, beijo o teu coração. Tu continuas a agonizar não por aquilo que te farão sofrer os judeus, mas pela dor que se provocam todas as ofensas das criaturas.

Nestas horas, desejas dar a primazia ao amor; o segundo lugar a todos os pecados pelos quais expias, reparas e glorificas o Pai e aplacas a Justiça divina; e o terceiro aos judeus. Assim, demonstras que a paixão que te farão padecer os judeus não será senão a representação da dupla acérrima Paixão, que te fazem sofrer o amor e o pecado. E é por isso que vejo tudo concentrado no teu Coração: a lança do amor, a lança do pecado, enquanto esperas a terceira, a lança dos judeus; e o teu coração, sufocado pelo amor, padece movimentos violentos, afetos impacientes de amor, desejos que te consumam e palpitações inflamadas, que desejariam dar vida a cada coração.

E é precisamente ali, no coração, que sentes toda a dor provocada pelas criaturas que, com os seus desejos nocivos, afetos desordenados, palpitações profanadas, em vez de aspirar ao teu amor, procuram outros amores. Jesus, como sofres! Vejo-te desmaiar, coberto pelas ondas das nossas iniquidades.

Tenho compaixão de ti e quero suavizar a amargura do teu coração, triplamente traspassado, oferecendo-te as doçura eternas e o amor dulcíssimo da querida Mamãe Maria e o de todos aqueles que verdadeiramente te amam.

E agora, ó meu Jesus, faz com que deste coração receba vida o meu pobre coração, a fim de que só viva com o teu Coração; e em cada ofensa que receberes, faz com que eu esteja sempre pronto a oferecer-te alívio, conforto, reparação e um ato de amor sem interrupção.

Reflexões e Práticas

Na segunda hora do Getsêmani, perante Cristo apresentam-se todos os pecados de todos os tempos passados, presentes e futuros, e Ele assume sobre si mesmo todos estes pecados, para dar ao Pai a glória completa. Portanto, Jesus Cristo expiou, rezou e, no seu Coração, experimentou todos os nossos estados de ânimo, sem jamais abandonar a oração. E nós, em qualquer estado de ânimo que nos encontremos, tíbios, insensíveis ou tentados, rezamos sempre? Somos assíduos na oração? Damos a Jesus as penas da nossa alma como resgate e alívio para poder imitá-lo em tudo, pensando que cada estado de ânimo é uma sua pena? Como sofrimento de Jesus, devemos colocá-lo em redor dele para compadecer-nos dele e aliviá-lo e, na medida do possível, dizer-lhe: sofreste demasiado, descansa, pois agora somos nós que sofreremos em teu lugar.

Abatemo-nos, ou então ficamos corajosamente perto de Jesus, oferecendo-lhe tudo o que sofreremos para fazer com que Jesus encontre em nós a sua própria Humanidade? Isto é, servimos nós de Humanidade para Jesus? O que é que fazia a Humanidade de Jesus? Glorificava o seu Pai, expiava, impetrava a salvação das almas e nós, em tudo o que realizamos, encerramos em nós mesmos estas três intenções de Jesus, de maneira a podermos dizer: temos em nós toda a Humanidade de Jesus Cristo?

Nas nossas obscuridades, temos a intenção de fazer refletir nos outros a luz da verdade? E quando rezamos com fervor, manifestamos a intenção de dissolver o gelo de inúmeros corações empedernidos pela culpa?

Meu Jesus, para compadecer-me de ti e poder elevar-te do desânimo total em que te encontras, elevo-me ao Céu e faço minha a tua própria Divindade, e colocando-a ao teu redor desejo afastar de ti todas as ofensas das criaturas. Quero oferecer-te a tua beleza para afastar de ti a torpeza do pecado; a tua santidade, para desviar de ti o horror de todas aquelas almas que te fazem experimentar tanta repugnância, porque estão mortas para a graça; a tua paz, para apartar-te das discórdias, rebeliões e perturbações de todas as criaturas; as tuas harmonias, para aliviar o teu ouvido das vagas das inúmeras vozes malvadas. Meu Jesus, tenho a intenção de oferecer-te tantos atos divinos reparadores, por quantas ofensas te assaltam como se quisessem matar-te, e

com os teus próprios atos quero dar-te vida; e depois, ó meu Jesus, desejo lançar uma onda da tua Divindade sobre todas as criaturas a fim de que, ao receberem o teu contato divino, já não se atrevam a ofender-te.

Só assim, ó Jesus, poderei compadecer-me de ti por todas as ofensas que as criaturas te fazem.

Ó Jesus, minha dócil Vida, as minhas orações e os meus sofrimentos elevam-se sempre ao Céu, para fazer com que se derrame sobre todos a luz da graça e eu absorva a tua própria vida.

Sétima Hora

Das 11 à meia-noite

A Terceira Hora de Agonia no Horto do Getsêmani

Meu dócil Bem, o meu coração já não agüenta; olho para Ti e vejo que continuas a agonizar. O sangue escorre de ti aos cântaros, no corpo inteiro e com tanta copiosidade que, não suportando mais estar em pé, caíste numa poça. Ó meu Amor, o meu coração despedaça-se ao ver-te tão frágil e cansado! O teu adorável Rosto e as tuas mãos criadoras apoiam-se no chão e mancham-se de sangue; parece-me que aos mares de iniquidade, que as criaturas te mandam, tu queres fazer corresponder rios de sangue para fazer com que estas culpas sejam sufocadas nele e assim, juntamente com ele, dar a cada um o

rescrito do teu perdão. Mas por favor, ó meu Jesus, ergue-te, é demasiado o que padeces; já é suficiente o teu Amor!

E enquanto parece que o meu amável Jesus morre no seu próprio Sangue, o Amor dá-lhe nova vida. Vejo-o movimentar-se com dificuldade; levanta-se e, impregnado de sangue e de lama, parece que deseja caminhar e, sem forças, arrasta-se arduamente. Minha dócil Vida, deixa que te carregue nos meus braços. Vais ter porventura com os teus queridos discípulos? Mas quanta dor invade o teu adorável Coração, quando os encontra de novo adormecidos!

E tu, com voz trêmula e débil, chama-os: "Meus filhos, não durmais! A hora está próxima. Não vedes que estou arrasado? Por favor, ajudai-me, não me abandoneis nestas horas extremas!".

E quase vacilante, estás prestes a cair perto deles, enquanto João estende os braços para apoiar-te. És tão irreconhecível que, se não vivesse sido pela suavidade e doçura da tua voz, não te teriam reconhecido. Depois, recomendando-lhes a vigília e a oração, retornas ao Horto, mas com a segunda ferida no Coração. Meu Bem, nesta chaga toda as culpas das almas que, não obstante as manifestações dos teus favores em dádivas, beijos e carícias, nas noites da provação, esquecendo-se do teu Amor e dos teus dons, ficaram come entorpecidas e sonolentas, perdendo assim o espírito de oração contínua e de vigília.

Meu Jesus, è também verdade que, depois de te ter visto e saboreado antecipadamente os teus dons, permanecer sem eles e resistir exige uma grande força; só mesmo um milagre pode fazer que tais almas suportem a prova.

Por isso, enquanto tenho piedade de ti por estas almas, cujas negligências, leviandades e ofensas são as mais amargas ao teu Coração, peço-te que, se elas chegarem a dar um só passo que possa minimamente desagradar-te, as circunde com tanta Graça a ponto de as aprisionar, para que não percam o espírito de oração contínua!

Meu doce Jesus, enquanto retornar ao Horto, parece que já não agüentas; elevas ao Céu o rosto repleto de Sangue e de terra, e repetes pela terceira vez: " Pai, se é possível, afasta de mim este cálice. Pai Santo, ajuda-me! Tenho necessidade de alívio! É verdade que devido às culpas que assumi sobre mim mesmo sou repugnante, repudiador, o último de entre os homens perante a tua Majestade infinita; a tua Justiça está indignada comigo; mas olha para mim, ó Pai, ainda sou teu Filho, que formo uma só coisa contigo. Por favor, socorro, tem piedade de mim, ó Pai! Não me deixes desconfortado!".

Além disso, parece que ouço, ó meu doce Bem, que pedes socorro à querida Mamãe: "Doce Mamãe, estreita-me nos teus braços como me abraçavas

quando eu era Criança! Dá-me aquele leite com que me amamentavas, para restabelecer-me e aliviar as amarguras da minha agonia. Dá-me o teu Coração, que era toda a minha felicidade. Minha Mamãe, Madalena, estimados Apóstolos, todos vós que me amais, socorrei-me e confortai-me! Não me deixeis sozinho nestes momentos extremos; todos vós fazei uma coroa em meu redor; concedei-me como conforto a vossa companhia e o vosso amor!".

Jesus meu Amor, quem pode resistir ao ver-te nestes extremos? Qual coração será tão empedernido assim, que não se dilacere ao admirar-te tão afogado no Sangue? Quem não derramará aos cântaros lágrimas agérrimas, ao sentir as tuas dolorosas inflexões que buscam ajuda e conforto?

Meu Jesus, consola-te, já vejo que o Pai te envia um Anjo para confortar-te e assistir-te, para que saias deste estado de agonia e poder entregar-te às mãos dos judeus; e enquanto estarás com o Anjo, perambularei no Céu e na terra. Permitir-me-ás tomar este Sangue que derramaste, a fim de que possa dá-lo a todos os homens como penhor da salvação de cada um e levar-te como conforto, e retribuir com os seus afetos, palpitações, pensamentos, passos e obras.

Minha Mamãe celeste, venho a ti para irmos juntos a todas as almas, dando-lhes o Sangue de Jesus. Doce Mamãe, Jesus deseja conforto, e o maior alívio que lhe podemos dar é levar-lhe almas.

Madalena, acompanha-nos! Todos vós, Anjos, vinde ver como Jesus está arrasado! Ele deseja receber o conforto de todos, e tanto é o abatimento em que se encontra, que não rejeita ninguém.

Meu Jesus, enquanto bebes o cálice cheio de intensas amarguras que o Pai celeste te enviou, ouço que mais suspiras, gemes, deliras e, com voz sufocada, dizes: "Almas, almas, vinde, aliviad-me! Entrai na minha Humanidade; quero-vos, suspiro por vós! Por favor, não seiais surdas à minha voz, não torneis vãos as minhas ardentes aspirações, o meu Sangue, o meu Amor, as minhas dores! Vinde, almas, vinde!".

Jesus delirante, cada um dos teus gemidos e suspiros é uma ferida no meu coração, que não me dá paz; por isso, faço meu o teu Sangue, a tua Vontade, o teu zelo ardente, o teu Amor e, perambulando no Céu e na terra, quero ir a todas as almas, para dar-lhes o teu Sangue como penhor da sua salvação e levá-las a ti, para apaziguar as tuas inquietações, os teus delírios e abrandar as tristezas da tua agonia. E enquanto fizer isto, tu acompanhar-me-ás com o teu olhar.

Minha Mãe, venho a ti porque Jesus quer almas, deseja conforto. Portanto, dá-me a tua mão materna e caminhemos juntos pelo mundo inteiro, em busca de almas. Encerremos no seu Sangue os afetos, as aspirações, os

pensamentos, as obras e os passos de todas as criaturas, e lancemos nas suas almas as chamas do seu Coração a fim de que se rendam e, assim, fechadas no seu Sangue e transformadas pelas suas chamas, conduzi-las-emos em redor de Jesus, para aliviar as dores da sua acérrima agonia.

Meu Anjo da guarda, preceda-me; dispõe as almas que devem receber este Sangue, a fim de que nenhuma gota permaneça sem o seu copioso efeito. Minha Mamãe, caminhemos depressa! Vejo o olhar Jesus que nos acompanha; ouço os seus reiterados soluços, que nos impelem a apressar a nossa tarefa.

E eis, Mamãe, depois dos primeiros passos já nos encontramos à porta das casas onde jazem os enfermos. Quantos membros dilacerados! Quantos, sob a atrocidade dos espasmos, irrompem em blasfêmias e procuram privar-se da própria vida. Outros são abandonados por todos e não têm quem lhes ofereça uma palavra de conforto, os socorros mais essenciais e, por isso, imprecam e desesperam-se ainda mais. Ah, Mamãe, ouço os soluços de Jesus que vê retribuídas com ofensas as suas mais queridas predileções de amor que fazem padecer as almas para torná-las semelhantes a Si. Por favor, ofereçamo-lhes o seu Sangue, a fim de que lhes ministre as ajudas necessárias e, com a sua luz, faça compreender o bem que existe no padecimento e na semelhança que adquirem de Jesus; e tu, minha Mamãe, põe-te perto de deles e, como Mãe afetuosa, toca com as tuas mãos maternais os seus membros doridos, alivia as suas dores, toma-os nos teus braços e, do teu Coração, derrama torrentes de

graças sobre todos os seus sofrimentos: faz companhia aos abandonados, consola os aflitos; a quem não dispõe dos meios necessários, dispõe almas generosas para socorrê-las; a quem se encontra sob a atrocidade dos espasmos, impetra trégua e repouso para que, aliviados, possam suportar com maior paciência quanto Jesus lhes dispuser.

Perambulemos ainda e entremos nos quartos dos moribundos. Minha Mamãe, que terror! Quantas almas estão para cair no inferno! Quantos, depois de uma vida de pecado, querem provocar a derradeira dor àquele Coração reiteradamente ferido, coroando o último anélito com um ato de desespero. Muitos demônios estão em redor deles, lançando nos seus corações o terror e o assombro dos juízos divinos e assim dão o último assalto a fim de os conduzir para o inferno; gostariam de desprender as chamas infernais para envolvê-los nelas e assim não dar lugar à esperança. Outros, vinculados pelos ligames da terra, não sabem resignar-se a dar o último passo; por favor, ó Mamãe, os momentos são extremos, e eles têm muita necessidade de ajuda; não vêes como tremem, como se debatem entre os espasmos da agonia, como pedem socorro e piedade? Para eles, a terra já desapareceu! Santa Mamãe, põe a tua mão materna na sua testa gélida, acolhe os seus últimos anseios; concedamos a cada um dos moribundos o Sangue de Cristo e, assim, afugentando os demônios, dispõe todos eles à recepção dos últimos Sacramentos e à uma morte boa e santa. Como conforto, propiciemo-lhes as agonias de Jesus, os seus beijos, as suas lágrimas e as suas feridas; desatemos os laços que os

conservam ligados, façamos com que todos ouçam a palavra do perdão e lancemos esta confiança no coração, a ponto de fazer com que se lancem nos braços de Jesus. Quando Jesus os julgar, encontrá-los-á cobertos como o seu Sangue, abandonados nos seus braços e a todos dará o seu perdão.

Voltemo-nos ainda, ó Mamãe; o teu olhar materno observe com amor a terra e se movimente com paixão, diante das muitas criaturas pobres que têm necessidade deste Sangue. Minha Mamãe, sinto-me impelir pelo olhar indagador de Jesus, a correr, porque Ele quer almas; ouço os seus gemidos no fundo do meu coração, que me repetem – «Minha filha, ajuda-me, dá-me as almas!».

Mas vê, ó Mamãe, como a terra está repleta de almas que estão prestes a cair no pecado e Jesus desata em lágrimas ao ver o seu Sangue padecer novas profanações. Seria necessário um milagre que impedisse a sua queda; por isso, doemo-lhes o Sangue de Jesus, para que encontrem nele a força e a graça para não cair no pecado.

Mais um passo, ó Mamãe, e eis algumas almas que já caíram na culpa, e desejariam uma mão para erguer-se. Jesus ama-as, mas olhar para elas com terror porque estão maculadas, e a sua agonia torna-se mais intensa. Doemo-lhes o Sangue de Jesus, a fim de que encontrem a mão que os levante. Vê, ó Mamãe, são almas que têm necessidade deste Sangue, almas mortas para a

graça; oh, como o seu estado é deplorável! O Céu olha para elas e chora com dor; a terra observa-as com desprezo; todos os elementos estão contra elas e quereriam destruí-las, pois são inimigas do Criador. Por favor, oh Mamãe, o Sangue de Jesus contém a vida; então doemo-lo para que, ao tocá-lo, estas almas ressurjam mais formosas, a ponto de fazer o céu e toda a terra sorrirem.

Voltemo-nos ainda, ó Mamãe; vê que há almas que têm o sinal da perdição, almas que pecam e fogem de Jesus, que o ofendem e desesperam do seu perdão; elas são os novos Judas espalhados pela terra, que traspassam aquele Coração tão amargurado. Doemo-lhes o Sangue de Jesus para que este Sangue cancele a sua marca de perdição e imprima a da salvação, lançando no seu coração tanta confiança e amor após a culpa, a ponto de as fazer correr aos pés de Jesus para se estreitar a esses pés divinos e nunca mais se separar.

Vê, ó Mamãe, existem almas que correm loucamente rumo à perdição e não há quem detenha o seu curso. Por favor, coloquemos este Sangue diante dos seus pés a fim de que, ao toque e à luz dele, ou ouvir as suas vozes de súplica que as quer salvas, possam recuar e pôr-se a caminho da salvação!

Continuemos, ó Mamãe, a dar voltas: vê, existem almas boas, almas inocentes em que Jesus encontra a sua complacência e o repouso na criação, mas as criaturas perambulam ao seu redor com muitas insídias e escândalos, para

arrebatam esta inocência e mudam a complacência e o descanso de Jesus em pranto e amargura, como se não tivessem outra finalidade, a não ser a de provocar contínuas dores ao Coração divino. Então, selemos e circundemos a sua inocência com o Sangue de Jesus como um muro de defesa, a fim de que a culpa não as penetre; com ele, afugentamos quem deseja contaminá-las e conserve-as imaculadas e puras a fim de que Jesus na criação encontre o seu descanso e toda a sua complacência e, por amor delas, tenha piedade de muitas outras pobres criaturas. Minha Mãe, insiram as estas almas no Sangue de Jesus, vinculemo-as e voltemos a atá-las à santa Vontade de Deus, carreguemo-as nos seus braços e, com as amáveis cadeias do seu amor, liguemo-as ao seu Coração para aliviar as amarguras da sua agonia mortal.

Mas ouve, ó Mãe, este Sangue brada e quer ainda mais almas; corramos juntos e vamos às regiões dos heréticos e dos infiéis. Quanta dor Jesus sente nestas regiões! Ele, que é a vida de todos, não recebe em contrapartida nem sequer um pequeno ato de amor e não é conhecido pelas suas próprias criaturas. Por favor, ó Mãe, doemo-lhes este Sangue a fim de que afaste as trevas da ignorância e da heresia; faz compreender que têm uma alma e abre-lhes o Céu. Depois, insiram todas elas no Sangue de Jesus, conduzamo-las a Ele como muitos filhos órfãos e exilados que encontram o seu Pai, e assim Jesus sentir-se-á confortado na sua acérrima agonia.

Mas parece que Jesus ainda não está satisfeito, pois deseja ainda mais almas. Ele sente que as almas moribundas destas regiões são arrebatadas dos seus braços para irem cair no inferno. Estas almas já estão prestes a expirar e precipitar no abismo; não há ninguém perto delas para salvá-las; falta tempo, os momentos são extremos e elas perder-se-ão certamente! Não, Mamãe, este Sangue não será derramado inutilmente por elas, portanto voemos depressa até elas, derramemos o Sangue de Jesus sobre a sua cabeça para que lhes sirva de batismo e lhes infunda fé, esperança e amor. Ó Mamãe, coloca-se perto delas, supre tudo o que lhes faltar; aliás, mostra-te; no teu rosto resplandece a beleza de Jesus, todos os teus modos são semelhantes aos seus e assim, ao verem-te, com certeza poderão conhecer a Jesus. Depois, estreita-as ao teu coração materno, infunde nelas a vida de Jesus que tu possuis e diz-lhes que, como sua Mãe, queres que sejam felizes para sempre contigo no Céu e assim, ao expirarem, recebe-as nos teus braços e faz com que dos teus braços passem para os de Jesus; e se Jesus, segundo os direitos de Justiça, demonstrar que não as quer receber, recorda-lhe o amor com que as quis confiar-te aos pés da cruz e reclama os teus direitos de Mãe, de tal forma que ao teu amor e às tuas orações Ele não saberá resistir e, ao contentar o teu coração, satisfará também os seus ardentes desejos.

E agora, ó Mamãe, tomemos este Sangue e doemo-lo a todos: aos aflitos, para que sejam confortados; aos pobres, para que sofram resignados a sua pobreza; aos tentados, para que obtenham a vitória; aos incrédulos, para que neles

triunfem as virtudes da Fé; aos blasfemadores, para que transformem as blasfêmias em bênçãos; aos Sacerdotes, a fim de que compreendem a sua missão e sejam dignos ministros de Jesus. Toca os seus lábios com este Sangue, para que não pronunciem palavras não sejam de glória a Deus; toca os seus pés, a fim de que voem para ir em busca de almas a serem conduzidas a Jesus.

Doemos este Sangue aos governantes dos povos, para que se unam entre si e sintam mansidão e amor para com os seus súditos.

Voemos agora ao Purgatório e concedamo-lo também às almas purgantes, porque elas muito choram e reclamam este Sangue para a sua libertação. Não ouves, ó Mãe, os seus gemidos, os seus desejos de amor, as torturas, como continuamente se sentem atraídas ao Sumo Bem? Vê como o próprio Jesus quer purgá-las mais depressa, para tê-las consigo; atraí-as com o seu amor e elas retribuem com incessantes impulsos rumo a Ele; e enquanto se encontram à sua presença, não podendo já sustentar a pureza do olhar divino, são obrigadas a recuar e a cair novamente nas chamas!

Minha Mãe, desçamos a este profundo cárcere e, derramando sobre elas este Sangue, levemo-lhes a luz, acalmemos os seus desejos de amor, apaguemos o fogo que as queima, purifiquemos as suas manchas de tal forma que, livres de todas as penas, elas voem para os braços do Sumo Bem.

Doemos este Sangue às almas mais abandonadas, a fim de que encontrem nele todos os sufrágios que as criaturas lhes negam; a todas, ó Mamãe, doemos este Sangue, sem privar nenhuma delas, a fim de que todas encontrem alívio e libertação através dele. Sê a Rainha nestas regiões de pranto e de lamentações, estende as tuas mãos maternas e, uma a uma, coloca-as fora destas chamas ardentes e faz com que todas levantem vôo rumo ao Céu. E agora também nós levantemos vôo rumo ao Céu, coloquemo-nos diante das portas eternas e permite, ó Mamãe, que dê também a ti este Sangue para a tua maior glória. Este Sangue te inunde de nova luz e novas alegrias, e faça com que esta luz desça sobre todas as criaturas, para dar graças de salvação a todas elas.

Minha Mamãe, dá também a mim este Sangue; tu sabes quanta necessidade tenho dele. Com as tuas próprias mãos maternas, volta a impregnar-me totalmente com este Sangue e, imbuindo-me, purifica as minhas manchas, cura as minhas feridas e enriquece a minha pobreza; faz com que este Sangue circule nas minhas veias e me dê de novo toda a vida de Jesus. Desce ao meu coração e transforma-o no próprio Coração dele, adorna-me muito, de tal forma que Jesus possa encontrar todas as suas satisfações em mim. Enfim, ó Mamãe, entremos nas regiões celestes e cedamos este Sangue a todos os Santos, a todos os Anjos, para que possam receber a maior glória, irromper em agradecimentos a Jesus e interceder por nós, de tal forma que em virtude deste Sangue os possamos alcançar. E depois de ter dado este Sangue a todos,

vamos de novo ter com Jesus. Anjos e Santos, vinde conosco; ah, Ele suspira pelas almas, pois quer fazer com que todas voltem a entrar na sua Humanidade para dar a todas elas os frutos do seu Sangue; coloquemo-as ao seu redor e Ele sentirá que a vida lhe retorna e que a acérrima agonia padecida lhe é recompensada. E agora, Santa Mãe, chamemos todos os elementos a fazer-lhe companhia, a fim de que também eles prestem honra a Jesus.

Ó luz do sol, vem dissipar as trevas desta noite para dar conforto a Jesus. Ó estrelas, com os vossos raios trêmulos, descei do céu, vinde dar alívio a Jesus. Flores da terra, vinde com os vossos perfumes; pássaros, vinde com os vossos gorjeios; todos os elementos da terra, vinde confrontar-vos com Jesus. Vem, ó mar, refrescar e lavar Jesus. Ele é o nosso Criador, a nossa vida, o nosso tudo; vinde todos confortá-lo, prestar-lhe homenagem como ao nosso soberano Senhor. Mas, ah, Jesus não está à procura de luz, estrelas, flores e pássaros; Ele quer almas, almas!

Ó meu dócil Bem, eis todos juntamente comigo: está próxima de ti a querida Mãe, podes descansar nos seus braços; assim, também ela receberá conforto, estreitando-te ao peito, porque em grande medida participou da tua dolorosa agonia; estão aqui também Madalena, Maria e todas as almas amantes de todos os séculos. Por favor, ó Jesus, aceita-as e diz a todas uma palavra de perdão e de amor, vincula todas elas no teu amor para que nenhuma alma volte a alhear-se de ti!

Mas ah, parece-me que Tu dizes: «Ó filho, quantas almas escapam de mim com a força e vacilam na ruína eterna! Portanto, como poderá acalmar-se a minha dor, se amo uma só alma tanto quanto amo todas as almas juntas?».

Jesus agonizante, parece que a tua vida está prestes a terminar. Já sinto o estertor da agonia, os teus lindos olhos eclipsados pela morte já próxima, todos os teus membros abandonados e não raro parece que já não respiras. Sinto que o meu coração está explodindo de dor. Abraço-te e sinto-te gélido; sacudo-te e não dás sinal de vida! Jesus, estás morto? Mamãe aflita, Anjos do Céu, vinde chorar Jesus e não permitais que eu continue a viver sem Ele. Ah, não posso! Abraço-o com mais força e sinto que volta a respirar, mas de novo não dá sinal de vida! Interpelo-o: «Jesus, Jesus, minha Vida, não morras!». Todavia, já ouço o fragor dos teus inimigos que vêm prender-te; quem te defenderá, nas condições em que te encontras? Mas eis que, sacudindo-te como se ressurgisses da morte para a vida, olhas para mim e dizes: «Ó alma, estás aqui? Portanto, foste espectadora das minhas dores e das inúmeras mortes que padecei? pois bem, debes saber que nestas três horas de acérrima agonia no Horto encerrei em mim todas as vidas das criaturas e sofri todas as suas penas e a sua própria morte, dando a cada uma delas a minha vida. As minhas agonias sustentarão as suas, as minhas tristezas e a minha morte transformar-se-ão para elas em manancial de docilidade e de vida. Quanto me custam as almas! Se pelo menos houvesse uma retribuição! Tu viste que, enquanto

morria, eu voltava a respirar; eram as mortes das criaturas que eu sentia dentro de mim!».

Meu ofegante Jesus, uma vez que quiseste encerrar em ti também a minha vida e portanto a minha morte, rogo-te, por esta tua acérrima agonia, que venhas assistir-me na hora da minha morte. Dei-te o meu coração como refúgio e descanso, os meus braços como sustento e coloquei todo o meu ser à tua disposição; e oh, de quanta boa vontade me entregaria aos teus inimigos, para poder morrer no teu lugar! Vem, ó Vida do meu coração, naquela hora a restituir-me o que te dei: a tua companhia, o teu Coração como leito e repouso, os teus braços como sustento, a tua respiração ofegante para aliviar os meus arquejos, de tal maneira que respirando, fá-lo-ei através da tua respiração que, como ar renovador, purificar-me-á de qualquer mácula e colocar-me-á na entrada da bem-aventurança eterna.

Aliás, meu dócil Jesus, então darás à minha alma a tua própria santíssima Humanidade, de tal maneira que, olhando para mim, fixarás a ti mesmo através de mim e, olhando para si mesmo, em mim nada encontrarás para julgar; e depois banhar-me-ás no teu Sangue, revestir-me-ás com a cândida veste da sua santíssima Vontade, acariciar-me-ás com o teu Amor e, dando-me o derradeiro beijo, far-me-ás levantar vôo da Terra rumo ao Céu. E o que desejo para mim, faze-o a todos os agonizantes; estreita-os no teu abraço de amor e,

dando-lhes o ósculo da união contigo, salva todos e não permitas que qualquer um deles se perca!

Meu aflito Bem, ofereço-te esta Hora santa em memória da tua Paixão e de Morte, para desagravar a justa cólera de Deus diante dos inúmeros pecados, para o triunfo da santa Igreja, para a conversão de todos os pecadores, para a paz dos povos, especialmente na nossa Itália, para a nossa santificação e em sufrágio das almas do purgatório.

Mas vejo que os teus inimigos estão próximos e tu queres deixar-me para ires ao seu encontro. Jesus, permite-me que ofereça todos os santos ósculos da tua santíssima Mãe, deixa que beije os teus lábios, que agora mesmo Judas ousará oscular com o seu beijo infernal; que te enxugues o Rosto molhado de Sangue, que daqui a pouco será alvo de bofetões e escarros; estreito-me com força ao teu Coração, não te abandono, mas sigo-te e Tu abençoar-me-ás e assistir-me-ás. Assim seja.

Reflexões e Práticas

Nesta terceira hora do Getsêmani, Jesus pediu ajuda ao Céu, e as suas dores eram tantas que suplicou conforto também aos seus discípulos. E nós, em qualquer circunstância de sofrimento e desventura, pedimos sempre assistência

ao Céu? E mesmo quando recorremos às criaturas, fazemo-lo de maneira ordenada, junto a quem nos pode confortar santamente? Resignamo-nos, pelo menos, se não recebemos o alívio que esperávamos, usando a indiferença das criaturas para abandonar-nos mais nos braços de Jesus? Ele foi confortado por um Anjo; e nós, podemos dizer que somos o anjo de Jesus, permanecendo ao seu lado para consolá-lo e participar das suas amarguras? Para podermos ser verdadeiramente Anjos de Jesus, temos necessidade de aceitar os sofrimentos assim como Ele no-las envia, por isso como dores divinas; só então podemos ousar confortar um Deus tão entristecido; se não, se aceitarmos os sofrimentos em sentido humano, não podemos usá-los para consolar o Homem-Deus e portanto não conseguimos ser Anjos.

Nos sofrimentos que Jesus nos manda, parece que nos envia o cálice em que devemos colocar o fruto dos mesmos, e estas dores, padecidas com amor e resignação, transformar-se-ão em dulcíssimo néctar para Jesus. Em cada sofrimento, diremos: Jesus chama-nos a ser anjos em seu redor, aspira às nossas consolações e, por isso, faz-nos partícipes das suas dores.

Meu Amor, Jesus, nos meus sofrimentos busco o teu Coração como descanso e quero reparar as tuas dores com as minhas, para permutá-las contigo e ser o teu anjo consolador.

Oitava Hora

Da meia-noite à 1 da madrugada

A Captura de Jesus

Ó meu Jesus, já é meia-noite; sentes que os inimigos se aproximam de ti e, arrumando-te e enxugando-te o Sangue, reforçado pelos confortos recebidos, vais de novo ter com os teus discípulos. Chama-los, admoesta-los e leva-los contigo para ires ao encontro dos inimigos, desejando reparar com a tua prontidão a minha lentidão, indolência e preguiça de agir e de padecer por amor de ti.

Mas ó dócil Jesus, meu Bem, que cena comovedora vejo! Encontras primeiro o pérfido Judas que, aproximando-se de ti e lançando-se ao seu pescoço, te cumprimenta e te beija; e Tu, Amor profundíssimo, não desdenhas beijar aqueles lábios infernais, abraça-lo e estreita-lo ao Coração, desejando arrebatá-lo do inferno e enviando-lhe sinais de novo amor. Meu Jesus, como é possível não amar-te? Tamanha é a ternura do teu Amor, que deveria levar com a força todos os corações a amar-te, e todavia não te amam! E Tu, ó meu Jesus, neste beijo de Judas, suportando-o, reparas as tradições, os fingimentos, os enganoses sob a aparência da amizade e da santidade, de forma especial dos sacerdotes.

De resto, o teu beijo manifesta que a nenhum pecador, contanto que se humilhe perante ti, negarias o teu perdão.

Meu terníssimo Jesus, já te entregas aos teus inimigos, dando-lhes o poder de fazer-te sofrer o que eles querem. Também eu, ó meu Jesus, me entrego às tuas mãos, a fim de que possas fazer de mim livremente o que quiseres; e juntamente contigo, quero seguir a tua Vontade, as tuas reparações e sofrer as tuas dores. Desejo estar sempre perto de ti, para fazer com que não haja ofensa que eu não repare, amargura que não alivie, escarros e bofetões que tu recebes que eu não possa acompanhar com meus beijos e carícias. Nas quedas de que serás vítimas, as minhas mãos estarão sempre prontas a ajudar-te a levantar. Dado que quero estar sempre contigo, ó meu Jesus, não te quero deixar sozinho nem sequer um minuto; e para ser mais seguro, coloca-me dentro de ti e eu estarei na tua mente, nos teus olhares, no teu Coração e em todas as parte de ti, para fazer com que aquilo que fazes, também eu possa fazer. Assim, poderei ser tua fiel companhia e nenhuma das tuas dores me poderá passar despercebida, para dar-te em tudo a minha retribuição de amor.

Meu dócil Bem, estarei ao teu lado para defender-te, para aprender os teus ensinamentos, para enumerar uma por uma todas as tuas palavras. Ah, como descem com docilidade no meu coração as palavras que dirigiste a Judas: «Amigo, para que vieste?», e sinto que também diriges as mesmas palavras, não chamando-me amigo, mas com o dócil nome de filho: «Filho, para que

vieste?», para ouvir responder-te: «Jesus, para amar-te». «Para que vieste?», repetes-me quando me acordo de manhã; «Para que vieste?», quando rezo; «Para que vieste?», repetes-me da Hóstia sagrada, quando venho receber-te no meu coração.

Que linda chamada para mim e para todos! Mas à tua pergunta «Para que vieste?», quantos respondem: «Venho para ofender-te!». Outros, fingindo que não te ouvem, entregam-se a todos os tipos de pecado e, ao teu interrogativo «Para que vieste?», respondem caindo no inferno! Como tenho compaixão de ti, ó meu Jesus! Gostaria de tomar as mesmas cordas com que os teus inimigos estão prestes a atar-te, para amarrar estas almas e poupar-lhes esta dor.

Mas ouço de novo a tua voz terníssima que, enquanto vais ao encontro dos teus inimigos, diz: «Quem procurais?», ao que eles respondem: «Jesus, o Nazareno»; e Tu dizes-lhes: «Eu sou». Com estas simples palavras, dizes tudo e apresentas-te por aquilo que és, a tal ponto que os inimigos tremem e caem no chão, como mortos; e Tu, Amor indivisível, repetes de novo: «Eu sou» e chama-los à vida, e sozinho entregas-te ao poder dos inimigos. E eles, pérfidos e ingratos, em vez de se prostrar, humildes e ofegantes, aos teus pés e pedir-te perdão, abusando da tua vontade e desprezando graças e prodígios, seguram-te com as mãos e, usando cordas e correntes, amarram-te, apertam-te, lançam-te no chão, põem-te debaixo dos seus pés, arrancam-te os cabelos e Tu, com

paciência inaudita, calas-te, sofres e reparas as ofensas daqueles que, não obstante os milagres, não se rendem à tua Graça e se obstinam ainda mais.

Com as cordas e cadeias, impetras do Pai a graça de rebentar as correntes das nossas culpas e atas-nos com a dócil cadeia do Amor. E repreende amorosamente Pedro, que quer defender-te até mesmo cortando a orelha de Malco; desta forma, queres reparar as obras boas não realizadas com santa prudência ou que por excesso de zelo caem no pecado.

Meu pacientíssimo Jesus, estas cordas e correntes parecem acrescentar algo de mais lindo à tua Pessoa divina: a tua testa torna-se mais majestosa, a tal ponto que chama a atenção dos seus próprios inimigos; os teus olhos brilham com mais luz, o teu Rosto divino manifesta-se com supremas paz e doçura, a ponto de apaixonar os teus próprios verdugos; com os teus modos suaves e profundos, embora sejam poucos, fazes com que eles tremam e, se ousam ofender-te, é porque Tu mesmo lhos permite.

Oh, Amor acorrentado e atado, jamais poderás permitir que te amarrem por mim, demonstrando assim ainda mais amor por mim, enquanto eu, teu pequeno filho, fique sem cordas e cadeias? Não, não, pelo contrário, ata-me com as tuas próprias cordas e correntes, com as tuas santíssimas mãos.

Por isso, rogo-te que me amarres, enquanto beijo a sua testa divina, todos os meus pensamentos, os olhos, as orelhas, a língua, o coração, os meus afetos e toda a minha pessoa, e ao mesmo tempo amarra todas as criaturas a fim de que, sentindo a doçura das tuas amorosas correntes, não ousem mais ofender-te.

Meu dócil Bem, já é uma da madrugada. A mente começa a adormecer; farei o possível para ficar acordado, mas se o sono me surpreender, entrego-me a ti, para seguir o que Tu fazes, aliás, o que Tu mesmo farás por mim. Em ti deixo os meus pensamentos, para defender-te dos teus inimigos, o meu respiro como seguimento e companhia, a minha palpitação para dizer-te sempre que te amo e para recuperares o amor que os outros não te dão, as gotas do meu sangue para proteger-te e restituir-te a honra e a estima que eles te tirarão com os insultos, escarros e bofetões. Meu Jesus, abençoa-me e faz-me dormir no teu adorável Coração e, com as palpitações aceleradas pelo Amor ou pela dor, com frequência poderei acordar-me e assim jamais interromper a nossa companhia; estejamos assim entendidos, ó Jesus!

Reflexões e Práticas

Jesus entregou-se com prontidão aos inimigos, olhando neles a Vontade do Pai.

Nos enganos das criaturas, nas traições, estamos por acaso prontos a perdoar como Jesus perdoou? Todo o mal que recebemos das criaturas, tomamo-lo inteiramente das mãos de Deus? Estamos prontos a fazer tudo aquilo que Jesus quer de nós? Nas cruces, nos cansaços, podemos dizer que a nossa paciência imita a de Jesus?

Meu Jesus acorrentado, as tuas cadeias atem o meu coração e o conservem firme para torná-lo pronto a sofrer aquilo que quiseres.

Nona Hora

Da 1 às 2 da madrugada

Lançado de um rochedo, Jesus cai na torrente do Cédron

Meu amado Bem, entre a vigília e o sono, a minha pobre mente segue-te. Como posso entregar-me ao sono, se vejo que todos te deixam e fogem de ti? os próprios Apóstolos, o ardoroso Pedro, que há pouco disse que quer dar a vida por ti, o discípulo predileto que, com tanto amor, fizeste descansar no teu Coração, ah, todos te abandonam e te deixam à mercê dos teus cruéis inimigos.

Meu Jesus, estás sozinho! Os teus olhos puríssimos observam ao redor, para ver se pelo menos um dos teus beneficiados te segue para testemunhar-te o seu amor e para defender-te; e quando percebes que ninguém, nenhum deles

permaneceu fiel a ti, o teu Coração aperta e desatas em lágrimas. E sentes mais dor pelo abandono dos teus companheiros mais fiéis, do que por aquilo que te fazem os próprios inimigos. Meu Jesus, não chores, ou pelo menos faz com que chore juntamente contigo. E o amável Jesus parece dizer: «Ah, filho, choremos juntos a sorte de tantas almas a mim consagradas que, por pequenas provações e por contratempos da vida, não se preocupam mais comigo e me deixam sozinho: por muitas outras, tímidas e vis, que por falta de coragem e de confiança me abandonam; por muitos e muitos que, não encontrando vantagem nas coisas santas, não cuidam de mim; por muitos sacerdotes que pregam, celebram e confessam por amor do interesse e da própria glória; estes mostram-se ao meu redor, mas eu permaneço sempre sozinho! Ah, filho, como é árduo para mim este abandono! Não só os meus olhos lacrimejam, mas o meu Coração sangra! Por favor, rogo-te que repares a minha amarga dor, prometendo-me que jamais me deixarás sozinho».

Sim, ó meu Jesus, prometo-o, auxiliado pela tua graça, identificando-me com a tua Vontade divina. Mas ó Jesus, enquanto Tu choras o abandono de quem te é querido, os inimigos não te poupam qualquer ultraje que podem fazer a ti; ó meu Bem, ligado e amarrado como estás, a tal ponto que sozinho não consegues dar sequer um passo, humilham-te, arrastam-te por aquelas ruas de pedra e de espinhos, de tal forma que não há um movimento que não te faça embater contra as pedras e ferir nos espinhos. Ah, meu Jesus, vejo que enquanto te arrastam, deixas atrás de ti o teu precioso Sangue e os cabelos

dourados que te arrancam da cabeça! Minha Vida e meu Tudo, conceda-me que os recolha, a fim de poder atar todos os passos das criaturas, que nem de noite de poupam; pelo contrário, servem-se da noite para ofender-te ainda mais: alguns por acaso, outros por prazer, outros por diversão e outros ainda em vista de furtos sacrílegos! Meu Jesus, uno-me a ti para reparar todas estas ofensas! Mas, ó meu Jesus, já nos encontramos na torrente do Cédron, e os pérfidos Judeus preparam-se para lançar-te dentro, fazem-te embater contra uma rocha ali existente, com tamanho ímpeto que te fazem derramar o teu preciosíssimo Sangue da boca, maculando aquela rocha! Depois, puxando-te, conduzem-te até o fundo daquelas águas pútridas, de modo que elas entram nos teus ouvidos, na boca e nas narinas. Oh, Amor inigualável, ficas inundado e como que encoberto por aquelas águas pútridas, repugnantes e frias, e desta maneira apresentavas-me ao vivo o estado piedoso das criaturas, quando cometem um pecado! Oh, como ficam cobertas, por dentro e por fora, por um manto de sujeira que faz nojo ao Céu e quem quer que as possa ver, atraindo assim os raios da Justiça divina! Oh, Vida da minha vida, pode existir um amor maior? Para tirar de nós este manto de imundície, Tu permites que os inimigos te lancem nesta torrente e sofres tudo para reparar os sacrilégios e a insensibilidade das almas que te recebem de forma sacrílega e te forçam mais do que a torrente, para fazer com que entres nos seus corações e sintas toda a repugnância delas! Tu permites ainda que estas águas te penetrem até nas entranhas; a tal ponto que, temendo a tua morte por afogamento e para

reservar-te maiores tormentos, os inimigos tiram-te fora; mas suscitais tanto nojo que eles mesmos sentem repugnância ao tocar-te.

Meu terno Jesus, já estás fora da torrente. O meu coração não agüenta ver-te tão ensopado por aquelas águas nauseantes; percebo que tremes de frio da cabeça aos pés; olhas ao teu redor, procurando com a vista o que não consegues com a voz, pelo menos um que te enxugue, limpe e te aqueça; mas em vão, ninguém tem piedade de ti, os inimigos zombam de ti e escarnecem-te, os teus abandonaram-te, a dócil Mamãe está distante, porque é assim que o Pai dispõe!

Ó Jesus, eis-me aqui, vem aos meus braços, quero chorar a ponto de criar um banho para lavar-te, limpar-te e, com as minhas mãos, arrumar os teus cabelos totalmente esguedelhados. Meu amor, quero fechar-te no meu coração para aquecer-te com o calor dos meus afetos, aspiro a perfumar-te com os meus desejos santos, quero repara todas estas ofensas e colocar a minha vida juntamente com a tua, para a salvação de todas as almas. Desejo oferecer-te o meu coração como lugar de descanso, para poder aliviar-te de alguma forma das dores padecidas até aqui, e depois retomaremos juntos o caminho da tua Paixão.

Reflexões e Práticas

Nesta hora, Jesus entregou-se aos seus inimigos, que chegaram a lançá-lo na torrente do Cédron; mas o amante Jesus olhava para todos com amor, suportando tudo por amor deles.

E nós, colocamo-nos à mercê da Vontade de Deus?

Nas nossas debilidades e quedas, estamos prontos a erguer-nos para lançarmos nos braços de Jesus? O atormentado Jesus foi lançado na torrente de Cédron, provando sufocações, náusea e repugnância; e nós detestamos qualquer mancha e sombra de pecado? Estamos prontos a dar abrigo a Jesus no nosso coração, para não lhe fazer sentir a repugnância que as almas lhe provocam com o pecado e para recompensá-lo da náusea que nós mesmos lhe ocasionamos muitas vezes?

Meu doloroso Jesus, em nada me poupes e faz com que eu possa ser objeto das tuas atenções divinas e amorosas!

Décima Hora

Das 2 às 3 da madrugada

Jesus é apresentado a Anás

Jesus, está sempre comigo; doce Mamãe, sigamos Jesus juntos. Meu Jesus, Sentinela divina, vigiando-me no Coração e não desejando permanecer sozinho, sem mim, acorda-me e faz-me estar contigo na casa de Anás.

Já te encontras naquela altura em que Anás te interroga acerca da tua doutrina e sobre os teus discípulos, e Tu, ó Jesus, para defender a glória do Pai, abre a tua sacratíssima boca e, com voz sonora e decorosa, respondes: «Eu falei em público, e todos aqueles que estão aqui me ouviram».

Perante as tuas distintas observações, todos sentem um tremor, mas a perfídia é tamanha que um servo, desejando prestar honra a Anás, se aproxima de ti e, com a mão fechada, dá-te uma bofetada, mas tão forte que te faz vacilar e inchar o teu santíssimo Rosto.

Agora compreendo, minha dócil Vida, porque me acordaste. Tu tinhas razão; quem devia sustentar-te, neste momento em que estás prestes a desfalecer? Os teus inimigos irrompem em gargalhadas satânicas, assobios e palmas, aplaudindo um ato tão injusto, e Tu, cambaleando, não tem em quem apoiar-te. Meu Jesus, abraço-te, aliás, quero servir-te de apoio com o meu ser e ofereço-te o meu rosto com coragem, pronto a suportar qualquer pena por amor de ti. Compadeço-me de ti por este ultraje e, juntamente contigo, reparo a timidez de inúmeras almas que facilmente se desanimam, reparo-te por todos aqueles que,

por medo, não dizem a verdade, pela falta de respeito devido aos sacerdotes e pelas murmurações.

Mas vejo, meu aflito Jesus, que Anás te manda a Caifás; os teus inimigos fazem-te precipitar pelas escadarias e Tu, meu Amor, nesta dolorosa queda, reparas por aqueles que de noite precipitam na culpa com o favor das trevas, e chamas à luz da Fé os heréticos e os infiéis.

Também eu quero seguir-te nestas reparações e, até chegares a Caifás, transmito-te os meus suspiros para defender-te dos teus inimigos; e enquanto eu dormir, continua a vigiar, acordando-me quando tiver necessidade. Por isso, dá-me o teu beijo e a tua bênção, e eu beijo o teu Coração e nele continuo o meu sono.

Reflexões e Práticas

Apresentado diante de Anás, Jesus é por ele interrogado sobre a sua doutrina e sobre os seus discípulos; para glorificar o Senhor, responde acerca da sua doutrina, mas não toca os discípulos para não faltar à Caridade. E nós, quando se trata de glorificar o Senhor, somos intrépidos e corajosos, ou então deixamo-nos vencer pelo respeito humano? Devemos dizer sempre a verdade, mesmo que seja diante de pessoas importantes. Quando falamos, procuramos sempre a glória de Deus? Para exaltar a glória de Deus, suportamos tudo com

paciência como Jesus? Evitamos sempre falar mal do próximo e perdoamo-lo, quando ouvimos outros falarem mal dele? Jesus vigia o nosso coração, e nós vigiamos o Coração de Jesus, a fim de que não receba qualquer ofensa que nós não seja por nós reparada? Vigiamos nós mesmos em tudo, para que cada um dos nossos pensamentos, olhares, palavras, afetos, palpitações e desejos sejam como muitas sentinelas em redor de Jesus, para vigiar o seu Coração e repará-lo de todas as ofensas? E para poder fazê-lo, rezamos a Jesus para que vigie cada um dos nossos atos e nos ajude Ele mesmo a vigiar o nosso coração? Cada ato que realizamos em Deus é uma vida divina que assumimos em nós; e dado que somos muito limitados, e Deus é imenso, não podemos encerrar um Deus no nosso mero ato, e portanto multipliquemo-los tanto quanto possível, para assim poder pelo menos aumentar a nossa capacidade de compreender e de amar. E quando o nosso Jesus nos chama, estamos prontos a responder? O chamado de Deus pode fazer-se ouvir de muitas formas: com a inspiração, a leitura de bons livros, o exemplo; pode fazer-se ouvir sensivelmente com as atrações da graça e também com as próprias intempéries da atmosfera.

Meu doce Jesus, a tua voz ressoe sempre no meu coração; e tudo que me circunda, dentro e fora, seja a voz constante que me chama sempre a amar-te, e a harmonia da tua voz divina me impeça de ouvir qualquer outra voz humana dissipadora.

Décima primeira Hora

Das 3 às 4 da madrugada

Jesus na casa de Caifás

Meu Bem aflito e abandonado, enquanto a minha frágil natureza dorme no teu Coração doloroso, o meu sono é com frequência interrompido pelos impulsos de amor e de dor do teu Coração divino. Entre a vigia e o sono, ouço os empurrões que te dão e, acordando, digo: meu pobre Jesus, abandonado por todos! Não há quem te defenda; mas de dentro do teu Coração, ofereço-te a minha vida, para servir-te de apoio quando te empurram. E adormeço de novo; mas outro impulso do teu Coração divino me acorda e ensurdeço com os insultos que te dirigem, os sussurros, os gritos e a corrida das pessoas.

Meu Amor, como é que todos se põem contra ti? O que fizeste para que, como muitos lobos ferozes, te desejarem devorar? Sinto que o meu sangue se congela, ao ver os preparativos dos teus inimigos, tremo e sinto-me angustiado, pensando numa forma de defender.

Mas o meu aflito Jesus, conservando-me no seu Coração, aperta-me com mais força e diz-me: «Meu filho, nada fiz de mal, e fiz tudo: cometi o delito do amor, que contém todos os sacrifícios, o amor cujo preço é incomensurável. Estamos ainda no início; está no meu Coração, observa tudo, ama-me, cala-te e

aprende. Faz com que o teu sangue gelado esorra nas minhas veias para dar vigor ao meu Sangue, que está totalmente em chamas; faz com que o teu tremor flua nos meus membros, a fim de que, compenetrado em mim, possa confirmar-te e aquecer-te, para sentir-te como parte das minhas dores e ao mesmo tempo possa adquirir força ao ver-me sofrer tanto assim. Esta será a mais linda defesa que me dedicarás; sê fiel a mim e atento!».

Meu doce Amor, é tão grande o tumulto dos teus inimigos, que não me deixam adormecer. Os empurrões tornam-se cada vez mais violentos; ouço o ruído das correntes com que te amarraram, de forma tão apertada que dos teus pulsos te fazem jorrar sangue vivo, com o qual marcas aquelas sendas. Recorda que o meu sangue está no teu, e quando Tu o derramas, o meu beija-te, te adora e te repara. O teu Sangue seja luz para todos aqueles que, de noite, te ofendem, e ímã para atrair todos os corações ao redor de ti, meu Amor e meu Tudo.

Enquanto te arrastam, o ar parece ensurdecer com os gritos e os assobios. Já chegas a Caifás; Tu és totalmente manso, modesto e humilde; a tua doçura e paciência são tamanhas que aterrorizam os teus próprios inimigos; quanto a Caifás, dominado pelo furor, gostaria de devorar-te. Ah, como se distinguem bem a Inocência e o pecado!

Meu Amor, Tu estás diante de Caifás como o maior dos culpados, prestes a ser condenado. Caifás já pergunta às testemunhas quais são os teus crimes. Ah,

teria agido melhor se perguntasse qual é o teu Amor! Alguns te acusam disto, outros, daquilo, de forma despropositada e contradizendo-se entre si; e enquanto te acusam, os soldados que estão perto de ti puxam os teus cabelos, dão bofetões horríveis contra o teu santíssimo Rosto, a ponto de fazer eco em toda a sala, torcem os teus lábios, batem contra ti e Tu ficas calado, sofres e, quando os observas, a luz dos teus olhos desce nos seus corações e, não podendo suportá-la, afastam-se de ti, mas chegam outros, para maltratar-te ainda mais.

Mas em tantas acusações e ultrajes, vejo que arrebitas as orelhas e o teu Coração pulsa com vigor, como se estivesse prestes a explodir de dor. Diz-me, meu aflito Bem, o que há de novo? Porque daquilo que te estão fazendo os teus inimigos, vejo que o teu Amor é tão grande que, ansioso, o esperas e o ofereces para a nossa salvação; e o teu Coração repara com toda a calma as calúnias, os ódios, os falsos testemunhos, o mal que se comete contra os inocentes com premeditação, e repara por aqueles que te ofendem por instigação dos chefes e as ofensas dos clérigos. E, enquanto estou unido a ti, sigo as tuas próprias reparações, percebo em ti a mudança de uma nova dor, jamais sentida antes. Diz-me, diz-me o que é? Ó Jesus, torna-me partícipe de tudo.

«Filho, queres saber? Ouço a voz de Pedro, que afirma que não me conhece; depois, jurou e voltou a jurar falso e anatematizou, dizendo que não me

conhece. Ó Pedro, por quê? Não me conheces? Não te recordas com quantos bens te cumulei? Ah, se os outros me fazem morrer de sofrimentos, tu fazes-me morrer de dor! Ah, como agiste mal, seguindo-me de longe, expondo-te assim às ocasiões!».

Meu Bem negado, como se conhecem imediatamente as ofensas dos teus companheiros mais queridos! Ó Jesus, quero fazer a minha palpitação compenetrar na tua, para abrandar o espasmo atroz de que faz sofrer, e a minha palpitação na tua jura fidelidade e amor, e repete e jura milhares de vezes que te conhece.

Mas o teu Amor ainda não se tranqüiliza e procuras olhar para Pedro. Ao fixar os teus olhares amorosos, repletos de lágrimas pela sua negação, Pedro entenece-se, chora e afasta-se; e Tu, depois de o ter colocado em lugar seguro, sossegas-te e assim reparas as ofensas dos Papas e dos chefes da Igreja, especialmente daqueles que se expõem às ocasiões.

Entretanto, os teus inimigos continuam a acusar-te e Caifás, vendo que nada respondes às suas acusações, diz-te: «Imploro-te pelo Deus vivo, diz-me, Tu és verdadeiramente o Filho de Deus?».

E Tu, meu Amor, tendo sempre nos lábios a palavra da verdade, comportando-se com suprema Majestade, com voz sonora e suave, de forma que todos ficam

estupefatos e os próprios demônios precipitam nos abismos, respondes: «Tu o dizes: sim, Eu sou o verdadeiro Filho de Deus, e um dia descerei das nuvens do Céu para julgar todas as nações!».

Ao ouvirem as tuas palavras criadoras, todos se calam, sentindo calafrios e temor; mas depois de poucos instantes de terror, recuperando-se e totalmente furibundo, Caifás diz a todos, com a cólera de um animal feroz: «Que necessidade temos de outras testemunhas? Ele já proferiu uma grande blasfêmia! O que mais esperamos para condená-lo? É já réu de morte!».

E para dar mais vigor às suas palavras, rasga as próprias vestes com tanta raiva e furor que todos, como se fossem um só, se arremessam contra ti, meu Bem, e enquanto alguns te dão socos na cabeça, outros puxam os cabelos, outros te dão bofetões, outros cospem no teu Rosto e outros ainda te pisam. São tantos os tormentos que te provocam, que a terra treme e os Céus ficam perturbados.

Meu Amor e minha Vida, Jesus, como te atormentam, o meu coração é dilacerado pela dor. Por favor, permita-me sair do teu doloroso Coração e enfrente no teu lugar todos estes ultrajes. Ah, se me fosse possível, gostaria de te arrebatá das mãos dos teus inimigos; mas Tu não queres, pois é isto que exige a salvação de todos e sou obrigado a resignar-me. Mas meu doce Amor, deixa-me que te arrume, que ajuste os teus cabelos, que te limpe dos escarros,

que enxugue o Sangue e me feche no teu Coração, porque vejo que Caifás, cansado, quer retirar-se, entregando-te aos soldados.

Por isso, abençô-te e Tu abençoas-me e dás-me o beijo do teu Amor; e eu fecho-me no forno do teu Coração divino para adormecer. Pouso os meus lábios no teu Coração para que, respirando, te beije, e da diversidade das tuas palpitações mais ou menos ofegantes, possa perceber se sofres ou descansas. Assim, protegendo-te com os meus braços para defender-te, abraço-te, estreito-me ao teu Coração e adormeço.

Reflexões e Práticas

Apresentado a Caifás, Jesus é acusado injustamente e submetido a torturas inauditas; quando é interrogado, Ele diz sempre a verdade.

E nós, quando o Senhor permite que nos caluniem e nos acusem injustamente, procuramos somente Deus, que conhece a nossa inocência? Ou então mendigamos a estima e a honra das criaturas? Dos nossos lábios sai sempre a verdade? Somos inimigos de qualquer artifício e falsidade? Suportamos com paciência os escárnio e as confusões que as criaturas nos ocasionam? Estamos prontos a dar a vida pela sua salvação?

Ó meu doce Jesus, como sou diferente de ti! Por favor, faz com que os meus lábios profiram sempre a verdade, de maneira a sensibilizar o coração de quem me escuta, para conduzir todos a ti!

Décima segunda Hora

Das 4 às 5 da madrugada

Jesus à mercê dos soldados

Jesus, minha dulcíssima Vida, enquanto eu dormia abraçado ao teu Coração, com frequência sentia que me picavam os espinhos que pungem o teu santíssimo Coração e, desejando acordar juntamente contigo, para que contes pelo menos com alguém que sente as tuas dores e tenha dó de ti, abraço o teu Coração com maior força ainda e, sentindo de modo mais vivo as tuas pontadas, acordo. Mas o que vejo, o que ouço? Queria esconder-te no meu coração, para expor-me no teu lugar e receber sobre mim dores tão pungentes, insultos e humilhações tão incríveis; mas só o teu Amor podia agüentar tantos ultrajes. Meu pacientíssimo Jesus, o que podia esperar de indivíduos tão desumanos?

Já vejo que te ridicularizam, te cobrem o Rosto com escarros densos, de forma que a luz dos lindos olhos fica encoberta pelos escarros e Tu, derramando rios de lágrimas pela nossa salvação, afasta dos teus olhos aqueles escarros; e os

teus inimigos, cujo coração não é capaz de ver a luz dos teus olhos, voltam a cobrir-te de escarros. Outros, aguçando o modo de te fazer mal, abrem a tua dulcíssima boca e a enchem de escarros fétidos, a tal ponto que eles mesmos sentem repugnância. E dado que uma parte daqueles escarros sai e mostra parcialmente a majestade do teu Rosto e a tua docilidade sobre-humana, eles sentem arrepios e envergonham-se de si mesmos; e para sentir-se mais livres, vendam, os teus olhos com um trapo vilíssimo, de modo a poderem desenfrear totalmente contra a tua adorável Pessoa, e assim espancam-te sem piedade, arrastam-te, pisam-te e continuam a dar socos e bofetões no teu Rosto e na cabeça, arranhando-te, puxando os teus cabelos e empurrando-te de um ponto para outro.

Jesus, meu Amor, o meu coração não suporta ver-te no meio de tantas dores. Tu queres que eu observe tudo, mas sinto que gostaria de vendar os meus olhos para não ver cenas tão dolorosas, que fazem arrancar o coração de qualquer peito, mas o amor por ti obriga-me a olhar o que fazem de ti.

E vejo que te calas, que nada dizes para defender-te, que estás nas mãos destes soldados como um farrapo e podem fazer de ti o que querem; e quando os vejo saltar sobre ti, temo que morras debaixo dos seus pés.

Meu Bem e meu Tudo, tanta é a dor que sinto pelas tuas penas, que gostaria de gritar com tanta força a ponto de me fazer ouvir no Céu e chamar o Pai, o

Espírito Santo e todos os Anjos, e aqui na terra, de um ponto a outro, chamar primeiro a dócil Mamãe e todas as almas que te amam de modo a impedir, formando um círculo ao teu redor, que estes soldados insolentes se aproximem de ti para continuar a insultar-te e a atormentar-te; e juntamente contigo reparar todas as espécies de pecados noturnos, sobretudo os cometidos pelos sequazes da tua Pessoa sacramental durante a noite, e todas as ofensas das almas que não se mantêm fiéis na noite da provação.

Mas vejo, meu insultado Bem, que os soldados, cansados e embriagados, gostariam de descansar, e o meu pobre coração, oprimido e dilacerado pelos teus inúmeros sofrimentos, não quer ficar sozinho contigo e sente a necessidade de outra companhia. Por favor, minha Mamãe, sê Tu a minha inseparável companhia. Por favor, juntos abracemos a Jesus para consolá-lo! Ó Jesus, juntamente com a Mamãe, beijo-te, abençôo-te e, com ela, entrarei no sono do Amor, no teu adorável Coração.

Reflexões e Práticas

Nesta hora, Jesus está no meio dos soldados com ânimo imperturbável, com constância férrea; como o Deus que é, Ele padece todos os sofrimentos que os soldados lhe proporcionam e olha para eles com tanto amor que parece convidá-los a provocar-lhe mais dores. E nós, nos reiterados sofrimentos, somos constantes ou nos lamentamos, aborrecemo-nos, perdemos a paz, a paz

do coração necessária para fazer com que Jesus possa encontrar em nós uma morada feliz?

A firmeza é a virtude que faz saber se Deus reina verdadeiramente em nós; se a nossa é uma virtude genuína, seremos firmes na provação, com uma constância, e não de forma esporádica, mas sempre igual a si mesma; e só esta firmeza nos pode dar a paz. Tanto mais firmes formos no bem, no sofrimento e nas realizações, tanto mais alargaremos o campo à nossa volta, onde Jesus aumentará as suas graças. Assim, se formos inconstantes, o nosso campo será limitado, e Jesus nada ou quase nada poderá movimentar-se. Por outro lado, se formos firmes e constantes, Jesus achará um campo muito vasto e encontrará em nós o seu apoio e sustento, onde derramar as suas graças.

Se quisermos que o nosso amado Jesus descanse em nós, circundemo-lo com a mesma firmeza com que Ele agia em vista da salvação das nossas almas. Assim defendido, Ele estará no nosso coração em doce repouso. Jesus olhava com amor para aqueles que o maltratavam; e nós, temos o mesmo amor por quem nos ofende? E o amor que lhes demonstramos é tão grande, a ponto de fazer com que seja uma voz tão poderosa para os seus corações, que se convertam a Jesus?

Meu Jesus, meu Amor infinito, dá-me este amor e faz com que cada dor atraia almas para ti.

Décima terceira Hora

Das 5 às 6 da manhã

Jesus na prisão

Meu Jesus prisioneiro, acordei e não te encontro. O meu coração pulsa com muita força e deseja amor. Diz-me, onde estás? Meu Anjo, leva-me à casa de Caifás. Mas dou voltas, procuro em toda a parte e não te encontro. Meu Amor, depressa, com as tuas mãos movimentas as correntes com que te conservas ligado o meu coração ao teu e puxa-me a ti, a fim de que eu possa levantar vôo para ir lançar-me nos teus braços. E Tu, Jesus meu Amor, ferido pela minha voz e aspirando à minha companhia, já me atraís e vejo que puseram na prisão. O meu coração exulta de alegria ao encontrar-te, mas sinto que é ferido pela dor, vendo o estado em que te reduziram.

Vejo-te com as mãos amarradas atrás de uma coluna, com os pés ligados e apertados; vejo o teu santíssimo Rosto contundido, entumecido e sanguinolento pelos horríveis bofetões recebidos. Os teus purísimos olhos inchados, a tua pupila exausta e triste em virtude da vigília, os teus cabelos em total desordem, a tua santíssima Pessoa integralmente dolorida e, além disso, não podes erguer-te nem limpar-te porque estás amarrado.

E eu, ó meu Jesus, num soluço de pranto, abraçando os teus pés, digo: «Ah, como foste maltratado, ó Jesus!».

E olhando-me, Jesus responde: «Vem, ó meu filho, e está atento a tudo o que me vires fazer, para fazê-lo juntamente comigo e assim poderes continuar a minha Vida em ti».

E eis que, com admiração, vejo que em vez de te preocupar com as tuas feridas, com amor indescritível pensas em glorificar o Pai, para retribuí-lo daquilo que nos obriga, e chamas todas as almas ao teu redor, para restituir a todos os males que te provocam todos os bens. E quando estamos na aurora do dia, ouço a tua voz dulcíssima que diz:

«Pai Santo, dou-te graças por tudo o que sofri e por aquilo que me resta sofrer. E como este alvorecer chama o dia e o dia faz nascer o sol, assim a aurora da Graça brote em todos os corações e, assim agindo, Eu Sol divino possa surgir em todos os corações e reinar sobre todos. Vês estas almas, ó Pai? E eu desejo responder-te por todos, pelos seus pensamentos, palavras, ações e passos, mesmo à custa de Sangue e de morte».

Meu Jesus, Amor sem confins, uno-me a ti e também eu te agradeço por quanto me fizeste sofrer e por aquilo que me resta padecer, e peço-te que faça nascer

em todos os corações a aurora da Graça para que Tu, Sol divino, possa renascer em todos os corações e reinar sobre todos.

Mas vejo ainda, meu doce Jesus, que Tu reparas todas as primícias dos pensamentos, dos afetos e das palavras que no princípio do dia não são oferecidos a ti para honrar-te, e que atraís a ti como entrega, os pensamentos, os afetos e as palavras das criaturas, para reparar e dar ao Pai a glória que eles lhe devem.

Meu Jesus, Mestre divino, já que nesta prisão temos uma hora de liberdade e estamos a sós, não só quero fazer o que fazes, mas limpar-te, arrumar os teus cabelos e compenetrar-me em ti. Por isso, aproximo-me da tua sacratíssima cabeça e, ajustando os teus cabelos, quero reparar-te por tantas mentes confusas e repletas de terra, que não reservam um pensamento a ti; e compenetrando-me na tua mente, quero reunir em ti todos os pensamentos das criaturas e fundi-las nos teus pensamentos, a fim de encontrar a reparação suficiente para todos os pensamentos malignos, para tantas luzes e inspirações sufocadas. Gostaria de fazer de todos os pensamentos um só com os teus, para dar-te a verdadeira reparação e a glória perfeita.

Meu Jesus aflito, beijo os teus olhos amargurados e repletos de lágrimas. Com as mãos atadas à coluna, não podes enxugá-los nem eliminar os escarros com que te macularam; e dado que a posição em que te amarraram é dilacerante,

não podes fechar os olhos cansados para descansar. Meu Amor, de muito bom grado desejaria que os meus braços te servissem de leito, para fazer-te repousar; e quero enxugar os teus olhos, pedir-te perdão e reparar-te por todas as vezes que não te agradamos e não te olhamos para compreender o que querias de nós, o que devíamos fazer e aonde deseavas que fôssemos. Quero compenetrar os meus olhos nos teus e nos de todas as criaturas, para poder reparar com os teus próprios olhos todo mal que fizemos com a vista.

Meu piedoso Jesus, beijo as tuas santíssimas Orelhas, cansadas de ouvir os insultos durados a noite inteira e muito mais o eco de todas as injúrias das criaturas, que ressoam no seu ouvido. Peço-te perdão e reparo-te por todas as vezes que nos chamaste e fomos surdos ou fizemos de conta que não ouvíamos e Tu, exausto, repetiste as tuas chamadas, mas em vão! Desejo identificar o meu ouvido com o teu e também no de todas as criaturas, para fazer-te uma reparação contínua e completa.

Jesus apaixonado, adoro e beijo o teu santíssimos Rosto, totalmente inchado pelos bofetões. Peço-te perdão e reparo-te por todas as vezes que Tu nos chamaste a oferecer reparações e nós, unindo-nos aos teus inimigos, te demos bofetões e te cuspimos. Meu Jesus, quero fundir o meu rosto no teu, para devolver-te a tua beleza natural, propiciando-te a plena reparação por todos os desrezos que se fazem à tua adorável Majestade.

Meu Bem amargurado, beijo a tua dulcíssima boca, cheia de dor pelos socos e reacesa pelo amor. Desejo compenetrar a minha língua na tua e também na língua de todas as criaturas, para reparar com a tua própria língua todos os pecados e os pronunciamentos nefandos que se proferem; meu dessedentado Jesus, quero unir todas as vozes numa só com a tua para fazer com que, quando estamos prestes a ofender-te, fluindo a tua voz na de todas as criaturas, possa sufocar as vozes do pecado e transformá-las em vozes de louvor e de amor.

Jesus acorrentado, beijo o teu pescoço, oprimido por pesadas correntes e por cordas que, passando do peito aos ombros e pelos braços, te mantêm estreitamente vinculado à coluna. As tuas mãos já estão inchadas e enegrecidas pelo aperto dos ligames e sangras de várias partes. Por favor, permite-me desatar-te, meu Jesus amarrado, e se amas estar ligado, que te ligue com as correntes do amor que, sendo dóceis, em vez de te fazerem sofrer, te aliviarão. E enquanto te desato, quero fundir-me no teu pescoço, no teu peito, nos teus ombros e nos teus pés, para reparar juntamente contigo todos os ataques e assim dar a todos as cadeias do teu Amor; para poder reparar contigo toda a insensibilidade e assim cumular o peito de todas as criaturas com o teu fogo, o qual vejo que contém tanto que não podes contê-lo; e para poder reparar contigo todos os prazeres ilícitos e o amor às comodidades, para dar a todos o espírito de sacrifício e o amor à provação.

E quero fundir-me nas tuas mãos, para reparar todas as obras malvadas, o bem feito de modo imperfeito e com presunção, e transmitir a todos o perfume das tuas obras; e compenetrar-me nos teus pés, para encerrar os passos de todas as criaturas e assim repará-los e comunicar a todos os teus passos, para fazê-los caminhar santamente.

Enfim, minha doce Vida, concede-me que, compenetrando-me no teu Coração, encerre todos os afetos, as palpitações e os desejos, para repará-los juntamente contigo e para dar a todos os teus afetos, palpitações e desejos, a fim de que ninguém mais te ofenda.

Mas sinto o ruído da chave; são os teus inimigos que vêm tirar-te da prisão. E tremo, Jesus, sinto-me congelar; Tu serás de novo nas mãos dos teus inimigos: o que acontecerá contigo? Parece que ainda ouço o ruído das chaves dos tabernáculos. Quantas mãos profanadoras vêm abri-los, e talvez para fazer-te descer em corações sacrílegos? Em quantas mãos indignas és obrigado a encontrar-te! Meu Jesus prisioneiro, quero estar em todas as prisões de amor, para ser espectador quando os teus ministros Te libertam e para fazer-te companhia e reparar-te as ofensas que podes receber.

Vejo que os teus inimigos estão próximos, enquanto Tu saúdas o sol nascente no último dos teus dias; e eles, desatando-te, ao ver-te com toda a majestade e

que os observa com tanto amor, em contrapartida descarregam no teu bofetões tão vigorosos que o fazem ruborizar com o teu preciosíssimo Sangue.

Jesus, meu Amor, antes de sair da prisão, na minha dor rogo-te que me abençoe a fim de receber a força para acompanhar-te no restante da tua Paixão.

Reflexões e Práticas

Na prisão, amarrado a uma coluna e imobilizado, Jesus é coberto de escarros e de lama. Ele procura a nossa alma, a fim de que lhe faça companhia. E nós sentimo-nos felizes por estar sozinhos com Jesus, ou então procuramos a companhia das criaturas? O nosso único respiro, a nossa única palpitação não é somente Jesus?

Para fazer com que nos assemelhemos a Ele, o amante Jesus vincula as nossas almas com a aridez, a opressão, as dores e qualquer outra espécie de mortificação; e nós somos felizes por nos deixar amarrar por Jesus naquela prisão em que o seu amor nos coloca, ou seja, a obscuridade, as opressões e outros?

Jesus encontra-se na prisão; sentimos em nós a força e a prontidão de nos aprisionarmos em Jesus por amor dele? O aflito Jesus suspirava à nossa alma

para ser desamarrado e sustentado na dolorosa posição em que se encontrava; e nós suspiramos para que somente Jesus venha fazer-nos companhia, libertar-nos das correntes de todas as paixões e atar-nos com cadeias mais fortes no seu Coração? E nós, colocamos as nossas penas em cortejo ao redor de Jesus que sofre, para afastar dele os escarros e a lama que os pecadores lhe lançam? Na prisão, Jesus reza; e a nossa oração com Jesus é constante?

Meu Jesus acorrentado, Tu fizeste-te prisioneiro por amor de mim, e eu rego-te que aprisiones em ti a minha mente, a minha língua, o meu coração e todo o meu eu, para que eu não tenha qualquer liberdade e Tu possua a absoluta senhoria sobre mim.

Décima quarta Hora

Das 6 às 7 da manhã

**Jesus de novo diante de Caifás, que confirma a condenação à morte e o
envia a Pilatos**

Meu dolorido Jesus, já te achas fora da prisão; estás tão debilitado que vacilas a cada passo. Quero colocar-me ao teu lado para sustentar-te, quando vir que estás prestes a cair.

Mas vejo que os soldados te levam perante Caifás e Tu, ó meu Jesus, reaparece no meio deles como Sol e, embora estejas desfigurado, reflete luz em toda a parte. Já vejo que Caifás está cheio de alegria, ao ver-te em estado tão precário. Ao reflexo da tua Luz, obceca-se mais ainda e, nos eu furor, volta a perguntar-te: «Assim, Tu és verdadeiramente o Filho de Deus?».

E Tu, meu Amor, com uma majestade suprema, com a graça da tua palavra e com o habitual tom de docilidade e comoção, que chega a arrebatat os corações, respondes: «Sim, Eu sou o verdadeiro Filho de Deus».

E embora sintam em si toda a força da tua palavra, sufocando tudo sem desejar continuar a ouvir, em voz unânime os teus inimigos gritam: «É réu de morte, é réu de morte!».

Caifás confirma a sentença de morte e envia-te a Pilatos. E Tu, meu Jesus condenado, aceitas esta sentença com tanto amor e resignação, como que arrancando-a do iníquo Pontífice, e reparas todos os pecados cometidos deliberadamente e com toda a malícia, e por aqueles que em vez de sentirem aflição no mal, se alegram e exultam pelo próprio pecado, e isto leva-os à cegueira e a sufocar qualquer luz e graça. Jesus, minha Vida, as tuas reparações e preces fazem eco no meu coração, e reparo e rezo juntamente contigo.

Meu doce Amor, vejo que os soldados, tendo perdido aquele pouco de estima de ti, vendo que és sentenciado à morte, tomam-te, amarram-te com cadeias e cordas, apertam-te com tanta força que quase te tiram o movimento à tua Pessoa divina e, empurrando-te e arrastando-te, colocam-te fora do palácio de Caifás.

Multidões estão á tua espera, mas ninguém te defende; e Tu, meu Sol divino, saís no meio da multidão, desejando envolver todos com a tua luz. E assim que dás os primeiros passos, almejando encerrar os passos de todas as criaturas nos teus, rezas e reparas por aqueles que dá os primeiros passos em obras com finalidades malignas: alguns para vingar-se, outros para roubar, outros para trair, outros para matar e outros ainda. Oh, como todas estas culpas ferem o teu Coração! E para impedir tanto mal, rezas, reparas e ofereces todo o teu Ser.

Contudo, enquanto te sigo vejo que Tu, meu Jesus Sol, no momento de descer do palácio de Caifás, te encontras com a bela Maria, nossa doce Mamãe. Reciprocamente, os vossos olhares encontram-se e ferem-se e, não obstante vos sintais aliviados ao ver-vos, nascem também novos sofrimentos: Tu, ao ver a bela Mamãe traspassada, pálida e encoberta de luto; e a querida Mamãe, ao ver-te, Sol divino, eclipsado e coberto de tantos opróbrios, lacrimoso e revestido de Sangue. Mas não podeis saborear por muito tempo a permuta de olhares, e com a dor de não vos poder dirigir sequer uma palavra, os vossos Corações

dizem tudo um ao outro e, um compenetrado no outro, cessais de vos fixar porque os soldados te empurram; e assim, pisado e arrastado, chegas a Pilatos. Meu Jesus, uno-me à Mamãe traspassada para seguir-te, para fundir-me em ti juntamente com Ela e, dirigindo-me um teu olhar de amor, abençoa-me.

Reflexões e Práticas

Jesus sai à luz do dia, é levado perante Caifás e, com ânimo inabalável, confirma que Ele é o Filho de Deus.

E nós, quando saímos, nos deixamos orientar por Jesus? O nosso comportamento é exemplar para os outros, e os nossos passos, como ímã, chamam as almas ao redor de Jesus? Toda a vida de Jesus é uma contínua chamada de almas. Se nos uniformarmos à sua Vontade, ou seja, se ao caminharem, os nossos pés chamarem as almas, se as nossas palpitações, fazendo eco das palpitações divinas, se harmonizarem em conjunto e pedirem almas, e assim no que se refere a todo o resto nós, em conformidade com o modo de agirmos, formaremos em nós a mesma Humanidade de Jesus. Desta forma, cada chamada de almas a mais que fizermos é um sinal a mais que recebemos de nosso Jesus. A nossa vida é sempre igual, ou então permitimos que ela piore, segundo os encontros que temos?

Meu Jesus, Santidade sem igual, Tu guias-me, faz com que também o meu comportamento exterior manifeste toda a tua vida divina.

Décima quinta Hora

Das 7 às 8 da manhã

Jesus perante Pilatos; Pilatos envia-o a Herodes

Meu Bem atado, Jesus, os teus inimigos juntamente com os sacerdotes apresentam-te a Pilatos e, ostentando santidade e escrupulosidade porque devem festejar a Páscoa, permanecem fora do pátio. E Tu, meu Amor, vendo as profundezas da sua malícia, resgatas todas as hipocrisias do corpo religioso; também eu o faço juntamente contigo. Mas enquanto Tu te ocupas do seu bem-estar, eles ao contrário começam a acusar-te a Pilatos, vomitando todo o veneno que têm contra ti.

Mostrando-se satisfeito com as acusações que se dirigem para poder condenar-te com razão, Pilatos chama-te ao lado e sozinho examina-te e pergunta-te: «És Tu o Rei dos Judeus?».

E Tu, Jesus, meu verdadeiro Rei, respondes: «O meu Reino não é deste mundo; se o fosse, milhares de legiões de Anjos me defenderiam».

E Pilatos, comovido com a suavidade e dignidade das tuas palavras, diz-te: «Como, Tu és Rei?».

E Tu respondes: «Tu o dizes, sou-o e vim ao mundo para ensinar a Verdade».

E Pilatos, sem desejar ouvir mais nada, convencido da tua inocência, sai ao terraço e diz: «Não encontro qualquer culpa neste Homem».

Irados, os judeus acusam-te de muitas outras coisas e Tu calas-te, não te defendes e resgatas as debilidades dos juízes, quando se acham diante dos prepotentes, reparas as suas injustiças e rezas pelos inocentes oprimidos e abandonados.

E Pilatos, vendo o furor dos teus inimigos e para libertar-se de ti, envia-te a Herodes.

Jesus perante Herodes

Meu Rei divino, quero repetir as tuas preces e reparações, acompanhando-te até Herodes.

Vejo que os teus inimigos, irados, gostariam de te devorar e te levam entre insultos, escárnios e irrisões, e é assim que te fazem chegar a Herodes que,

empolando-se, formula-te muitas perguntas. Tu não respondes e nem sequer olhas para ele; e Herodes, irritado porque não se sente satisfeito nas suas curiosidades e sentindo-se humilhado pelo teu longo silêncio, declara a todos que Tu és um louco e sem juízo, e como tal ordena que sejas maltratado. E para zombar de ti, pede que te cubram com uma veste branca e entrega-te aos soldados a fim de que te causem o pior mal possível.

Meu Jesus inocente, ninguém acha culpa em ti; somente os judeus, porque a sua religiosidade ostentada não merece que resplandeça a luz da Verdade nas suas mentes.

Meu Jesus, Sabedoria infinita, quanto te custa ter sido declarado louco! Abusando de ti, os soldados lançam-te no chão, pisam-te, cobrem-te de escarros, vilipendiam-te e batem em ti com bastões; são tantos os golpes que tens a impressão que vais morrer. São tamanhas e tantas as penas, os opróbrios e as humilhações que te provocam, que os Anjos choram e cobrem o rosto com as suas asas para não ver isto.

Meu Jesus louco, também eu quero chamar-te louco, mas louco de amor. E a tua loucura de amor é tanta que, em vez de te indignares, rezas e reparas pelas ambições dos reis e dos chefes que ambicionam reinos para a ruína dos povos, por tantos massacres que provocam e tanto sangue que fazem derramar por capricho, pelas culpas que se cometem nas cortes, nos palácios e nas milícias.

Meu Jesus, como é terno ver-te rezar e reparar no meio de ultrajes! A tua voz ressoa no meu coração e sigo aquilo que fazes. E agora deixa que me posicione perto de ti, que participe nas tuas penas e te console com o meu amor; e, afastando-te os teus inimigos, tomo-te nos meus braços para aliviar-te e beijar a tua testa.

Meu doce Amor, vejo que não te dão paz e Herodes te envia a Pilatos. Se a vinda foi dolorosa, a volta será mais trágica, porque vejo que os judeus estão mais irados do que antes e estão decididos a fazer com que morras, custe o que custar.

Por isso, antes que Tu saias do palácio de Herodes, quero beijar-te para testificar-te o meu amor no meio de tantas dores, e Tu fortalece-me com o teu beijo e a tua bênção, para que eu possa acompanhar-te até Pilatos.

Reflexões e práticas

Apresentado a Pilatos no meio de tantos insultos e desprezos, Jesus é sempre doce, não desdenha ninguém e em todos procura fazer resplandecer a luz da verdade. E nós sentimo-nos iguais a todos? Procuramos vencer a nossa natureza malvada, se alguém não nos é simpático? Tratando as criaturas,

procuramos sempre fazer conhecer Jesus e fazer resplandecer nelas a luz da verdade?

Ó Jesus, minha doce vida, coloca nos meus lábios a tua palavra e faz que com fale sempre com a tua língua.

Diante de Herodes, vestido de louco, Jesus cala-se e padece sofrimentos inauditos; e nós, quando somos caluniados, escarnecidos, insultados e zombados, pensamos que o Senhor quer dar-nos uma semelhança divina? Nas nossas dores, nos desprezos e em tudo o que o nosso pobre coração puder sentir, pensamos que é Jesus que com o seu toque nos causa a dor, que com o seu toque nos transforma em Si mesmo e nos dá a sua semelhança? E quando o sofrimento volta a atingir-nos, pensamos que Jesus, olhando de novo para nós, não está contente conosco e portanto nos faz passar por outra provação para que nos assemelhemos totalmente a Ele? A exemplo de Jesus, podemos dizer que temos o domínio sobre nós mesmos? Que em vez de responder nas contrariedades, preferimos calar-nos? Nunca nos deixamos vencer pelas curiosidades? Em cada dor que se pode padecer, é preciso ter a intenção que ela é uma vida que se entrega a Jesus, para impetrar almas; e colocando as almas na Vontade de Deus, o nosso sofrimento faz um círculo; e nele encerramos Deus e as almas para uni-las a Jesus.

Meu Amor e meu Tudo, somente Tu toma o domínio deste meu coração e conserva-o nas tuas mãos, a fim de que nos encontros possa copiar em mim a tua grande paciência.

Décima sexta Hora

Das 8 às 9 da manhã

Jesus é levado a Pilatos e posposto a Barrabás. Jesus é flagelado

Meu Jesus atormentado o meu pobre coração segue-te no meio de ansiedades e dores e, ao ver-te revestido de louco, sabendo quem és Tu, Sabedoria infinita que dás sentido a todos, entro em delírio e digo: como? Jesus louco? Jesus malfeitor? E como se isto não fosse suficiente, agora serás posposto ao maior malfeitor, a Barrabás!

Meu Jesus, Santidade sem igual, já estás de novo diante de Pilatos. Ao ver-te reduzido a um estado tão piedoso e revestido de louco, e que nem sequer Herodes te condenou, ele fica mais indignado contra os judeus e convence-se ainda mais da tua inocência, e por isso não te quer condenar. Mas desejando também dar alguma satisfação aos judeus, como que para abafar o ódio, o furor, a raiva e a sede ardente que têm do teu Sangue, propõe-te a sua escolha com Barrabás; mas os judeus gritam: «Não queremos que se liberte Jesus, mas Barrabás!».

E então Pilatos, não sabendo o que fazer para acalmá-los, condena-te à flagelação.

Meu Jesus posposto, o meu coração dilacera-se ao ver que, enquanto os judeus se empenham em causar a tua morte, Tu entretanto, fechado em ti mesmo, pensas em dar a Vida a todos; e, arrebitando a orelha, ouço que dizes:

«Pai Santo, olha para o teu Filho revestido de louco: isto resgata-te a loucura de tantas criaturas que caíram no pecado. Estas veste álvea esteja diante de ti como perdão pelas inúmeras almas que se cobrem com a lúgubre veste da culpa. Vê, ó Pai, o ódio, o furor e a raivas que têm contra mim, que quase lhes faz perder a luz da razão, pela sede do meu Sangue? E Eu quero reparar-te todos os ódios, vinganças, iras e homicídios, e implorar para todos a luz da razão.

Olha ainda para mim, meu Pai: é possível fazer um insulto maior? Pospuseram-me a maior dos malfeitores; e Eu quero reparar-te todas as posposições que se levam a cabo. Ah, o mundo inteiro está cheio de posposições: alguns nos pospõem ao interesse vil, outros às honras, outros às vaidades, outros aos prazeres, outros aos próprios ataques, outros às dignidades, outros às devassidões e outros até mesmo ao pecado. Todas as criaturas, em unanimidade, nos propõem a todas as pequenas fatuidades; a estou pronto a

aceitar que me posponham a Barrabás, para resgatar as posições que as criaturas nos fazem».

Meu Jesus, sinto que estou morrendo de dor e de confusão ao ver o teu grande Amor no meio de tantas dores e o heroísmo das tuas virtudes entre os inúmeros sofrimentos e insultos. As tuas palavras e reparações repercutem-se no meu pobre coração como muitas feridas e, no suplício, repito as tuas orações e reparações. Não quero sequer um só instante separar-me de ti, se não me passarão despercebidas muitas coisas daquilo que fazes. Pois bem, o que vejo? Que os soldados te conduzem a uma coluna para flagelar-te. Meu Amor, sigo-te e Tu fixas-me com o teu olhar de amor e dás-me força para assistir ao teu doloroso massacre.

Jesus é flagelado

Meu puríssimo Jesus, já te encontras próximo da coluna. Irados, os soldados desatam-te para amarrar-te a ela, mas não basta: despojam-te das tuas vestes para proceder a uma cruel carnificina do teu santíssimo Corpo. Meu Amor, minha Vida, sinto que estou para desmaiar pela dor de te ver despido. Tremes da cabeça aos pés e o teu santíssimo Rosto tinge-se de rubor virginal; e são tão fortes a tua confusão e fraqueza que, não agüentando estar em pé, estás para cair aos pés da coluna, mas os soldados sustêm-te, não para ajudar-te mas para poder amarrar-te, e impedem que caias.

Já tomam as cordas e amarram os teus braços, de modo tão apertado que depressa incham e o sangue esguicha da ponta dos dedos. Depois, pelo elo da coluna passam as cordas e correntes ao redor da tua santíssima Pessoa, até os pés, e atam-te com tanta força à coluna que nem sequer consegues fazer um movimento, para assim poderem desencadear-se livremente sobre ti.

Meu Jesus despojado, permite-me que me desabafe, de outra forma não posso mais continuar a ver-te sofrer tanto. Como, Tu que revestes todas as coisas criadas, o Sol de luz, o céu de estrelas, as plantas de folhas, os pássaros de plumas, Tu estás despojado? Que ousadia! Mas o meu amante Jesus, com a luz que reflete dos olhos, diz-me:

«Cala-te, ó filho; era necessário que te despojassem, para reparares por muitos que se despojam de todo o pudor, da candura e da inocência, que se privam de todo o bem, de toda a virtude e da minha Graça, e se revestem de toda a brutalidade, vivendo à maneira dos malfeitores. No meu rubor virginal quis reparar tantas desonestidades, frouxidões e prazeres brutais. Por isso, presta atenção àquilo que faço, repara comigo e aquieta-te.

Jesus flagelado, o teu Amor passa de um excesso a outro. Vejo que os verdugos tomam as cordas e com elas batem em ti sem piedade, a ponto de entumecerem todo o teu santíssimo Corpo, e são tão intensos a ferocidade e o

furor com que te golpeiam, que já estão cansados; mas outros dois os substituem, tomam varas espinhosas e batem tanto em ti que imediatamente começa a escorrer um rio de Sangue do teu santíssimo Corpo; depois, pisam-no em toda a parte, formando sulcos, e enchem-no de chagas. Mas não basta, mais dois tomam o lugar dos outros e, com correntes de ferro ganchadas, continuam o doloroso massacre. Aos primeiros golpes, a carne escura e ferida esfarrapa-se ainda mais e fragmentos dela caem no chão, deixando os ossos descobertos e o Sangue que diluvia a ponto de se formar quase um lago vermelho ao redor da coluna.

Meu Jesus, meu Amor despido, enquanto te encontras debaixo desta tempestade de golpes, abraço os teus pés para poder participar das tuas penas e ficar coberto com o seu preciosíssimo Sangue. Mas cada golpe que recebes é uma ferida no meu coração, muito mais porque, arrebitando a orelha, ouço os teus gemidos mas não são perceptíveis, porque a tempestade de pancadas ensurdece a atmosfera circunstante; e naqueles gemidos, Tu dizes:

«Todos vós que me amais, vinde aprender o heroísmo do verdadeiro amor! Vinde saciar no meu Sangue a sede das vossas paixões, a sede de tantas ambições, de tantos rios e prazeres, de tantas sensualidades! Neste meu Sangue encontrareis o remédio para todos os vossos males!».

Os teus gemidos continuam a dizer: «Olha par mim, ó Pai, totalmente ferido sob esta tempestade de pancadas; mas não basta, pois quero formar muitas chagas no meu Corpo, para reservar suficientes espaços no Céu da minha Humanidade a todas as almas, de modo a formar em mim mesmo a sua salvação e depois fazê-las passar ao Céu da Divindade. Meu Pai, cada golpe destes açoites repare diante de ti todas as espécies de pecado, um por um, e assim como me atingem, desculpem aqueles que os praticam. Estes golpes atinjam os corações das criaturas e lhes falem do meu Amor, a tal ponto que as forcem a render-se a mim».

E enquanto dizes isto o teu Amor é tão grande, embora com a suma dor, que quase incitas os carnílices a baterem mais em ti. Meu Jesus escarnado, o teu Amor esmaga-me e sinto que estou enlouquecendo. O teu Amor não se cansa enquanto, ao contrário, os verdugos estão exaustos e sem força, e não podem mais continuar o doloroso massacre.

Já cortam as tuas cordas e Tu caís quase morto no teu próprio Sangue; e ao ver os fragmentos da tua carne, sentes que estás morrendo de dor, enquanto vês naqueles fragmentos de carne separados de ti as almas reprovadas, e a tuas dor é tanta que agonizas no teu próprio Sangue.

Meu Jesus deixa que te tome nos meus braços para abrandar-te um pouco com o meu coração. Beijo-te e, com o meu ósculo, encerro em ti todas as almas, de tal forma que nenhuma delas se perderá; e Tu abençoa-me.

Reflexões e Práticas

Das 8 às 9 horas Jesus é despojado e submetido a cruéis maus tratos. E nós estamos despojados de tudo? Jesus está amarrado à coluna, e nós, deixamo-nos atar pelo amor? Jesus é ligado à coluna enquanto nós, com os nossos pecados e apegos, às vezes também a coisas indiferentes, ou boas em si mesmas, acrescentamos as nossas cordas, como se não bastassem as cordas com que os Judeus o amarraram. Entretanto, com o seu olhar piedoso, Jesus chama-nos a desatá-lo; não vemos no seu olhar inclusive uma repreensão dirigida a nós, porque também nós contribuímos para amarrá-lo? Para aliviar o aflito Jesus devemos tirar antes as nossas correntes para então podermos eliminar as cadeias das outras criaturas; estas nossas pequenas correntes muitas vezes não são senão pequenos apegos à nossa vontade, ao nosso amor próprio um pouco ressentido, às nossas míseras vaidades que, formando uma série de nós, ligam dolorosamente o amável Jesus.

Além disso, Jesus às vezes possuído pelo amor à nossa pobre alma, quer tirar-nos estas correntes para não fazer repetir-nos em nós o doloroso ligame. Ah,

quando nos lamentamos porque não desejamos estar amarrados a Jesus, forçamo-lo, quase amargurado, a afastar-se de nós.

Enquanto sofre, o nosso Jesus supliciado repara todos os pecados contra a modéstia, e nós somos puros na mente, no olhar, nas palavras, nos afetos, de modo a não dar ulteriores golpes ao seu Corpo inocente? Encontramo-nos sempre vinculados a Jesus, de maneira a estarmos prontos a defendê-lo quando as criaturas o ferem com as suas ofensas?

Meu Jesus acorrentado, as tuas cadeias sejam as minhas, de tal forma que eu te sinta sempre em mim, e Tu me sintas sempre em ti.

Décima sétima Hora

Das 9 às 10 da manhã

Jesus é coroado de espinhos.

Apresentado ao Povo: «Eis o Homem!»,

Jesus é condenado à morte

Meu Jesus, Amor infinito, quanto mais te observo, mais compreendo quanto sofres. Já estás totalmente dilacerado e em ti não há partes sem feridas. Os verdugos, enfurecidos ao ver que em tantas dores os fixas com tanto amor, e ao ver que o teu olhar amoroso, formando como que um doce encanto, como que

tantas vozes, reza e suplica mais e novas dores, embora sejam desumanos e contudo forçados pelo teu Amor, colocam-te de pé; não agüentando, Tu caís de novo no teu próprio sangue e eles, irritados, com chutes e empurrões fazem-te chegar ao lugar onde te coroarão de espinhos.

Meu Amor, se Tu não me apoiares com o teu olhar de amor, não posso continuar a ver-te sofrer. Já sinto um calafrio nos ossos, o meu coração pulsa e tenho a impressão de morrer; Jesus, Jesus, ajuda-me!

E o meu amável Jesus diz-me: «Meu filho, ânimo, nada percas do que Eu sofri; presta atenção aos meus ensinamentos. Devo recriar completamente o homem. A culpa tirou-lhe a coroa e coroou-o de opróbrios e de confusão, de tal forma que não pode comparecer perante a minha Majestade; a culpa desonrou-o, fazendo-lhe perder qualquer direito às honras de à glória. Por isso, quero ser coroado de espinhos para colocar na testa do homem a coroa e devolver-lhe todos os direitos a qualquer honra e glória. Diante do meu Pai, os meus espinhos serão reparações e vozes de desculpas por tantos pecados de pensamento, especialmente de soberba, e para cada mente criada serão vozes de luz e de súplica, para que não me ofendam. Portanto, une-te a mim, reza e repara juntamente comigo».

Jesus coroado, encrudelecidos, os teus inimigos revestem-te com um farrapo de púrpura, tomam a coroa de espinhos e, com fúria infernal, colocam-na sobre

a tua adorável cabeça. Depois, a golpes de bastão, fazem com que os espinhos penetrem na tua testa e alguns deles chegam aos olhos, às orelhas, ao crânio e até à nuca. Meu Amor, que tortura, que dores indescritíveis! Quantas mortes cruéis padeces?

O Sangue já escorre no teu Rosto, de modo que só se vê Sangue; mas debaixo daqueles espinhos e daquele Sangue, vê-se o teu santíssimo Rosto, radiante de doçura, de paz e de amor. E os carnílices, desejando concluir a tragédia, vendam os teus olhos, põem na tua mão um vara como cetro e dão início às zombarias. Saúdam-te como Rei dos Judeus, batem na tua coroa, dão-te bofetões e dizem-te: «Adivinha quem te atingiu?».

E Tu calas-te e respondes reparando a ambição de quem aspira aos reinos, às dignidades, às honras, e daqueles que, encontrando-se em tais lugares de autoridade e não se comportando bem, levam à ruína os povos e as almas que lhes são confiadas, e os seus maus exemplos são causa de impulso ao mal e de perda de almas.

Com esta vara que tens na mão, Tu reparas muitas obras boas, mas desprovidas de espírito interior e realizadas com intenções malignas. Nos insultos e nas vendas Tu reparas por aqueles que ridicularizam as coisas mais santas, desacreditando-as e profanando-as, e reparas por aqueles que te vendam os olhos da inteligência para não ver a luz da Verdade. Com esta tua

venda, impetras por nós, a fim de que nos sejam tiradas as vendas das paixões, das riquezas e dos prazeres.

Jesus, meu Rei, os teus inimigos continuam os seus insultos; o Sangue que flui da tua santíssima cabeça é tanto que, ao chegar à tua boca, te impede de me fazer ouvir claramente a tua dulcíssima voz, e portanto não posso fazer o que Tu fazes. Por isso, coloco-me nos teus braços, quero sustentar a tua cabeça trespassada e dolorosa, desejo colocar a cabeça debaixo desses espinhos para sentir as suas pontadas.

Mas enquanto digo isto, o meu Jesus chama-me com o seu olhar de amor e imediatamente abraço o seu Coração e procuro sustentar a sua cabeça. Oh, como é belo estar com Jesus, mesmo no meio de mil tormentos! E Ele diz-me: «Meu filho, estes espinhos dizem que quero ser constituído Rei de cada coração; é a mim que cabem todos os domínios. Toma estes espinhos e punge o teu coração e faz sair dele tudo o que não me pertence e depois deixa dentro um espinho, como selo de que Eu sou o teu Rei e para impedir que algo mais entre em ti. Em seguida, vai a todos os corações e, pungindo-os, faz sair deles todos os rios de soberba e as podridões neles contidas e constitui-me Rei de todos».

Meu Amor, sinto um aperto no meu coração ao deixar-te; por isso, rogo-te que aguice as minhas orelhas a fim de que só ouça a tua voz; tapa os meus olhos

com os teus espinhos, para que eu só possa olhar para ti; enche a minha boca com os teus espinhos, de modo que a minha língua permaneça muda a tudo o que pode ofender-te e seja livre para louvar-te e bendizer-te em tudo. Ó Jesus, meu Rei, circunda-me de espinhos a fim de que me guardem, me defendam e me concentrem a minha atenção totalmente em ti. E agora quero enxugar o teu Sangue e beijar-te, porque vejo que os teus inimigos te conduzem a Pilatos, que te condenará à morte. Meu Amor, ajuda-me a continuar a tua Via dolorosa e abençoa-me.

Jesus de novo diante de Pilatos, que o mostra ao povo

Meu coroadado Jesus, o meu pobre coração, ferido pelo teu amor e trespassado pelas tuas dores, não pode viver sem ti e por isso procuro-te e encontro-te de novo diante de Pilatos.

Mas que espetáculo comovedor! os Céus horrorizam-se e o inferno treme de medo e de raiva! Vida do meu coração, o meu olhar não pode agüentar olhar para ti sem sentir que está morrendo; mas a força arrebatadora do teu amor obriga-me a olhar para ti para fazer com que eu compreenda bem as tuas dores; e entre lágrimas e suspiros, eu contemplo-te.

Meu Jesus, estás nu e em vez de vestes, vejo-te envolvido com uma roupa de sangue, a carne dilacerada, os ossos despidos e o teu santíssimo Rosto

irreconhecível; os espinhos enfiados na tua santíssima cabeça chegam aos teus olhos e ao Rosto, e só vejo o sangue que, escorrendo até ao chão, forma um regato rubro atrás das tuas pegadas.

Meu Jesus, estás em tão mal estado que não te reconheço mais! O teu aspecto chegou aos excessos mais profundos das humilhações e dos espasmos! Ah, já não posso agüentar a uma visão tão dolorosa assim, sinto que estou para morrer; gostaria de arrancar-te da presença de Pilatos para encerrar-te no meu coração e dar-te descanso; quereria curar as tuas feridas com o meu amor e com o teu Sangue gostaria de alagar o mundo inteiro para ali encerrar todas as almas e conduzi-las a ti, como conquista das tuas dores!

E Tu, ó paciente Jesus, mal consegues fixar-me através dos espinhos, e diz-me: «Meu filho, vem a estes braços ligados, apoia a tua cabeça no meu peito e verás dores mais intensas e amargas, porque o que vês fora da minha Humanidade não é senão o resultado dos meus sofrimentos interiores. Presta atenção às palpitações do meu coração e sentirás que reparo as injustiças de quem governa, as opressões dos pobres, dos inocentes pospostos aos reis, a soberba de quem, para manter as dignidades, as posições e as riquezas, não se preocupam com desrespeitar qualquer lei que seja e de fazer mal ao próximo, fechando os olhos à luz da verdade. Com estes espinhos, quero despedaçar o espírito de soberba das suas senhorias, e com as flores que formam na minha cabeça, quero tornar-me um caminho nas suas mentes, para

reordenar nelas todas as coisas, em conformidade com a luz da verdade. Com tamanha humilhação perante este juiz injusto, quero fazer com que todos compreendam que a única virtude é a que constitui o homem rei de si mesmo, e ensino a quem comanda que só a virtude, vinculada ao reto saber, é digna e capaz de governar e de orientar os outros: enquanto todas as outras dignidades, sem a virtude, são coisas perigosas e devem ser deploradas. Meu filho, faz eco às minhas reparações e continua a prestar atenção às minhas dores».

Meu Amor, vejo que Pilatos, ao notar que te encontras em tão mal estado, sente um calafrio e, totalmente impressionado, exclama: «É possível tanta crueldade em corações humanos? Ah, não era esta a minha vontade ao condená-lo à flagelação!». E querendo libertar-te das mãos dos teus inimigos para poder encontrar motivos mais convenientes, totalmente abatido e afastando o seu olhar porque não pode agüentar uma visão tão dolorosa, volta a interrogar-te: «Mas diz-me, que fizeste? O teu povo entregou-te a mim, mas diz-me, Tu és rei? Qual é o teu reino?». às perguntas tempestuosas de Pilatos Tu, ó meu Jesus, não respondes e, fechado em ti mesmo, pensas em salvar a minha pobre alma à custa de tantos sofrimentos!

E dado que não respondes, Pilatos acrescenta: «Não sabes que tenho o poder de te libertar ou de te condenar?». Mas Tu, ó meu Amor, desejando fazer resplandecer na mente de Pilatos a luz da verdade, respondes: «Não terias

qualquer poder sobre mim, se não to fosse dado do alto; porém, aqueles que me entregaram nas tuas mãos cometeram um pecado mais grave do que o teu». Então Pilatos, como que comovido pela docilidade da tua voz, irresoluto e com o coração em tempestade, julgando que os corações dos Judeus fossem mais piedosos, decide mostrar-se da varanda, esperando que se comovessem e tivessem compaixão ao ver-te supliciado e assim poder-te libertar.

Jesus dorido, o meu coração desfalece ao ver-te seguir Pilatos; caminhas com dificuldade, curvado sob aquela horrível coroa de espinhos, enquanto o Sangue marca os teus passos; assim que saís para fora, ouves a multidão tumultuadora que, ansiosa, espera a tua condenação. Impondo silêncio para chamar a atenção de todos e ser ouvido por todos, Pilatos toma com repugnância a orla da púrpura que cobre o teu dorso e os ombros, levanta-a para fazer com que todos vejam em que estado te encontras e em voz alta diz: «Ecce Homo! Olhai-o, não tem mais um semblante de homem, observai as suas chagas, já não é reconhecível; se cometeu algum mal, já sofreu bastante, aliás, demasiado; já me arrependi de ter permitido que o fizessem sofrer tanto assim, por isso, libertemo-lo».

Jesus, meu Amor, permite que te sustente, porque vejo que vacilas, não agüentando estar de pé sob o peso de tantas dores. Ah, neste momento solene decide-se a tua sorte: quando Pilatos pronuncia essas palavras, reina um profundo silêncio no Céu, na terra e no inferno! E depois, como em unísono,

ouço o grito de todos: «Crucifica-o, crucifica-o, custe o que custar, queremos a sua morte!».

Jesus, Minha Vida, vejo que tremes. O brado de morte desce ao teu Coração e nestas vozes identificas a voz do teu dileto Pai, que diz: «Meu Filho, quero que morras e sejas crucificado!». Ah, ouves também a tua Mamãe que, embora seja trespassada e se sinta desolada, faz eco ao teu amado Pai: «Filho, quero que morras!». Os Anjos, os Santos e o inferno, todos gritam a uma só voz: «Crucifica-o, crucifica-o!». Assim, não há sequer uma alma que te quer vivo. Mas ai, ai! Para o meu sumo rubor, sofrimento e arrepio, também eu me sinto obrigado por uma força suprema a bradar: «Crucifica-o!».

Meu Jesus, perdoa-me se também eu, miserável alma pecadora, te quero ver morto! Porém, rogo-te que me faças morrer contigo.

Entretanto parece que Tu, ó meu supliciado Jesus, impelido pela minha dor, me dizes: «Meu filho, estreita-te ao meu coração e participa nas minhas dores e reparações; o momento é solene: deve decidir-se a minha morte ou a morte de todas as criaturas. Neste momento, duas correntes fluem no meu Coração; numa delas estão as almas que, se me querem ver morto, é porque querem encontrar em mim a Vida; e assim, aceitando a morte por elas, as mesmas são libertas da condenação eterna e as portas do Céu abrem-se para recebê-las. na outra corrente estão as almas que me querem ver morto por ódio e por

confirmação da sua condenação, e o meu Coração fica dilacerado e sente a morte de cada uma delas e as próprias dores do inferno! Ah, o meu Coração não agüenta estas dores amargas; sinto a morte a cada palpitação, a cada respiro, e continuo a repetir: “Por que tanto sangue será derramado em vão? Por que as minhas penas serão inúteis para tantos?. Ah, filho, apoia-me porque não agüento mais; toma parte nos meus sofrimentos, a tua vida seja uma oferenda permanente para salvar as almas, para curar chagas tão lancinantes!».

Jesus, meu Coração, as tuas dores são as minhas e faço eco às tuas reparações. Mas vejo que Pilatos fica atônito e apressa-se a dizer: «Como, devo crucificar o vosso Rei? Não encontro culpa nele para condená-lo». E os Judeus gritam, ensurdecendo o ar: «Não temos outro rei, senão César, e se tu não o condenares, não és amigo de César; louco, louco, crucifica-o, crucifica-o!».

Não sabendo mais o que fazer e com medo de ser desentronizado, Pilatos pede que lhe tragam uma bacia de água e, lavando as mãos, diz: «Sou inocente do Sangue deste justo». E condena-te à morte. Mas os Judeus gritam: «O seu Sangue caia sobre nós e os nossos filhos!». E ao ver-te condenado fazem festa, batem as mãos, assobiam e urram; enquanto Tu, ó Jesus, reparas por aqueles que, estando no alto e por vão temor e para não perder o lugar, desrespeitam as leis mais sagradas, descuidando da ruína de povos inteiros, favorecendo os

ímpios e condenando os inocentes; reparas também por aqueles que, depois da culpa, instigam a ira divina a puni-los. Mas enquanto reparas isto, o teu Coração sangra pela dor ao ver o povo por ti eleito fulminado pela maldição do Céu, que eles mesmos quiseram com plena vontade, selando-a com o teu Sangue que imprecaram! Ah, o teu Coração desfalece, permite-me que o sustenha nas minhas mãos, fazendo minhas as tuas reparações e penas; mas o teu amor impele-te mais alto e, impaciente, já buscas a Cruz!

Minha Vida, seguir-te-ei, mas entretanto descansa nos meus braços e depois chegaremos juntos ao monte Calvário; por isso, permanece em mim e abençoa-me.

Reflexões e práticas

Das 9 às 10 horas, Jesus coroado de espinhos é tratado como rei de zombarias e submetido a insultos e penas inauditas; e repara de maneira especial os pecados da soberba. E nós evitamos os sentimentos de orgulho? Atribuímos a Deus o bem que fazemos? Consideramo-nos inferiores aos outros? A nossa mente está sempre vazia de outros pensamentos, para poder dar lugar à graça?

Muitas vezes não damos lugar à graça, conservando a mente repleta de outros pensamentos; então, uma vez que a nossa mente não está totalmente de Deus, nós mesmos somos a causa das moléstias do demônio e praticamente nós

mesmos fomentamos as tentações. De tal forma que quando a nossa mente está repleta de Deus, o demônio aproxima-se de nós e, não encontrando um lugar para onde orientar as suas tentações, confuso, afasta-se, porque os pensamentos santos possuem uma força tão intensa contra o demônio, que enquanto ele está prestes a aproximar-se, eles como muitas espadas ferem-no e afastam-no.

Portanto, lamentamo-nos injustamente quando a nossa mente é molestada e tentada pelo inimigo; é a nossa pouca vigilância que suscita o ataque do inimigo, que está como que espiando na nossa mente para poder encontrar os pequenos espaços vazios onde assaltar. Então, em vez de aliviar Jesus com os nossos pensamentos santos e tirar-lhe os espinhos, ingratos, calcamo-los na sua cabeça, fazendo-lhe sentir as suas picadas mais amargamente; assim, a graça fica frustrada e não pode desempenhar na nossa mente o trabalho das santas inspirações.

Muitas vezes reagimos ainda pior: enquanto sentimos o peso das tentações, em vez de levá-las a Jesus, fazendo delas um feixe para queimá-las com o fogo do seu amor, inquietamo-nos, entristecemos e fazemos cálculos sobre as próprias tentações, de tal maneira que não só a nossa mente permanece ocupada pelos pensamentos malignos, mas também todo o nosso pobre ser fica impregnado deles; assim, seria necessário quase um milagre de Jesus para libertar-nos dos mesmos. E através dos espinhos, Jesus olha para nós e, chamando-nos,

parece dizer: «Ah, meu filho, és tu mesmo que não desejas estar perto de mim; se tu tivesses vindo imediatamente a mim, ter-te-ia ajudado a libertar-te das moléstias que o inimigo inseriu na tua mente, e não me terias feito suspirar tanto pelo seu retorno. Procurei uma ajuda em ti, para libertar-me dos espinhos tão pungentes; esperei em vão, porque tu estas ocupado com o trabalho que o teu inimigo te tinha dado. Oh! Serias muito menos tentado se viesses depressa aos meus braços; então o inimigo, temendo não a ti mas a mim, deixar-te-ia imediatamente».

Meu Jesus, os teus espinhos selem os meus pensamentos na tua mente e impeçam ao inimigo qualquer tipo de tentação.

Quando Jesus se manifesta na nossa mente e no nosso coração, correspondemos às suas inspirações o colocamo-las no esquecimento? Jesus é tratado como rei das zombarias, e nós respeitamos todas as coisas santas? Usamos toda aquela reverência conveniente, como se tocássemos o próprio Jesus Cristo?

Meu coroado Jesus, faz com que eu sinta os teus espinhos, a fim de que das suas picadas possa compreender quanto Tu sofres, e te constitua Re de todo o meu ser.

Exposto na varanda, Jesus é condenado à morte por aquele povo que Ele tanto amou e beneficiou.

Para dar-nos a vida, o Jesus amante aceita por a morte nós; e nós estamos prontos a aceitar qualquer sofrimento a fim de que Jesus não seja ofendido e não sofra? A nossa pena deve ser aceita para fazer com que Jesus não sofra; e dado que na sua Humanidade Ele sofreu infinitamente, nós, devendo continuar a sua vida na terra, havemos de retribuir com as nossas dores as penas da Humanidade de Jesus Cristo.

Como padecemos as dores que Jesus sofre ao ver as inúmeras almas arrancadas do seu Coração? Fazemos nossas as suas dores para aliviá-lo de tudo o que Ele sofre? Os Judeus querem crucificá-lo para fazer com que Ele morra como um infame e o seu nome seja cancelado da face da terra. E nós procuramos fazer com que Jesus viva na terra? Com os nossos atos, com os nossos exemplos e com os nossos passos devemos deixar uma marca divina no mundo para fazer com que Jesus seja conhecido por todos e, com a nossa obra, a sua vida tenha um eco divino que se ouça de um extremo do mundo ao outro. Estamos prontos a dar a nossa vida para fazer com que o amado Jesus seja aliviado de todas as ofensas, ou então imitamos os Judeus, povo muito favorecido, como que à semelhança da nossa pobre alma, tanto amada por Jesus, e gritamos como eles: «Crucifigatur» (seja crucificado)?

Meu Jesus condenado, a tua condenação seja a minha, que aceito por amor de ti; e para consolar-te, irei continuamente a ti, para levar-te aos corações de todas as criaturas, fazer com sejas conhecido por todos e dar a tua vida a todos.

Décima oitava Hora

Das 10 às 11 da manhã

Jesus toma a Cruz e dirige-se rumo ao Calvário, onde é despojado

Meu Jesus, Amor insaciável, vejo que não tens paz, sinto a tua ânsia de amor, as tuas dores; o teu Coração pulsa com força e a cada palpitação ouço estalos e sinto torturas e violências de amor; e Tu, não podendo conter o fogo que te devora, angustia-te, gemes, suspiras e, a cada gemido, ouço-te dizer: «Cruz!». Cada gota do teu Sangue repete: «Cruz!». Todas as tuas dores em que, como em um mar interminável, Tu nadas, repetem entre si: «Cruz!». E Tu exclamas: «Ó Cruz diletta e suspirada, só Tu salvarás os meus filhos, e concentro em ti todo o meu Amor!».

Segunda coroação de espinhos

Entretanto, os teus inimigos levam-te de novo para dentro do Pretório, tiram-te a púrpura e querem cobrir-te com as tuas vestes. Mas ah, quanta dor! Ser-me-ia

mais dócil morrer que te ver sofrer tanto assim! A veste cola-se à coroa e portanto não a podem levantá-la; assim, com crueldade inaudita, tiram-te tudo junto, a veste e a coroa. No puxão cruel, muitos espinhos se quebram e permanecem fincados na tua santíssima Cabeça; o Sangue cai aos cântaros e a tua dor é tanta que gemes; mas desconsiderando as tuas torturas, os teus inimigos cobrem-se com a veste e voltam a coroar-te e, apertando com vigor na tua cabeça, os espinhos chegam aos olhos e às orelhas: assim, não há parte da tua santíssima Cabeça que não sinta as suas picadas. A tua dor é tanta que vacilas sob aquelas mãos cruéis, tremes da cabeça aos pés, entre espasmos atrozes estás prestes a morrer e, com os teus olhos lânguidos e repletos de sangue, observas-me com dificuldade para pedir-me ajuda no meio de tanta dor!

Meu Jesus, Rei das dores, deixa que eu te sustenha e te estreite ao meu coração. Gostaria de tomar o fogo que te devora para incinerar os teus inimigos e salvar-te, mas Tu não queres porque as ansiedades da Cruz se tornam mais ardentes e desejas ser imolado depressa sobre Ela, inclusive pelos teus próprios inimigos! Mas enquanto te aperto ao meu coração Tu, estreitando-me ao teu, dizes-me: «Meu filho, faz-me desabafar o meu amor e juntamente comigo repara por aqueles que fazem o bem e me desonram. Estes Judeus cobrem-me com as minhas vestes para desacreditar-me ainda mais perante o povo, para convencê-lo de que sou um malfeitor. Aparentemente, a ação de me vestir era boa, mas em si mesma era malvada. Ah, quantas pessoas fazem

boas obras, administram Sacramentos e os freqüentam com finalidades humanas e até mesmo perversas; mas o bem, realizado com maldade, leva à insensibilidade; e Eu quero ser coroado pela segunda vez, com dores mais ácidas da primeira, para debelar esta insensibilidade e assim, com os meus espinhos, atraí-los a mim. Ah, meu Filho, esta segunda coroação é muito mais dolorosa para mim; sinto como se a minha cabeça flutuasse dentro dos espinhos e, a cada movimento que faço ou empurrão que me dão, padeço muitas mortes cruéis. Assim, reparo a malícia das ofensas, reparo por aqueles que, em qualquer estado de ânimo que se encontrem, em vez de pensar na sua própria santificação, se dissipam rejeitam a minha graça, voltando a dar-me espinhos pungentes; entretanto, sou obrigado a gemer, a chorar com lágrimas de sangue e a suspirar a sua salvação.

Ah, faço de tudo para amá-las e as criaturas fazem de tudo para ofender-me! Pelo menos Tu não me deixarás sozinho nas minhas dores e nas minhas reparações».

Jesus abraça a Cruz

Meu martirizado Bem, juntamente contigo reparo e sofro; mas vejo que os teus inimigos fazem com que precipites das escadas, enquanto o povo te espera com furor e ânsia; já te fazem encontrar pronta a Cruz que, com muitos suspiros, Tu procuras e, com amor, a fixas enquanto com passo firme te

aproximas dela para abraçá-la; mas antes beija-a e, enquanto um arrepio de alegria percorre a tua santíssima Humanidade, com sumo júbilo voltas a fixá-la, medindo o seu comprimento e largura. Nela já defines uma porção para todas as criaturas; dás-lhes uma porção suficiente para vinculá-las à Divindade com um laço esponsal e torná-las herdeiras do Reino dos Céus; em seguida, não conseguindo conter o amor com que as amas, voltas a beijar a Cruz e dizes-lhe: «Adorada Cruz, finalmente te abraço; eras tu o suspiro do meu Coração, o martírio do meu amor; mas tu, ó Cruz, esperaste até agora, enquanto os meus passos se dirigiam sempre rumo a ti. Santa Cruz, tu eras a meta das minhas aspirações, a finalidade da minha existência aqui na terra; em ti concentro todo o meu ser, em ti ponho todos os meus filhos e tu serás a sua vida, a sua luz, a defesa, guarda e fortaleza; tu ajudá-los-á em tudo e, gloriosos, conduzi-los-á ao Céu, a mim. Oh Cruz, Cátedra de sabedoria somente tu ensinarás a verdadeira santidade, só tu formarás os heróis, os atletas, os mártires e os Santos. Bela Cruz, tu és o meu Trono e, dado que devo partir da terra, tu contudo serás minha; dou-te em dote todas as almas; guarda-as, salva-as, confio-as a ti!».

Assim dizendo, ansioso, fazes com que a coloquem sobre os teus santíssimos ombros. Ah, meu Jesus, para o teu amo, a Cruz é demasiado leve, mas ao peso da Cruz une-se o das nossas culpas enormes e tão imensas quanto o firmamento; e Tu, meu atormentado Bem, sentes-te esmagado debaixo do peso de tantas culpas; a tua alma horroriza-se à vista delas e sente a dor de cada culpa; a tua santidade fica perturbada diante de tanta torpeza e por isso,

tomando a Cruz nos teus ombros, vacilas, inquietas-te e da tua santíssima Humanidade desce um suor mortal. Por favor, meu Amor, não tenho paz na alma ao deixar-te sozinho, quero compartilhar contigo o peso da Cruz e, para aliviar-te do peso das culpas, abraço os teus pés; em nome de todas as criaturas, quero dar-te amor por quem não te ama, louvores por quem te despreza, bênçãos, ação de graças e obediências por todos. Insisto que, em qualquer ofensa que receberás, quero oferecer-te todo o meu ser para reparar-te, realizara o ato oposto às ofensas que as criaturas te fazem e consolar-te com os meus beijos e contínuos atos de amor. Mas vejo que sou demasiado miserável e tenho necessidade de ti para poder reparar-te verdadeiramente: por isso, uno-me à tua santíssima Humanidade e, juntamente contigo, uno os meus pensamentos aos teus para reparar os pensamentos negativos, meus e de todos; os meus olhos aos teus, para reparar os olhares malvados; a minha boca à tua, para reparar as blasfêmias e os pronunciamentos malignos; o meu coração ao teu, para reparar as tendências, os desejos e os afetos nocivos; em síntese, quero reparar tudo o que a tua santíssima Humanidade repara, unindo-me à imensidão do teu amor por todos e ao imenso bem que prodigalizas a todos. Mas ainda não estou satisfeito; quero unir-me à tua Divindade e nela disperso este meu nada e assim dou-te o meu tudo. Dou-te o teu amor para restabelecer as tuas amarguras; dou-te o teu Coração para revigorar-te da nossa insensibilidade, não-correspondência, ingratidão e pouco amor às criaturas. Dou-te as tuas harmonias para aliviar o teu ouvido dos ensurdecimentos que recibes com as blasfêmias. Dou-te a tua beleza para

abrandá-lo da fealdade das nossas almas, quando nos manchamos no pecado. Dou-te a tua pureza, para alentar-te da falta de retidão de intenções e da mácula e da podridão que vês em muitas almas. Dou-te a tua imensidade para tranqüilizar-te sobre a voluntária penúria em que se situam as nossas almas. Dou-te o ardor para fazeres incinerar os pecados de todos os corações, a fim de que todos te amem e ninguém mais te ofenda. Em suma, dou-te tudo o que és para dar-te satisfação infinita, amor eterno, imenso e infinito.

A via dolorosa rumo ao Calvário

Meu pacientíssimo Jesus, vejo que dás os primeiros passos sob o enorme peso da Cruz, e eu uno os meus passos aos teus e quanto Tu, debilitado, sangrando e vacilante, estarás prestes a cair, apresentar-me-ei ao teu lado para sustentar-te, colocarei os meus ombros debaixo dela para compartilhar contigo o seu peso; não me desdenhes, mas aceita-me como teu companheiro fiel. Oh, Jesus, olhas para mim e vejo que reparas por aqueles que não carregam com resignação a sua própria cruz mas, pelo contrário, se irritam, se suicidam e cometem homicídios; e Tu impetras a todos amor e resignação à própria cruz. Mas a tua dor é tanta que te sente como que esmagado debaixo da Cruz. Ainda dás os primeiros passos e já caís debaixo dela e, ao caíres, embates-te nas pedras; os espinhos penetram ainda mais na tua cabeça, enquanto todas as chagas se tornam mais ásperas e de novo fazem jorrar sangue; e dado que não

tens força para erguer-te, irritados, os teus inimigos procuram levantar-te em pé com pontapés e empurrões.

Meu Amor caído, permite-me que te ajude a estar de pé, te beije, te enxugue o sangue e, juntamente contigo, te resgate por aqueles que pecam por ignorância, fragilidade e debilidade; e imploro-te, ajuda estas almas.

Jesus, minha Vida, fazendo-te padecer espasmos inauditos, os teus inimigos chegaram a pôr-te de pé e, enquanto caminhas cambaleando, ouço o teu respiro ofegante; o teu Coração bate com mais vigor e novas dores penetram-te intensamente; já abanas a cabeça para afastar a tua vista do sangue que os cumula e olhas com ansiedade. Ah, meu Jesus, entendi tudo; a tua Mamãe que, como pomba lamentosa, vai à tua procura, quer dizer-te a última palavra e receber o teu derradeiro olhar; e Tu sentes as suas penas, o seu coração dilacerado dentro do teu, e enternecido e ferido pelo seu e pelo teu amor. Já a entrevês que, fazendo-se ao largo no meio da multidão, custe o que custar quer ver-te, abraçar-te e dar-te o último adeus. Mas tu permanecer mais supliciado ao ver a sua palidez mortal, todas as tuas penas reproduzidas nela pela força do amor; se Ela está viva, é apenas um milagre da tua Onipotência. Já moves os teus passos rumo aos seus, mas só com dificuldade conseguis permutar os olhares!

Oh, angústia de Corações em ambas as partes! Os soldados percebem e, com socos e empurrões, impedem que Mamãe e Filho se concedam o último adeus. É tanta a aflição de ambos, que a tua Mamãe permanece petrificada de dor e quase sucumbe; o fiel João e as mulheres piedosas socorrem-na, enquanto Tu caís de novo debaixo da Cruz. Então aquilo que não faz com o corpo, porque é impedida a tua Mamãe dolorosa faz com a alma: entra em ti, faz seu a Vontade do Eterno e, compenetrando-se em todas as tuas penas, comporta-se como Mamãe: beija-te, resgata-te, cura-te e sobre cada uma das tuas feridas derrama o bálsamo do teu amor dorido!

Meu Jesus sofredor, também eu me uno à tua Mamãe trespassada; faço minhas todas as tuas dores e em cada gota do teu Sangue e em cada chaga quero ser a tua mamãe; e juntamente com Ela e contigo reparo por todos os encontros perigosos e por aqueles que se expõem às ocasiões de pecado, ou são forçados pela necessidade a expor-se, permanecendo ligados ao pecado.

Entretanto gemes, caído debaixo da Cruz; os soldados temem que Tu morras sob o peso de tantos martírios e em virtude do derramamento de tão grande quantidade de Sangue. Não obstante, com açoites e pontapés, com dificuldade conseguem pôr-te novamente de pé. Assim, reparas as repetidas quedas no pecado, os pecados graves cometidos por todas as classes de pessoas, suplicas pelos pecadores obstinados e com lágrimas de sangue choras pela sua conversão.

Meu Amor alquebrado, enquanto te acompanho nas reparações, vejo que não agüentas o enorme peso da Cruz. Já estás tremendo todo; com os contínuos socos que recebes, os espinhos penetram cada vez mais dentro da tua santíssima Cabeça; pelo seu grave peso, a Cruz quase entra nos ombros, formando uma chaga tão profunda a ponto de descobrir os ossos e a cada passo que dás parece que estás para morrer e portanto és impossibilitado de prosseguir. Mas o teu amor, que tudo pode, dá-te a força e, ao sentir que a Cruz penetra nos teus ombros, reparas pelos pecados ocultos que, não sendo resgatados, fazem aumentar a acidez dos seus espasmos. Meu Jesus, permite-me que ponha os meus ombros debaixo da Cruz para aliviar-te e, contigo, reparar todos os pecados escondidos.

Mas por medo que Tu morras debaixo dela, os teus inimigos obrigam o Cireneu a ajudar-te a carregar a Cruz; e ele de má vontade e resmungando, não por amor, ajuda-te, mas por constrição. E no teu Coração fazem então eco todas as lamentações de quem sofre, a falta de resignação, as rebeliões, a ira e o desprezo pelo sofrimento; mas ficas muito mais magoado quando vês que as almas a ti consagradas, que chamas a acompanhar e a ajudar na tua dor, fogem de ti e se Tu as força a estar contigo na dor, ah, elas desvinculam-se dos teus braços para ir em busca de prazeres, deixando-te sozinho no sofrimento!

Meu Jesus, enquanto reparo juntamente contigo, rogo-te que me aperte nos teus braços com tanta força, que não haja dor que Tu sofras de que também eu não participe, para transformar-me nelas e para consolar-te do abandono de todas as criaturas. Meu Jesus alquebrado, caminhas com dificuldade e totalmente curvo; mas vejo que te deténs e procuras olhar. Meu Coração, mas o que há, o que queres? Ah, é Verônica que, nada temendo, corajosamente com um pano enxuga o teu Rosto todo coberto de sangue, que Tu deixas impresso nele em sinal de aprovação. Meu generoso Jesus, também eu quero enxugar-te, e não com um pano, mas desejo exhibir todo o meu ser enquanto te levanta, quero entrar dentro de ti e dar-te, ó Jesus, palpitações por palpitações, respiros por respiros, afetos por afetos, desejos por desejos; tenciono mergulhar na tua santíssima Inteligência e, fazendo fluir todas estas palpitações, respiros, afetos e desejos na imensidade da tua Vontade, quero multiplicá-los ao infinito. Ó meu Jesus, desejo formar ondas de palpitações para fazer com que nenhuma palpitação negativa se repercuta no teu Coração e assim curas todas as amarguras interiores; tenho a intenção de formar ondas de afetos e de desejos, para afastar todos os afetos e os desejos nocivos que possam minimamente contristar o teu Coração; ó Meu Jesus, quero ainda formar ondas de respirações e de pensamentos, para afastar qualquer respiro e pensamento que pudessem prejudicar-te e desagradar-te. Serei uma boa sentinela, ó Jesus, a fim de que nada mais aflija nem acrescente às tuas dores interiores outras amarguras. Ó meu Jesus, por favor, faz que todo o meu interior flutue na imensidade da tua interioridade: assim, poderei reencontrar amor e vontade

suficiente para fazer com que não entre dentro de ti o amor maldoso, nem a vontade que possa desagradar-te.

Ó meu Jesus, para ser mais seguro rogo-te que, com os teus pensamentos, sele os meus, com a tua Vontade a minha, com os teus desejos os meus, com os teus afetos e com as tuas palpitações os meus; a fim de que, selados, só adquiram vida a partir de ti. Peço-te ainda, ó meu Jesus, que aceites o meu pobre corpo que gostaria de despedaçar por amor de ti e reduzi-lo em minúsculas partículas, para colocá-las sobre cada uma das tuas feridas: naquela chaga, ó Jesus, que te causa dor pelas inúmeras blasfêmias, deposito uma partícula do meu corpo e tenciono que te diga sempre: «Bendigo-te». Naquela ferida que te provoca tanto sofrimento pelas inúmeras ingratidões, ó Jesus, quero colocar uma porção do meu corpo, para atestar-te a minha gratidão. Naquela chaga, ó Jesus, que muito te faz sofrer pela insensibilidade e falta de amor, desejo pôr muitas partículas da minha carne, que te digam sempre: «Amo-te, amo-te, amo-te!». Naquela ferida que te dá tanta dor pelas muitíssimas irreverências à tua santíssima Pessoa, tenciono depositar um pedaço de mim mesmo, que te diga sempre: «Adoro-te, adoro-te, adoro-te!». Ó meu Jesus, desejo difundir-me em tudo e naquelas chagas mais ásperas pelo grande número de incredulidades, tenho a intenção de que os fragmentos do meu corpo te digam sempre: «Creio, creio em ti, ó meu Jesus, meu Deus, e na tua Santa Igreja, e tenciono dar a minha vida para testemunhar-te a minha Fé!». Ó meu Jesus, mergulho na tua imensidade da tua Vontade e, fazendo-o meu,

quer suprir para todos, encerrar as almas de todos no poder da tua santíssima Vontade. Ó Jesus, ainda tenho o sangue, que quero derramar como bálsamo e calmante nas tuas feridas, para aliviar-te e poder curar-te totalmente. Ó Jesus, quero ainda fazer fluir os meus pensamentos no coração de cada pecador, para repreendê-lo continuamente, a fim de que não ouse ofender-te; e rogo-te, com as vozes do teu Sangue, para que todos se rendam às minhas pobres orações: desta forma poderei levá-los ao teu Coração! Peço-te mais uma graça, ó meu Jesus: que em tudo o que vejo, apalpo e sinto eu veja, apalpe e sinta sempre ti; e que a tua santíssima imagem e o teu santíssimo Nome sejam sempre impressos em cada partícula do meu pobre ser.

Entretanto, mal percebendo este ato de Verônica, os teus inimigos açoitam-te, empurram-te e fazem-te prosseguir! Mais uns poucos passos e paras de novo: sob o peso de tantas penas, o teu amor não se detém e, vendo as mulheres piedosas que choram por causa das tuas dores, Tu esqueces de ti mesmo e vai consolá-las, dizendo-lhes: «Filhas, não choreis pelas minhas dores, mas pelos pecados vossos e dos vossos filhos». Que ensinamento sublime, como é doce a tua palavra! Ó Jesus, juntamente contigo resgato as faltas de caridade e imploro-te a graça de me fazer esquecer de mim mesmo, a fim de me recordar exclusivamente de ti.

Mas ouvindo-te falar, os teus inimigos enfurecem-se, puxam-te pelas cordas, empurram-te com tanta ira, que te fazem cair, e ao caíres, bates contra as

pedras: o peso da Cruz angustia-te e tens a sensação que estás para morrer! Deixa que te sustenha e te ofereça um abrigo com as minhas mãos ao teu santíssimo Rosto. Vejo que tocas o chão e te sufocas no Sangue; mas os teus inimigos querem pôr-te de pé, puxam-te com as cordas, levantam-te pelos cabelos e dão-te pontapés, mas tudo em vão. Tu morres, meu Jesus! Que dó, sinto um suplício no meu coração pela dor! E, quase arrastando-te, levam-te ao monte Calvário. Enquanto te puxam, sinto que repara todas as ofensas das almas a ti consagradas, que te dão tanto peso, que por mais que te esforces para erguer-te, é tudo em vão! E assim arrastado e espezinhado chegas ao Calvário, deixando um rasto vermelho do teu precioso Sangue por onde passas.

Jesus é despojado e coroado de espinhos pela terceira vez

Mas aqui esperam-te novas fomes, pois despojam-te novamente e arrancam-te as vestes e a coroa de espinhos. Ah, Tu gemes ao sentir que te arrancam os espinhos da cabeça; e enquanto te despojam da veste, dilaceram também a tua carne a ela coladas. As chagas rasgam-se, o Sangue escorre aos cântaros até o chão, e a dor é tanta que, quase morto, Tu caís.

Mas ninguém se deixa mover pela compaixão por ti, meu Bem! Pelo contrário, com furor bestial colocam-te de novo a coroa de espinhos, forçando-a com violência, e é tanta a angústia pelas lacerações e pelos puxões que dão aos teus cabelos misturados no Sangue coagulado, que somente os Anjos poderiam

dizer o que padeces enquanto, horrorizados, contorcem o seu olhar celeste e choram!

Meu Jesus despojado, permite-me que te aperte contra o meu coração para aquecer-te, porque vejo que tremes e um suor gélido e mortal invade a tua santíssima Humanidade. Como eu gostaria de te dar a minha vida, o meu sangue para substituir o teu, que perdeste para dar-me a vida!

Entretanto, observando-me como que com os seus olhos lânguidos e moribundos, parece que Jesus me diz: «Meu filho, quanto me custam as almas! Este é o lugar em que espero todos para salvá-los, onde quero reparar os pecados daqueles que chegam a degradar-se mais do que as bestas se obstinam tanto em ofender-me, que chegam a não saber viver sem cometer pecados. A sua razão fica obcecada e pecam desenfreadamente; eis por que me coroam de espinhos pela terceira vez; e ao despojarem-me, reparo por aqueles que se cobrem com indecentes vestes de luxo e, pelos pecados contra a modéstia e por aqueles que se encontram tão ligados às riquezas, às honras e aos prazeres, que disto fazem um deus para os seus corações.

Ah, sim, cada uma destas ofensas é uma morte que sinto e, se não morro, é porque a Vontade do meu Pai eterno ainda não decretou o momento da minha morte!».

Meu despojado Bem, enquanto reparo juntamente contigo, peço-te que me despojes de tudo com as tuas santíssimas Mãos e não permitas que qualquer afeto maldoso entre no meu coração; vigia-o, circunda-o com as tuas dores e cumula-o com o teu amor; a minha vida não seja senão a repetição da tua, e com a tua bênção confirma o meu despojamento; abençoa-me de coração e dá-me a força para assistir à tua dolorosa crucifixão, para permanecer crucificado juntamente contigo!

Reflexões e Práticas

Jesus carrega a Cruz. O amor de Jesus pela Cruz e o seu ansioso desejo de morrer nela para salvar as almas são imensos! E nós amamos o sofrimento como Jesus? Podemos dizer que as nossas palpitações fazem eco às suas palpitações divinas e que também nós pedimos a nossa cruz?...

Quando sofremos, temos a intenção de ser companheiros de Jesus para aliviar o peso da sua Cruz? Como o acompanhamos? E nos insultos que recebe, estamos prontos a oferecer-lhe o nosso pequeno sofrimento para alívio das suas dores?

Nas nossas ações e preces, e quando sob o peso de dores internas padecemos o nosso sofrimento, fazem com que a nossa dor se dirija a Jesus que, como véu que enxuga o seu suor, o alivia, fazendo nosso o seu padecimento?

Todos: ó meu Jesus, chama-me sempre para perto de ti e permite que Tu estejas sempre perto de mim, para que te conforte sempre com as minhas dores.

Décima nona Hora

Das 11 ao meio-dia Jesus é Crucificado

Primeira parte: a crucifixão

Jesus, meu Amor, já foste despojado das tuas vestes e o teu santíssimo Corpo está lacerado que me parece um cordeiro esfolado; vejo que estás tremendo inteiramente e o meu coração angustia-se pela dor ao ver que sangras de todas as partes do teu santíssimo Corpo! Cansados mas não saciados de te afligir, os teus inimigos despojam-te e, com dor indizível, arrancam da tua cabeça a coroa de espinhos e depois colocam-ta de novo, fazendo com que experimentes espasmos inauditos, acrescentando às primeiras outras feridas dolorosas.

Ah, meu Jesus, nesta terceira coroação Tu reparas a perfídia do homem e a sua obstinação no pecado!

Meu Jesus, se o amor não quisesse fazer-te sofrer dores maiores do que estas, sem dúvidas terias morrido pela acidez do sofrimento que padeceste nesta terceira coroação de espinhos; mas já vejo que não consegues mais agüentar a

dor e, com os olhos cobertos de Sangue, olhas se alguém pelo menos se aproxima de ti para apoiar-te em tantos padecimentos e confusão.

Meu doce Bem, minha dileta Vida, aqui não estás sozinho como na noite passada; está presente a Mamãe dolorosa que, trespassada no coração por uma pena intensa, padece tantas mortes por quantas dores Tu sofres! Está também presente a amorosa Madalena e o fiel João que, à vista das tuas dores, ficam mudos de pena. Diz-me, meu Amor, quem queres que te sustenha em tanto sofrimento? Por favor, permite que seja eu, que mais do que todos sinto a necessidade de estar perto de ti nestes momentos; a querida Mamãe e os outros cedem-me o lugar e eis que, ó Jesus, me aproximo de ti, te abraço, te peço que apoies a tua cabeça no meu ombro e me faças sentir as picadas dos teus espinhos, para reparar todas as ofensas de pensamento que as criaturas cometem. Meu Amor, por favor, abraça-me; quero beijar uma por uma as gotas de Sangue que escorrem sobre o teu santíssimo Rosto e peço-te que cada uma destas gotas seja luz para cada mente de criatura, a fim de que nenhuma delas te ofenda com pensamentos malvados.

Entretanto, meu Jesus, Tu olhas para a Cruz que os teus inimigos te estão preparando; sentes as marteladas com que os teus carnílices fazem os furos onde pregarem os cravos que te crucificarão, e o teu Coração pulsa forte, forte, sobressalta de ebriedade divina, aspirando a deitar-te naquele leito de dor, para selar com a tua morte a salvação das nossas almas. Já te sinto dizer: «Por

favor, ó Cruz, recebe-me logo nos teus braços, espero-te com impaciência! Santa Cruz, em ti completarei tudo: depressa, Cruz, cumpras o desejo ardente que me consome, de dar a vida às almas; não hesites mais, pois espero ansiosamente poder deitar-me sobre ti para abrir o Céu a todos os meus filhos».

Oh, Cruz, é verdade que tu és o meu martírio, mas daqui a pouco serás também a minha vitória e o meu triunfo mais completo; e por ti darei aos meus filhos uma copiosa herança, vitórias, triunfos e coroas».

E eis que, enquanto Jesus fala assim os seus inimigos mandam-no deitar-se sobre ela e Ele obedece-os prontamente, para reparar as nossas desobediências.

Meu Amor, antes de te deitares na Cruz, permite-me que te aperte ao meu coração com mais força e que beije as tuas amorosas feridas sangrentas. Ouças, ó Jesus, não quero deixar-te, desejo ir deitar-me contigo sobre a Cruz e nela permanecer pregado em tua companhia. O verdadeiro amor não suporta a separação e Tu perdoarás a ousadia do meu amor, mas concede-me permanecer crucificado contigo. Vês, meu terno Amor, não sou só eu te peço isto, mas também a Mãe dolorosa, a inseparável Madalena e o predileto João; todos te dirão que será mais suportável permanecer pregado contigo na Cruz, do que te ver crucificado sozinho! Por isso, ofereço-me juntamente

contigo ao Pai eterno, compenetrado com a tua Vontade, o teu Coração, as tuas reparações e todas as tuas dores.

Ah, parece que o meu adorado Jesus me diz: «Meu filho, antecipaste o meu Amor, esta é a minha Vontade, que todos aqueles que me amam sejam crucificados comigo. Ah, sim, vem também tu a deitar-te comigo na Cruz, dar-te-ei vida com a minha vida e conservar-te-ei como o predileto do meu Coração».

E eis que, meu doce Bem, te deitas na Cruz e olhas com tanto amor e tanta doçura para os teus carnílices, os quais já têm prontos nas mãos os cravos e os martelos para pregar-te, dirigindo-lhes como que um doce convite para solicitar a crucifixão; com efeito, com ferocidade desumana, já tomam a tua direita, fixam o prego na palma da mesma e, com golpes de martelo, fazem-no sair na outra extremidade da Cruz. Ó meu Jesus, a dor que sentes é tanta, que tremes; a luz dos teus lindos olhos eclipsa-se e o teu santíssimo Rosto empalidece parece de morte.

Direita abençoada do meu Jesus, beijo-te compadeço-me de ti, adoro-te e agradeço-te por mim e por todos: quantos golpes recebes, tantas almas peço que libertes da condenação eterna neste momento; quantas gotas de Sangue derramas, tantas almas peço que purifiques neste teu preciosíssimo Sangue. Ó meu Jesus, pela dor ácida que sentes, imploro que abras o Céu a todos e

abençoes todas as criaturas; possa a tua bênção chamar à conversão todos os pecadores e à luz da Fé todos os heréticos e infiéis.

Oh Jesus, minha doce Vida, o teu tormento ainda está no início e eis que, tendo terminado de te pregar a direita, os teus verdugos tomam a tua esquerda com crueldade inaudita e, com violência, esticam-na tanto para fazê-la chegar ao furo marcado, que deslocam as juntas dos teus braços e dos ombros e, devido à gravidade da dor, também as pernas ficam estropiadas e convulsas; depois, com ferocidade incansável, pregam-na na Cruz como fizeram com a direita.

Mão esquerda do meu Jesus, beijo-te, tenho piedade de ti, adoro-te, dou-te graças e peço-te, pelos golpes que recibes e pelas dores atrozes que padeces enquanto te fincam o prego, que neste momento concedas às almas que penam a sua libertação do Purgatório. Sim, ó Jesus, pelo Sangue que derramas desta mão, peço-te que extinga as chamas que ardem nas almas; e este Sangue seja para todas elas um refrigerio e um banho salubre, para purificá-las de todas as manchas e dispô-las à visão beatífica. Meu Amor e meu Tudo, pela dor aguda que sofres, peço-te que feches o inferno a todas as almas e contenhas os relâmpagos da Justiça divina, infelizmente irritada pelas nossas culpas! Ó Jesus, faz com que se acalme a Justiça divina para não fazer chover os divinos flagelos sobre a Terra e se abram os tesouros da Misericórdia divina em benefício de todos. Meu Jesus, nos teus braços coloco o mundo e todas as

gerações, enquanto te peço, ó meu doce Amor, com as vozes do teu próprio Sangue, que não negues o perdão a ninguém e, pelos méritos deste teu preciosíssimo Sangue, que concedas a todos a salvação da própria alma! Ó Jesus, não excluas ninguém!

Jesus, meu Amor, os teus inimigos ainda não estão contentes: com ferocidade diabólica tomam os teus santíssimos pés, paralisados pela grande dor sentida devido distensão das mãos, e puxam-nos de tal forma que se deslocam os joelhos, as costelas e todos os ossos do peito. O meu coração não agüenta, meu dileto Bem; em virtude da dor, vejo os teus lindos olhos eclipsados e encobertos de Sangue; os teus lábios roxos contorcem-se, as tuas bochechas ficam escavados e os dentes rangem, enquanto o peito ofega com impetuosidade. Ah, meu Amor, com quanta boa vontade tomaria o teu lugar para poupar-te tanta dor! Quero curar, beijar, confortar e reparar todos os teus membros.

Meu Jesus, já te colocam um pé sobre o outro e fincam neles um prego sem ponta. Pés abençoados do meu Jesus, beijo-vos, adoro-vos, agradeço-vos e rogo-vos, pelas dolorosíssimas penas que sofreis, pelas distensões e pelo Sangue que derramais, que encerreis todas as almas nas vossas sacratíssimas chagas.

Ó Jesus, não desprezes ninguém! Os teus pregos cravam as nossas potências, para que não se afastem de ti; cravam o nosso coração, para que se fixe sempre e somente em ti; cravam todos os nossos sentimentos, a fim de que não sintam qualquer gosto que não provenha de ti. Oh, meu Jesus crucificado, vejo que estás totalmente ensangüentado e como que flutuas em uma poça de Sangue e pedes continuamente almas. Assim, pelo poder deste Sangue peço-te, ó Jesus, que ninguém te passe despercebido!

Oh Jesus, aproximo-me do teu Coração angustiado; vejo que não suportas mais, mas o amor brada mais forte: «Mais dores, dores e dores!».

Meu Jesus, abraço-te, beijo-te, tenho piedade de ti, adoro-te e agradeço-te por mim e por todos. Jesus, quero apoiar a minha cabeça no teu Coração para sentir o que sofres nesta dolorosa Crucifixão. Ah, sinto que a cada golpe de martelo faz eco nele; tudo se concentra nele e por isso é ali que começam as dores e é ali que as mesmas terminam. Ah, se já não tivesse sido decretado que uma lança deverá trespassar o teu Coração, as chamas do teu amor manifestar-se-iam e fariam com que ele explodisse! Estas chamas convidam as almas amorosas a fazer uma feliz morada no teu Coração enquanto eu, ó Jesus, pelo teu preciosíssimo Sangue, te peço a santidade para estas almas: por favor, nunca as faça sair do teu Coração e, com a tua graça, multiplica as vocações das almas vítimas, que continuem a tua vida na Terra. Tu quiseste reservar um lugar distinto no teu Coração às almas amantes; faz com que elas

jamais percam este lugar. Oh Jesus, as chamas do teu Coração me ardam e me consumam, o teu Sangue me adorne, o teu amor me conserve sempre fixo nela com a dor e a reparação.

Ó meu Jesus, os carrascos já pregaram as tuas mãos e os teus pés na Cruz, e virando-a para rebater os pregos, forçam o teu Rosto adorável a tocar a terra ensangüentada com o teu próprio Sangue e Tu, com os teus lábios divinos, beija-a. Com este teu ósculo, ó meu doce Amor, Tu pretendes beijar todas as almas e vinculá-las ao teu amor, selando a sua salvação. Ó Jesus, deixa que tome o teu lugar posto e, enquanto os verdugos rebatem os pregos, faz com que estes golpes firam também a mim e me preguem totalmente ao teu amor.

Meu Jesus, enquanto os espinhos penetram cada vez mais na tua cabeça, quero oferecer-te, ó meu doce Bem, todos os meus pensamentos que, como beijos afetuosos, te consolem e curem a amargura dos teus espinhos.

Ó Jesus, vejo que os teus inimigos ainda não estão saciados de insultar-te e zombar-te, e desejo confortar os teus olhares divinos com os meus olhares de amor.

A tua língua está quase colada ao palato pela amargura do fel e pela sede ardente. Ó meu Jesus, para saciar a tua sede Tu desejarias todos o coração de todas as criaturas transbordantes de amor e, não dispondo das mesmas, ardes

cada vez mais por elas. Meu doce Amor, pretendo enviar-te rios de amor, para mitigar-te de alguma maneira a amargura do fel e a tua sede ardente. Ó Jesus, vejo que a cada movimento que fazes, as feridas das tuas mãos abrem-se ainda mais e a dor torna-se mais intensa e ácida. Meu querido Bem, para aliviar e abrandar este sofrimento, ofereço-te as obras santas de todas as criaturas. Ó Jesus, como sofres nos teus santíssimos pés! Todos os movimentos do teu sacratíssimo Corpo parecem repercutirem-se nelas e ninguém está próximo de ti para apoiar-te e mitigar pelo menos a acidez das tuas dores! Minha dulcíssima Vida, gostaria de reunir os passos das criaturas de todas as gerações passadas, presentes e futuras, e orientá-las para ti, a fim de que te consolem nas tuas árduas penas.

Ah, ó meu Jesus, como está angustiado o teu pobre Coração! Como confortar tanta dor? Difundir-me-ei em ti, colocarei o meu coração no teu, os meus desejos ardentes nos teus, para que seja destruído qualquer desejo negativo; difundirei o meu amor no teu, a fim de que com o teu fogo ardam os corações de todas as criaturas e se sejam aniquilados os amores profanos. O teu sacratíssimo Coração será confortado e desde agora prometo, ó Jesus, que ficarei sempre pregado a este amorosíssimo Coração com os pregos dos teus desejos, do teu Amor e da tua Vontade.

Ó meu Jesus, Tu estás crucificado e eu em ti. Tu não permites que me separe absolutamente de ti, mas que permaneça sempre ali pregado, para poder amar-

te e reparar por todos e mitigar a dor que, com as suas culpas, as criaturas te fazem padecer.

Segunda parte: Jesus Crucificado.

Com Ele, desarmamos a Justiça divina

Meu bom Jesus, vejo que os teus inimigos levantam o pesado madeiro da Cruz e o deixam cair no fosso por eles preparado; e Tu, meu doce Amor, ficas suspenso entre o céu e a terra. Neste solene momento, diriges-te ao Pai e, com voz frágil e fraca, dizes-lhe: «Pai santo, eis-me aqui, carregado com todos os pecados do mundo; não há culpa que não se reverse em mim, por isso, não descarregues mais sobre os homens os flagelos da tua Justiça divina, mas sobre mim, teu Filho. Ó Pai, permite-me que vincule todas as almas a esta Cruz, que lhes imploro o perdão com as vozes do meu Sangue e das minhas feridas. Ó Pai, não vês em que estado de piedade me encontro? Por esta Cruz, em virtude destas dores, concede a todos uma conversão genuína, paz, perdão e santidade. Detém o teu furor contra a pobre Humanidade, contra os meus filhos; eles são cegos e não sabem o que fazem; por isso, olha bem como estou ferido por causa deles: se não tiveres compaixão deles, tenhas piedade pelo menos deste meu Rosto maculado de escarros, coberto de Sangue, ferido e entumecido pelas inúmeras bofetadas e golpes recebidos. Tem piedade, meu Pai! Eu era o mais bonito de todos e agora estou totalmente desfigurado, a tal

ponto que já não me reconheço; tornei-me a abjeção de todos e por isso, custe o que custar, quero salvar a pobre criatura!».

Meu Jesus, é possível que nos ame tanto assim? O teu amor esmaga este meu pobre coração. Oh, queria ir ter com todas as criaturas e mostrar este teu Rosto tão desfigurado por causa deles, para sensibilizá-los nas suas almas e no teu Amor; e com a luz que este teu Rosto reflete e com a força arrebatadora do teu Amor, fazer com que compreendam quem és Tu e quem são elas que ousam ofender-te, para que se prostrem diante de ti para adorar-te e glorificar-te.

Meu Jesus, adorável Crucificado, a criatura continua a irritar sempre a Justiça divina e, com a sua língua, faz ressoar o eco de blasfêmias horrendas, vozes de imprecções e maldições, pronunciamentos maldosos. Ah, todas estas vozes ensurdecem a terra e, penetrando até nos Céus, enquanto ensurdecem o ouvido divino, imprecam e pedem vingança e justiça contra ela mesma! Oh, como a Justiça divina se sente impelida a lançar os seus flagelos! Os, como tantas blasfêmias horrendas acendem o seu furor contra a criatura! Mas Tu, ó meu Jesus, amando-nos com sumo Amor, fazes frente a estas vozes mortíferas com a tua voz onipotente e criadora, e imploras misericórdia, graças e amor para ela. E para aplacar a indignação do Pai, cheio de amor dizes: «Meu Pai, volta a olhar para mim, não ouças as vozes das criaturas, mas a minha; sou Eu que satisfaço todos; por isso, peço-te que olhes para a criatura e que a olhes

em mim; se a observares fora de mim, o que será dela? É frágil, ignorante, só capaz de fazer o mal, repletas de todas as misérias; piedade, tem piedade da pobre criatura; respondo por ela com esta minha língua amargurada pelo fel, seca de sede, ardida e queimada pelo amor».

Meu amargurado Jesus, a minha voz na tua quer fazer frente a todas estas ofensas, a todas as blasfêmias, para poder transformar todas as vozes humanas em vozes de bênção e louvor.

Meu Jesus crucificado, a criatura ainda não se rende a tanto teu amor e dor; pelo contrário, desprezando-te, acrescenta culpas a mais culpas, cometendo sacrilégios enormes, homicídios, suicídios, duelos, fraudes, enganos, crueldades e traições. Ah, todas estas obras más entorpecem os braços do teu Pai celestial que, não podendo suportar o peso, está para abaixá-los e arremessar furor e destruição contra a terra. E Tu, ó meu Jesus, para subtrair a criatura do furor divino, temendo vê-la destruída, estendes os teus braços rumo ao Pai, desarma-lo e impedes que a Justiça divina prossiga o seu percurso; e para fazer com que Ele se compadeça da mísera Humanidade e se entorneça, dizes-lhe com voz mais insinuante: «Meu Pai, olha estas mãos dilaceradas e estes pregos que as trespassam, que me cravam juntamente com todas estas obras más. Ah, é nestas mãos que sinto todos os espasmos que me provocam estas obras malignas. Ó, meu Pai, não estás contente com as minhas dores? Não sou porventura capaz de satisfazer-te? Sim, estes meus braços deslocados

serão sempre correntes que limitarão as criaturas, a fim de que escapem de mim, a não ser aquelas que quisessem libertar-se à viva força; e estes meus braços serão cadeias amorosas que te amarrarão, meu Pai, para impedir que Tu destruas a pobre criatura; antes, atrair-te-ei sempre para perto dela, para que derrames sobre ela as tuas graças e misericórdias!».

Meu Jesus, o teu amor é um doce encanto para mim e leva-me a fazer o que Tu fazes; por isso, juntamente contigo quero impedir, custe o que custar, que a Justiça divina prossiga o seu itinerário contra a pobre Humanidade; com o Sangue que flui destas tuas mãos, quero extinguir o fogo da culpa que o acende e apaziguar o seu furor. Concede-me que deponha nestes teus braços as dores e as agonias de todos os homens e os inúmeros corações dolorosos e oprimidos; permite-me que vá ter com todas as criaturas e estreite todas nestes teus braços, a fim de que todas retornem ao teu Coração; concede-me que, com o poder das tuas mãos criadoras, detenha a corrente de tantas obras malignas e impeça que todos façam o mal.

Meu amável Jesus crucificado, a criatura ainda não está satisfeita de ofender-te; quer beber até o fim todos os resíduos do pecado e corre quase loucamente pelo caminho do mal; precipita-se de culpa em culpa, desobedece às tuas leis e, desconhecendo-te, rebela-se contra ti e, como que para provocar-te, quer ir para o inferno. Oh, como se indigna a suprema Majestade! E Tu, ó meu Jesus, triunfando em tudo, inclusive na obstinação das criaturas, para mitigar o Pai

divino, mostra-lhe toda a tua santíssima Humanidade lacerada, deslocada, angustiada de maneira horrível; mostras os teus santíssimos pés trespassados, destorcidos pela atrocidade dos espasmos, enquanto ouço a tua voz mais comovedora do que nunca, como que expirando, que quer convencer a criatura por força de amor e de dor, triunfando no seu Coração paterno: «Meu Pai, olha-me da cabeça aos pés: não há parte sadia em mim, já não disponho de um lugar onde fazer abrir uma ferida e sentir mais dores: se não te aplacares diante deste espetáculo de amor e de sofrimento, quem é que conseguirá apaziguar-te? Ó criaturas, se não vos renderdes a tanto Amor, que esperança vos resta de vos converterdes? Estas minhas chagas e este Sangue serão sempre vozes que pedirão ao Céu, para a Terra, graças de arrependimento, perdão, compaixão por vós!».

Meu Jesus, amoroso Crucificado, vejo que já não agüentas; a tensão terrível que padeces na Cruz, o estalido contínuo dos teus ossos que se deslocam cada vez mais com qualquer pequeno movimento, a carne que se rasga sempre mais, a sede ardente que te consuma, as dores interiores que te sufocam de amargura, de dor e de amor, e com tantos teus martírios a ingratidão humana que te enfrenta e que, como uma onda impetuosa, penetra até dentro do teu Coração trespassado, te oprimem tanto que a tua santíssima Humanidade, não agüentando sob o peso de tantos martírios, está para expirar e, como que em delírio de amor e de sofrimento, pedes ajuda e piedade! Jesus crucificado, é possível que Tu, que suportas tudo e dás vida a todos, pedes ajuda? Ah, como

gostaria de penetrar em cada gota do teu preciosíssimo Sangue e derramar o meu para curar cada uma das tuas chagas, para mitigar e tornar menos dolorosas as picadas de cada espinho e em cada pena interior do teu Coração para aliviar a intensidade das tuas amarguras; gostaria de dar-te vida por vida: se me fosse possível, quereria despregar-te da Cruz para substituir-te com a minha pessoa; mas vejo que nada sou e nada posso, sou demasiado insignificante, por isso dá-me a ti mesmo, tomarei vida em ti e em ti darei dar-te-ei a ti mesmo. Assim, satisfarás a minha ânsia. Jesus supliciado, vejo que a tua santíssima Humanidade termina não por ti, mas para cumprir em tudo a nossa Redenção; tens necessidade de ajuda divina e por isso lanças-te nos braços paternos e pedes ajuda e de socorro. Oh, como o Pai divino se entenece ao olhar a horrível angústia da tua santíssima Humanidade, o terrível sofrimento que o pecado provocou aos teus santíssimos Membros! E para contentar a tua ânsia de amor, aperta-te ao seu Coração paterno e oferece-te a ajuda necessária para realizar a nossa Redenção e, enquanto te abraça, sentes no teu Coração repetir-se com mais força as pancadas dos pregos, os golpes dos açoites, as dilacerações das chagas, as picadas dos espinhos. Oh, como o Pai fica estupefacto! Como se indigna ao ver que todos estes sofrimentos te causam até no fundo do teu Coração também almas a ti consagradas! E na sua dor, diz-te:

«Meu Filho, é possível que nem sequer a parte por ti eleita esteja totalmente contigo? Aliás, parece que estas almas pedem refúgio e escondimento neste

teu Coração para amargurar-te e causar-te uma morte dolorosa e, o que mais surpreende, todas estas dores que te provocam estão encobertos por hipocrisias. Ah, Filho, não posso mais conter a indignação pela ingratidão destas almas, que me ferem mais do que todas as outras criaturas em conjunto».

Mas Tu, ó meu Jesus, triunfando sobre tudo, defendes até mesmo estas almas e, com o imenso amor deste teu Coração, fazes um refúgio para as ondas de amarguras e trespasses que estas almas de provocam e, para mitigar o Pai, dizes-lhe: «Meu Pai, olha este meu Coração; todas estas dores te satisfaçam e quanto mais ácidas forem, tanto mais potentes sejam no teu Coração de Pai, para impetrar-lhes graças, luz e perdão. Meu Pai, não os rejeites, eles serão os meus paladinos que continuarão a minha vida na terra».

Minha vida, Jesus crucificado, vejo que ainda agonizas na Cruz, dado que o teu Amor ainda não está saciado para dar cumprimento a tudo. Sim, também eu agonizo juntamente contigo e todos vós, Anjos e Santos, vinde ao monte Calvário e observai os excessos e as loucuras do amor de Deus! Beijemos as suas chagas sangrentas, adoremo-las, sustentemos aqueles membros dilacerados, agradeçamos a Jesus a Redenção realizada, lancemos um olhar à trespassada Mãe, que tantas dores e mortes sente no seu Coração imaculado, por todas as penas que vê no seu Filho Deus: as suas próprias vestes estão impregnadas de Sangue; o monte Calvário está totalmente imbuído de Sangue;

por isso, todos juntos tomemos este Sangue, rezemos à dolorosa Mãe para que se una a nós, dividamo-nos pelo mundo inteiro e vamos em socorro de todos. Ajudemos os que estão em perigo, a fim de que não pereçam; os caídos, para que voltem a levantar-se; quem está prestes a cair, a fim de que não cedam; ofereçamos este Sangue a tantos pobres cegos, para que neles resplandeça a luz da verdade; e, de modo especial, vamos ao meio dos pobres combatentes, sejamos as suas sentinelas vigilantes e, se estiverem prestes a cair, atingidos pela arma do inimigo, recebamo-los nos nossos braços para confortá-los, e se forem abandonados por todos, se se sentirem desesperados diante da sua triste sorte, ofereçamo-lhes este Sangue, para que se resignem e seja mitigada a atrocidade das dores; e se virmos que há almas que estão para cair no inferno, doemo-lhes este Sangue divino, que contém o preço da Redenção, e afastemo-los de sataná! E enquanto eu conservar Jesus apertado ao meu coração para defendê-lo e repará-lo de tudo, estreitarei todos a este Coração, a fim de que todos obtenham a graça eficaz de conversão, força e salvação.

Entretanto vejo, ó Jesus, que o Sangue flui aos cântaros das tuas mãos e dos teus pés; os Anjos, lacrimosos, fazem uma coroa em teu redor e admiram os prodígios do teu imenso Amor. Vejo a tua doce Mamãe aos pés da Cruz, trespassada pela dor, a tua querida Madalena, o predileto João, todos tomados pelo enlevo de incredulidade, de amor e de dor! Ó Jesus, uno-me a ti e abraço a tua Cruz, recupero todas as gotas do teu Sangue e derramo-as no meu Coração.

Quando eu vir que a tua Justiça está irritada diante dos pecadores, para aplacar-te, mostrar-te-ei este Sangue. Quando eu quiser a conversão das almas obstinadas no pecado, mostrar-te-ei este Sangue e, em virtude dele, não rejeitarás a minha oração, porque tenho o penhor da mesma nas minhas mãos. E agora, Meu Bem crucificado, em nome de todas as gerações passadas, presentes e futuras, juntamente com a tua Mamãe e com todos os Anjos, prostro-me diante de ti e digo-te: «Adoramo-te, ó Cristo, e bendizemo-te, porque com a tua Santa Cruz redimiste o mundo».

Reflexões e Práticas

Jesus crucificado obedece aos carrascos, aceita com amor todos os insultos e dores que lhe fazem padecer. Pelo grande amor que Jesus sentia pela nossa pobre alma, encontrou na Cruz o seu leito de repouso; e nós, em todas as penas, descansamos nele? Com a nossa paciência e com o nosso amor, podemos dizer que preparamos no nosso coração um leito para Jesus?

Enquanto Jesus é crucificado, não há sequer uma parte interior e exterior que não padeça um singular sofrimento; e todos nós permanecemos crucificados com Ele, pelo menos com os nossos principais sentidos? Quando em uma vã conversa ou outro divertimento semelhante encontramos o nosso prazer, então

é Jesus que fica pregado na Cruz; mas se sacrificamos este mesmo prazer por amor dele, então despregamos Jesus e pregamos a nós mesmos.

Conservamos sempre cravados com os pregos da sua santíssima Vontade a nossa mente, o nosso coração, todo o nosso ser? Enquanto está crucificado, Jesus olha os verdugos com amor: e nós, por amor dele, olhamos com amor quem nos ofende?

Todos: meu Jesus crucificado, os teus pregos trespassem o meu coração, a fim de que não haja palpitação, afeto e desejo que não sinta as picadas dos mesmos, e o Sangue que este meu coração derramar seja o bálsamo que há de curar as tuas chagas.

Vigésima Hora

Do meio-dia à 1 hora

Primeira Hora de agonia na Cruz

A primeira palavra de Jesus

Meu Bem crucificado, vejo-te na Cruz como se fosse no teu Trono de triunfo, enquanto conquistas tudo e todos os corações, atraindo-os tanto a ti que todos sentem o teu poder sobre-humano. Horrorizada com tanta perversidade, a natureza prostra-se diante de ti e, em silêncio, espera que digas algo, para

prestar-te honra e fazer com que o teu domínio seja reconhecido; o sol lacrimoso retira a sua luz, pois não consegue suportar a visão de ti, demasiado dolorosa. O inferno sente terror e, silencioso, aguarda. Assim, tudo está em silêncio: a tua Mãe trespassada e todos os teus discípulos fiéis ficam emudecidos e petrificados com a visão, ai, demasiado dolorosa da tua Humanidade dilacerada e deslocada, e em silêncio esperam que te pronuncies! A tua própria Humanidade, que jaz no meio de um mar de dores e os espasmos atrozes da agonia, está silenciosa a tal ponto que se teme que, entre um respiro e outro, Tu morras! O que mais? Os próprios pérfidos Judeus, os próprios impiedosos carrascos, que até há pouco de ultrajavam, te escarneciam, te chamavam impostor e malfeitor, os próprios ladrões que te blasfemavam, todos se calam, emudecem, enquanto o remorso os invade e, se se esforçam por lançar-te algum insulto, este morre nos seus lábios. Mas penetrando no seu interior, vejo que o amor transborda, te sufoca e não consegues contê-lo; constrangido pelo teu amor, que atormenta mais do que as próprias penas, falas com voz forte e comovedora, como o Deus que Tu és elevas os olhos moribundos ao Céu e exclamas: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!». E, fechas-te de novo no silêncio, imerso em dores inauditas. Jesus crucificado, é possível tanto amor? Ah, Depois de tantos sofrimentos e insultos, a primeira palavra é o perdão, e desculpas-nos diante do Pai pelos inúmeros pecados! Ah, fazes com que estas palavras desçam em cada coração depois da culpa, e és o primeiro a oferecer o perdão. Mas quantos as rejeitam e não a

aceitam; então, o teu amor devaneia porque Tu, com ansiedade, queres conceder a todos o perdão e o ósculo da paz!

Diante destas tuas palavras, o inferno treme e reconhece que és Deus; a natureza e todos ficam estupefatos e reconhecem a tua Divindade, o teu amor inextinguível e, silenciosos, esperam para ver até aonde ele chega. E não é somente a tua voz, mas também o teu Sangue, as tuas feridas que bradam a cada coração depois do pecado: «Vem aos meus braços que te perdão, e o selo do perdão é o preço do meu Sangue». Ó meu amável Jesus, repete ainda estas palavras a todos os pecadores do mundo; implora a misericórdia para todos; a todos reserva os méritos infinitos do teu preciosíssimo Sangue; ó bom Jesus, continua a aplacar a todos a Justiça divina e concede a graça a quem, devendo perdoar, não tem força para isto. Meu Jesus, adorado Crucificado, nestas três Horas de acérrima agonia Tu queres completar tudo e, enquanto em silêncio estás nesta Cruz, vejo que dentro de ti queres satisfazer o Pai em tudo. Agradece-lo por todos, satisfazendo-o por todos, pedindo perdão por todos e, para todos, impetras a graça a fim de que nunca mais te ofendam; e para obter isto to Pai, resumes toda a tua vida, desde o primeiro instante da tua concepção até o último respiro. Meu Jesus, Amor interminável, deixa que ainda te recapitule toda a minha vida contigo, com a Mamãe inconsolável, com São João e com as mulheres piedosas.

Recapitulemos a Vida e as dores de Jesus

Meu doce Jesus, agradeço-te os inúmeros espinhos que trespassaram a tua adorável Cabeça, as gotas de Sangue que dela fluíram, os golpes que nela recebeste e os cabelos que te arrancaram. Dou-te graças por todo o bem que fizeste e impetraste para todos, pelas luzes e as boas intenções que nos concedeste e por todas as vezes que perdoaste todos os nossos pecados de pensamento, de soberba, de orgulho e de amor próprio.

Peço-te perdão em nome de todos, ó meu Jesus, por todas as vezes que te coroamos de espinhos, por todas as gotas de Sangue que te fizemos derramar da tua sacratíssima Cabeça, por todas as vezes que não correspondemos às tuas inspirações; por todos estes sofrimentos que padeceste, peço-te, ó bom Jesus, que nos impetre a graça de nunca mais cometer pecados de pensamento. Quero ainda oferecer-te tudo aquilo que sofreste na tua santíssima Cabeça, para dar-te toda a glória que as criaturas te teriam reservado, se tivessem feito um bom uso da sua inteligência.

Ó meu Jesus, adoro os teus santíssimos Olhos e agradeço-te todas as lágrimas e todo o sangue que derramaste, as cruéis picadas dos espinhos, os insultos, as derisões e os vilipêndios suportados durante toda a tua Paixão. Peço-te perdão por todos aqueles que se servem da vista para ofender-te e ultrajar-te, implorando-te pelas dores padecidas nos teus sacratíssimos Olhos, que nos conceda a graça que ninguém mais te ofenda com olhares malignos. Quero

ainda oferecer-te tudo aquilo que Tu mesmo sofreste nos teus santíssimos Olhos, para dar-te toda a glória que as criaturas te teriam dado, se os seus olhares estivessem fixos somente no Céu, na Divindade e em ti, ó meu Jesus.

Adoro as tuas santíssimas Orelhas; agradeço-te quanto sofreste enquanto os malfeitores no Calvário te ensurdeciam com gritos e escárnios. Peço-te perdão em nome de todos, por todos os discursos malsãos que se ouvem e suplico-te que se abram as orelhas de todos os homens às verdades eternas, às vozes da Graça e que ninguém mais te ofenda com o sentido do ouvido. Quero ainda oferecer-te tudo aquilo que Tu mesmo sofreste nos teus santíssimos Ouvidos, para dar-te toda a glória que as criaturas te teriam prestado, se tivessem feito um uso santo deste órgão.

Ó meu Jesus, adoro e beijo o teu santíssimo Rosto e agradeço-te quanto sofreste pelos escarros, bofetadas e escárnios recebidos, e por todas as vezes que te deixaste espezinhar pelos teus inimigos. Peço-te perdão em nome de todos, por todas as vezes que tiveram a ousadia de te ofender, pedindo-te pelas bofetadas e pelos escarros, a fim de que todos reconheçam, louvem e glorifiquem a tua Divindade; aliás, ó meu Jesus, eu mesmo quero ir ao mundo inteiro, do Oriente ao Ocidente, do Meridiano ao Setentrião, unir as vozes de todas as criaturas e transformá-las em outros tantos atos de louvor, de amor e de adoração. Ó meu Jesus, quero também levar a ti os corações das criaturas, a fim de que Tu possas lançar sobre todos a luz, a verdade, o amor e a

compadecimento pela tua Pessoa divina; e enquanto perdoares todos, imploro-te que não permitas que alguém volte a ofender-te e, se for possível, mesmo à custa do meu Sangue. Enfim, tenho a intenção de oferecer-te tudo o que sofreste no teu santíssimo Rosto, para dar-te toda a glória que as criaturas te teriam reservado, se ninguém tivesse ousado ofender-te.

Adoro a tua santíssima Boca e agradeço-te os teus primeiros vagidos, todo o leite com que foste amamentado, todas as palavras que pronunciaste, os beijos apaixonados que deste à tua santíssima Mãe, o alimento que consumiste, a amargura do fel, a sede ardente que padeceste na Cruz e as preces que elevaste ao Pai, e peço-te perdão por todas as murmurações e discursos malignos e mundanos que se proferem e por todas as blasfêmias que as criaturas pronunciam. Desejo oferecer os teus santos pronunciamentos como reparação dos seus discursos negativos, a mortificação do teu gosto para reparar a sua gula e todas as ofensas que te ocasionaram com o mau uso da língua. Tenciono oferecer-te tudo o que sofreste na tua santíssima Boca, para dar-te toda a glória que as criaturas te teriam proporcionado, se nenhuma delas tivesse ousado ofender-te com o sentido do gosto e com o abuso da língua.

Ó Jesus, dou-te graças por tudo e, em nome de todos, elevo-te um hino de agradecimento eterno, infinito. Ó meu Jesus, tenciono brindar-te tudo o que padeceste na tua santíssima Pessoa, para dar-te toda a glória que te teriam

ocasionado todas as criaturas, se tivessem sintonizado a sua vida em conformidade com a tua.

Ó Jesus, agradeço quanto sofreste nos teus santíssimos Ombros, todos os golpes que recebeste, todas as chagas que permitiste que abrissem no teu sacratíssimo Corpo e todas as gotas de Sangue que derramaste. Peço-te perdão em nome de todos, por todas as vezes que, por amor à comodidade, te ofenderam com prazeres ilícitos e negativos. Ofereço-te a tua dolorosa flagelação para reparar todos os pecados cometidos com os teus sentidos, o amor aos próprios gostos, aos prazeres sensíveis, ao próprio eu, a todas as satisfações naturais, e também quero oferecer-te tudo o que sofreste nos teus Ombros, para prestar-te toda a glória que as criaturas te teriam dado, se em tudo tivessem procurado agradar somente a ti, refugiando-se à sombra da tua divina proteção.

Meu Jesus, beijo o teu pé esquerdo; agradeço-te graças todos os passos que deste na tua vida mortal e todas as vezes que cansaste os teus pobres membros para em busca de almas a orientar para o teu Coração. Ó meu Jesus, ofereço-te todas as minhas ações, passos e movimentos, com a intenção de te reparar por tudo e por todos. Peço-te perdão pelas pessoas que não agem com intenção reta; uno as minhas ações às tuas para divinizá-las e ofereço-as juntamente com todas as obras que realizaste com a tua santíssima

Humanidade, para dar-te a glória que te teriam dado as criaturas, se tivessem atuado santamente e com intenção reta.

Ó meu Jesus, beijo o teu pé direito e agradeço-te quanto sofreste e ainda sofres por mim, especialmente nesta hora que estás suspenso na Cruz: dou-te graças pela angustiante tormento que provocam os pregos nas tuas feridas, que se dilaceram cada vez mais com o peso do teu sacratíssimo Corpo.

Peço-te perdão por todas as rebeliões e desobediências que as criaturas cometem, oferecendo-te as dores dos teus santíssimos Pés como reparação destas ofensas, para dar-te a glória que as criaturas te teriam oferecido, se em tudo se tivessem submetido a ti.

Ó meu Jesus, beijo a tua santíssima Mão esquerda; dou-te graças por quanto sofreste por mim, por todas as vezes que aplacaste a Justiça divina, satisfazendo tudo! Beijo a tua Mão direita e agradeço-te todo o bem que realizaste e fazes por todos, agradecendo-te de modo especial as obras da Criação, da Redenção e da Santificação. Peço-te perdão em nome de todos, por todas as vezes que fomos ingratos aos teus benefícios, pelas nossas inúmeras obras levadas a cabo sem reta intenção. Como reparação de todas estas ofensas, tenho a intenção de te oferecer toda a perfeição e santidade das tuas obras, para granjear-te toda aquela glória que as criaturas te teriam dado, se tivessem correspondido a todos estes benefícios.

Ó meu Jesus, beijo o teu sacratíssimo Coração e agradeço-te quanto sofreste, desejaste e zelaste por amor de todos e por cada um em particular. Peço-te perdão por tantos desejos malvados, afetos e tendências negativas: perdão, ó Jesus, por todos os que pospõem o teu amor ao amor das criaturas; e para dar-te a glória que elas te negaram, ofereço-te tudo o que fez e continua a realizar o teu Coração perfeitamente adorável.

Reflexões e práticas

Jesus elevado na Cruz, fica suspenso sem tocar o chão; e nós, procuramos viver despegados do mundo, das criaturas e de quanto é terrestre? Tudo deve concorrer para forjar a cruz sobre a qual devemos estender-nos e permanecer suspensos como Jesus, distantes de tudo o que é terreno, a fim de que as criaturas não se apeguem a nós.

O Jesus angustiado não há outro leito, senão a Cruz, outro refúgio, senão as feridas e os insultos; e o nosso amor a Jesus chega a tal nível que encontra alívio no sofrimento? Tudo o que fazemos, orações, padecimentos e outras coisas, encerremo-las nestas chagas, banhando-as no Sangue de Jesus, e só encontraremos conforto nas suas dores. Assim, as feridas de Jesus serão as nossas, o seu Sangue atuará continuamente em nós para purificar-nos e adornar-nos, e desta forma receberemos todas as graças para nós e para a

salvação das almas. Com o depósito do Sangue de Jesus no nosso coração, se cometermos alguma falta pediremos a Jesus que nos conserve maculados na sua presença, mas que nos lave com o seu Sangue e nos mantenha ao seu lado. Se nos sentirmos fracos, rezaremos a Jesus a fim de que dê um pouco do seu Sangue à nossa alma, para dar-nos força. O doce Jesus pede pelos seus verdugos; aliás, perdoa-os; e nós, recitamos a prece de Jesus, para perdoar continuamente os pecadores diante do Pai e para impetrar a misericórdia para eles, também para aqueles que nos ofendem?

Enquanto rezamos, atuamos e caminhamos, não esqueçamos sequer as pobres almas que estão para dar um último respiro. Levemo-lhes, como ajuda e conforto, as preces e os beijos de Jesus, para que o seu preciosíssimo Sangue as purifique e faça com que elas se elevem ao Céu.

Todos: meu Jesus, das tuas feridas, do teu Sangue, quero haurir a força de poder repetir em mim a tua própria vida e assim poderei impetrar para todos o bem que Tu mesmo realizaste.

Vigésima primeira Hora

Da 1 às 2 da tarde

Segunda Hora de agonia na Cruz

Segunda, terceira e quarta palavras de Jesus

Segunda palavra na Cruz

Meu Amor trespassado, enquanto rezo contigo, a força arrebatadora do teu amor e das tuas dores mantém fixo o meu olhar em ti; mas o meu coração dilacera-se, ao ver-te sofrer tanto assim. Anseias de amor e de dor, e as chamas que ardem no teu Coração elevam-se a tal ponto que estão prestes e reduzir-te em cinzas; o teu amor contido é mais forte do que a própria morte e Tu, desejando desabafá-lo, olhando o ladrão à tua direita, subtrai-lo ao Inferno: com a tua graça, tocas o seu coração e o ladrão fica completamente transformado, reconhece-te, confessa-te como Deus e, profundamente mortificado, diz: «Senhor, recorda-te de mim quando estiveres no Paraíso». E Tu não hesitas em responder-lhe: «Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso», transformando-o no primeiro triunfo do teu amor. Mas no teu amor vejo não roubas o coração unicamente ao ladrão, mas também a muitos moribundos! Ah, Tu pões à sua disposição o teu Sangue, o teu Amor e os teus méritos, recorrendo a todos os artifícios e estratégias divinos para sensibilizar os seus corações e roubá-los para ti. Mas também aqui o teu amor é contrastado! Quantas negações, quantas desconfianças e quantos desesperos! E a dor é tanta que de novo ficas em silêncio!

Ó meu Jesus, quero reparar por aqueles que se desesperam da Misericórdia divina no momento da morte. Meu doce Amor, inspira em todos a confiança em

ti e a certeza iluminada, especialmente em quem se encontra à mercê da agonia; e em virtude desta tua palavra, concede-lhes luz, força e ajuda para poder morrer santamente e ir desta Terra para o Céu. Ó Jesus, contém todas as almas no teu santíssimo Corpo, no teu Sangue e nas tuas chagas. Portanto, por mérito deste teu preciosíssimo Sangue, não permite que uma só alma se extravie! O teu Sangue continue a bradar por todas, com a tua voz: «Hoje mesmo estareis comigo no Paraíso!».

Terceira palavra na Cruz

Meu Jesus, Crucificado angustiado, as tuas dores aumentam cada vez mais: ah, nesta Cruz Tu és o verdadeiro Rei das dores; entre tantos sofrimentos, nenhuma alma te passa despercebida; pelo contrário, dás a cada uma delas a tua própria vida. Mas o teu amor é contrastado pelas criaturas, desprezado, descuidado e, não podendo desabafar, torna-se mais intenso, provoca-te torturas indizíveis; nestas torturas, procuras descobrir o que mais podes dar ao homem para conquistá-lo e faz-te dizer: «Vê, ó alma, quanto te amei, se não queres ter piedade de ti mesmo, tenhas piedade pelo menos do meu amor!». Entretanto, vendo que nada mais tens para dar-lhe, uma vez que já lhe deu tudo, diriges o teu olhar lânguido à tua Mamãe; também ela está mais do que moribunda pelas tuas dores, e é tanto o amor que a tortura, que a crucifica como tu. Como Mãe e Filho, compreendeis-vos: e Tu suspiras com satisfação e confortas-te ao ver que podes dar à criatura a tua Mamãe e, considerando em

João todo o gênero humano, com voz tão tenra que enterneces todos, dizes: «Mulher, eis o teu filho»; e a João: «Eis a tua Mãe». A tua voz penetra no seu coração materno e, unida às vozes do teu Sangue, continua a dizer: «Minha Mãe, confio-te todos os meus filhos, todo o amor que sentes por mim, sente-o também por eles; todos os teus cuidados e ternuras maternas sejam para os meus filhos; Tu salvarás todos eles para mim». A tua Mamãe aceita. Entretanto, as dores são tão fortes que te fazem novamente silenciar.

Ó meu Jesus, desejo reparar as ofensas que se fazem à Santíssima Virgem, as blasfêmias e as ingratidões de tantos que não querem reconhecer os benefícios que Tu reservaste a todos, dando-no-la como Mãe.

Como podemos agradecer-te tantos benefícios? Ó Jesus, recorremos à tua própria fonte e oferecemo-te o teu Sangue, as tuas feridas, o amor infinito do teu Coração! Ó Virgem Santíssima, como é grande a tua emoção ao ouvir a voz do bom Jesus que te deixa a todos nós como Mãe?

Damo-te graças por isto, ó Virgem bendita e, para agradecer-te como mereces, oferecemo-te os mesmos agradecimentos do teu Jesus. Ó doce Mamãe, seja Tu a nossa Mãe, toma cuidado de nós e nunca permitas que te ofendamos, nem sequer minimamente. Conserva-nos sempre unidos de Jesus, com as tuas mãos vincula todos nós a Ele, de maneira que nunca mais possamos fugir dele.

Com as tuas próprias intenções, quero reparar por todos as ofensas que se fazem ao teu Jesus e a ti mesma, minha doce Mamãe!

Ó meu Jesus, enquanto estás imerso em tantas dores, peroras ulteriormente a causa da salvação das almas; porém, não ficarei indiferente diante disto, mas como pomba quero levantar vôo sobre as tuas feridas, beijá-las, curá-las e mergulhar no teu Sangue, para poder dizer contigo: «Almas, almas!». Quero sustentar a tua cabeça trespassada e dorida para reparar-te e pedir-te misericórdia, amor e perdão para todos.

Ó meu Jesus, reina na minha mente e cura-a em virtude dos espinhos que perfuram a tua cabeça; e não permitas que qualquer perturbação entre em mim. Beijo-te, testa majestosa do meu Jesus, atraí todos os meus pensamentos para contemplar-te, para compreender-te. Olhos dulcíssimos do meu Bem, por mais cobertos de Sangue que estejam, olhai-me; olhai a minha miséria, olhai a minha debilidade, olhai o meu pobre coração e fazei com que eu possa experimentar os efeitos admiráveis do vosso olhar divino. Ouvidos do meu Jesus, embora estejais ensurdecidos pelos insultos e pelas blasfêmias dos ímpios, contudo estais à nossa escuta; por favor, escutai as minhas orações e não desprezeis as minhas reparações. Sim, escuta, ó Jesus, o grito do meu coração; então, ele acalmar-se-á, quando o tiveres cumulado com o teu amor. Rosto belíssimo do meu Jesus, mostra-te, faz com que eu te veja, a fim de que de todos e de tudo eu desapegue o meu pobre coração. A tua beleza me faça enamorar

continuamente e me conserve sempre arrebatado em ti. Boca suavíssima do meu Jesus, fala-me, faz ressoar sempre a tua voz em mim e o poder da tua palavra destrua tudo o que não é Vontade de Deus, o que não é amor.

Ó Jesus, estendo os meus braços ao teu pescoço para abraçar-te e Tu estendes-me os teus braços para abraçar-me. Ó meu Bem, por favor faz com que seja tão intenso este abraço amoroso que nenhuma força humana possa desvincular-nos e assim abraçados, apoiarei o meu rosto no teu Coração e depois, com confiança, beijarei os teus lábios e Tu dar-me-ás o teu ósculo de amor. Assim, far-me-ás respirar o teu hálito dulcíssimo, o teu amor, a tua Vontade, as tuas dores e toda a tua Vida divina. Santíssimos ombros do meu Jesus, sempre fortes e constantes no padecimento por amor de mim, dai-me fortaleza, constância e heroísmo no sofrimento por amor de ti.

Por favor, ó Jesus, não permitas que eu seja inconstante no amor; aliás, faz-me parte da tua imutabilidade! Peito inflamado do meu Jesus, dá-me as tuas chamas: Tu não as podes mais conter e o meu coração, com ansiedade, procura-as através deste Sangue e destas feridas. Ó Jesus, são as chamas do teu amor que mais te atormentam; ó meu Bem, torna-me partícipe delas: não te faz compadecer uma alma tão arrefecida e pobre do teu amor? Santíssimas Mãos do meu Jesus, vós que criastes o Céu e a Terra, já estais dilaceradas a ponto de não vos poder movimentar! Ó meu Jesus, continua a tua criação: a criação do amor. Cria em todo o meu ser uma vida nova, a vida divina;

pronuncia as tuas palavras no meu pobre coração e transforma-o em tudo no teu. Santíssimos Pés do meu Jesus, nunca me deixais sozinho, fazei com que eu corra sempre convosco e não dê sequer um passo longe de vós. Jesus, com o meu amor e as minhas reparações, tenciono aliviar as dores que padeces nos teus Santíssimos Pés.

Ó meu Jesus crucificado, adoro o teu Sangue preciosíssimo, beijo uma por uma as tuas chagas, desejando incutir nelas todo o meu amor, as minhas adorações e as reparações mais sentidas. Seja o teu Sangue para todas as almas luz nas trevas, conforto nas dores, força na fragilidade, perdão na culpa, ajuda nas tentações, defesa nos perigos, sustento na morte e asas para transportá-las desta Terra para o Céu.

Ó Jesus, venho a ti e no teu Coração faço o meu ninho e a minha morada. De dentro do teu Coração, ó meu doce Amor, chamarei todos a ti; e se alguém quiser aproximar-se para ofender-te, exporei o meu peito e não permitirei que te fira; pelo contrário, fechá-lo-ei no teu Coração, falarei do teu amor e transformarei as ofensas em amor.

Ó Jesus, jamais permitas que eu saia do teu Coração, alimenta-me com as tuas chamas, dá-me vida com a tua vida para que eu possa amar-te como Tu mesmo desejas ser amado.

Quarta palavra na Cruz

Jesus angustiado, enquanto apertado ao teu Coração estou abandonado numerando as tuas penas, vejo que uma trepidação convulsiva invade a tua santíssima Humanidade; os teus membros debatem-se como se um quisesse desmembrar-se do outro e, entre as contorções pelos atrozes espasmos, Tu bradas com força: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?». Quando ouvem este grito, todos tremem, as trevas tornam-se mais espessas, a Mãe petrificada empalidece e desmaia!

Minha Vida! Meu tudo! Meu Jesus, o que vejo? Ah, Tu estás próximo da morte, as próprias dores que são tão fiéis a ti estão prestes a deixar-te; e entretanto, depois de ter sofrido por tanto tempo, com imensa dor vês as almas que não estão todas incorporadas em ti; aliás, percebes que muitas se perderão e sentes a dolorosa separação delas que se desvinculam dos teus membros. E Tu, devendo satisfazer a Justiça divina também por elas, sentes a morte de cada uma e as próprias penas que hão de sofrer no Inferno, e então gritas com força a todos os corações: «Não me abandoneis; se quiserdes mais penas, estou pronto, mas não vos separeis da minha Humanidade. Esta é a dor das dores, é a morte das mortes; tudo o resto nada seria para mim, se eu não padecesse a vossa separação de mim! Por favor, piedade do meu Sangue, das

minhas chagas e da minha morte! Este grito será contínuo aos vossos corações. Por favor, não me abandoneis!».

Meu amor, quanto sofro juntamente contigo! Tu ofegas; a tua santíssima Cabeça já cai sobre o teu peito, a vida abandona-te.

Meu Amor, sinto que estou prestes a morrer, também eu quero gritar contigo: «Almas, almas!». Não me separarei desta Cruz, destas feridas, para pedir-te almas e, se Tu quiseres, penetrarei nos corações das criaturas, circundá-los-ei com as tuas penas para que não se subtraíam a mim e, se for possível, desejaria posicionar-me à porta do Inferno a fim de recuar as almas para ali destinadas e conduzi-las para o teu Coração. Mas Tu agonizas e calas-te, enquanto eu choro a tua morte iminente. Ó meu Jesus, tenho compaixão de ti, estreito com força o teu Coração contra o meu, beijo-o e olho-o com toda a ternura de que sou capaz e, para dar-te maior alívio, faço minha a ternura divina e com ela quero compadecer-me de ti, transformar o meu coração em rios de docilidade e transbordá-lo no teu para amenizar a amargura que sentes pela perda das almas. Ó meu Jesus, este teu grito é demasiado doloroso; mais do que o abandono do Pai, é a perda das almas, que se afastam de ti, que faz sair do teu Coração esta dolorosa lamentação! Ó meu Jesus, aumenta em todos a graça, a fim de que ninguém te perca e a minha reparação seja em benefício das almas que se deveriam perder, para que não se extraviem.

Ó meu Jesus, peço-te de novo por este amor extremo, que ajudes tantas almas amorosas que, para tê-las como companheiras no teu abandono, parece que as privas de ti, deixando-as nas trevas. Ó Jesus, as penas delas sejam como preces que chamam as almas para perto de ti e aliviam a tua dor.

Reflexões e práticas

Jesus perdoa o bom ladrão, e com tanto amor que imediatamente o leva consigo para o Paraíso; e nós, rezamos sempre pelas almas dos muitos moribundos que têm necessidade de uma oração, para que se lhes feche o Inferno e se lhes abram as portas do Céu?

Os sofrimentos de Jesus na Cruz aumentam mas, esquecendo-se de si mesmo, Ele reza sempre por nós; nada reserva para si e dá tudo a nós, a começar pela sua Santíssima Mãe, entregando-nos o que havia de mais precioso no seu Coração. E nós, damos tudo a Jesus?

Em tudo o que fazemos: orações, ações e outras coisas, temos sempre a intenção de absorver um novo amor em nós, para podermos em seguida dar tudo a Ele? Devemos absorvê-lo para dá-lo, a fim de que tudo o que fizermos tenha o sinal da obra de Jesus.

Quando o Senhor nos dá fervor, luz e amor, usamos tudo isto em benefício do próximo? Procuramos incluir as almas nesta luz e neste fervor para animar o Coração de Jesus a convertê-las? Ou então, com egoísmo, conservamos as suas graças só para nós?

Ó meu Jesus, cada pequena centelha de amor que sinto no meu coração se torne um incêndio que consuma todos os corações das criaturas e as encerre no teu Coração.

Que uso fazemos do grande dom que nos concedeu na pessoa da sua Mamãe? Fazemos nosso o amor de Jesus, as suas ternuras e tudo o que Ele fazia, para contentar a sua Mamãe? Podemos dizer que a nossa Mãe divina encontra em nós a felicidade que encontrava em Jesus? Estamos sempre próximos dela como filhos fiéis, obedecemos-lá, imitamos as suas virtudes? Procuramos todos os modos de não nos subtrairmos ao seu olhar materno, para que nos conserve sempre intimamente ligados a Jesus? Em tudo o que fazemos, chamamos os olhares da Mãe celeste para orientar-nos, a fim de podermos agir santamente, como filhos genuínos, sob o seu olhar misericordioso? E para poder dar-lhe a felicidade como lha dava o seu Filho, peçamos a Jesus todo o amor que dedicava à sua Santíssima Mãe, a glória que lhe dava continuamente, a ternura e todas as finuras de amor; façamos tudo isto nosso e digamos à Mamãe celestial: temos Jesus em nós e fazer-te feliz e para que Tu possas encontrar em nós aquilo que encontravas em Jesus, damos tudo a ti. Além disso, bela

Mamãe, queremos dar ainda a Jesus toda a felicidade que Ele encontrava em ti, e por isso desejamos entrar no teu Coração e tomar o teu amor, toda a tua felicidade, todas as tuas ternuras e cuidados maternos, para dar tudo isto a Ele. Nossa Mamãe, as tuas mãos maternas sejam as doces correntes que nos conservam vinculados a ti e a Jesus.

Jesus em nada se poupa: amando-nos com sumo amor, gostaria de salvar todos nós e, se fosse possível, queria arrancar do Inferno todas as almas e padecer todas as suas dores. Não obstante, Ele vê que com esforço as almas querem desatar-se dos teus braços e, não podendo conter a sua própria dor, exclama: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?». E nós, podemos dizer que o nosso amor pelas almas é semelhante ao de Jesus? As nossas orações, as nossas dores, e todos os nossos pequenos atos estão unidos aos atos, às preces de Jesus, para arrancar as almas do Inferno? Como temos compaixão de Jesus neste seu sofrimento imenso? Se a nossa vida se pudesse consumir em um holocausto contínuo, não seria suficiente para compadecer esta dor. Cada pequeno ato, pena, pensamento que fazemos unidos a Jesus pode servir para conquistar almas, para que não caiam no Inferno. Unidos a Jesus, teremos nas nossas mãos o seu próprio poder; e ao contrário, se não realizarmos os nossos atos unidos a Ele, eles não servirão para impedir que sequer uma alma vá para o Inferno.

Meu Amor e meu tudo, conserva-me intimamente unido ao teu Coração, a fim de que sinta depressa como o pecador te fere ao desatar-se de ti e assim poder fazer imediatamente a minha parte. Ó meu Jesus, o teu amor ate o meu coração para que, ardido no teu fogo, possa sentir o amor que Tu mesmo tinhas pelas almas. Quando sofro dores, penas e amarguras, então ó Jesus, desabafa a tua justiça sobre mim e recebe a satisfação que desejas; mas o pecador, ó Jesus, seja salvo e as minhas dores constituam um vínculo que te ligue ao pecador e a minha alma receba a consolação de ver a tua Justiça satisfeita.

Vigésima segunda Hora

Das 2 às 3 da tarde

Terceira Hora de agonia na Cruz

Quinta, sexta e sétima palavras de Jesus

A morte de Jesus

Quinta palavra na Cruz

Ó meu Crucificado moribundo, abraçado à Cruz sinto o fogo que arde toda a tua santíssima Pessoa; o teu Coração pulsa com tanta força que, elevando as tuas costelas, te atormentam de modo tão angustiante e horrível a ponto de fazer com que toda a tua santíssima Humanidade passe por uma transformação que

te torna irreconhecível. O amor que arde no teu Coração resseca-te e queima-te totalmente; e Tu, não conseguindo contê-lo, sentes com vigor o tormento, não só da sede corporal devido ao derramamento de todo o teu Sangue, mas muito mais da ardente sede da salvação das nossas almas. Como água, desejarias beber-nos para salvar todos nós dentro de ti e, por isso, reunindo todas as tuas forças, bradas: «Tenho sede». Ah, esta voz repete-o a todos os corações: «Tenho sede da tua vontade, dos teus afetos, dos teus desejos e do teu amor; não podes dar-me uma água mais fresca e doce que a tua alma. Por favor, não me deixes queimar. Tenho sede ardente, e por isso não sinto que me ardem a língua e a garganta, a tal ponto que já não consigo articular sequer uma palavra, mas sinto que ressecam também o meu Coração e as minhas vísceras. Tem piedade da minha sede, piedade!». E, como que delirando pela grande sede, abandonas-te à Vontade do Pai.

Ah, o meu coração não pode mais viver, vendo a iniquidade dos teus inimigos que, em vez de água, te dão fel e vinagre, e Tu não os rejeitas! As, compreendo, é o fel de tantas culpas, é o vinagre das nossas paixões não indomadas que querem dar-te e que em vez de te aliviar te ardem ainda mais. Ó meu Jesus, eis o meu Coração, os meus pensamentos e os meus afetos, eis todo o meu ser, a fim de que sacies a tua sede e alivies a tua boca que arde amargurada.

Tudo o que possuo, tudo o que sou, tudo é para ti, ó meu Jesus. Se fossem necessárias as minhas penas para poder salvar mesmo que fosse uma só alma, eis-me aqui, estou pronto a sofrer tudo: ofereço-me inteiramente a ti, faz de mim o que mais te agradar.

Quero reparar a dor que Tu padeces por todas as almas que se perdem e o sofrimento que te provocam as almas às quais, enquanto permites as tristezas e os abandonos, elas em vez de os oferecer a ti como alívio à inflamadora sede que te devora, abandonam-se a si mesmas e assim fazem-te sofrer ainda mais.

Sexta palavra na Cruz

Meu agonizante Bem, o mar interminável dos teus sofrimentos, o fogo que te consome e mais que todo a Vontade suprema do Pai, que deseja que Tu morras, não te fazem mais esperar que possas continuar a viver. E como poderei viver sem ti? As forças já me abandonam, os olhos já se vedam, o rosto transforma-se e reveste-se de uma palidez mortal, a boca está entreaberta, a respiração é ofegante e interrompida, a tal ponto que já não há esperança que te possa reanimar. O fogo que te arde é substituído por um gelo e um suor frio que molham a tua fronte. Os músculos e os nervos contraem-se cada vez mais devido à amargura das dores e os trespasses dos pregos; as chagas dilaceram-se ainda mais e tremo, sinto que estou prestes a morrer. Olho para ti, ó meu Bem, e vejo que dos teus olhos descem as últimas lágrimas, que anunciam a

morta já próxima, enquanto com dificuldade ainda dizes: «Tudo está consumado!».

Ó meu Jesus, já esgotaste tudo e nada te resta; o amor chegou ao seu fim. E eu, consumiei-me inteiramente no teu amor? Que agradecimento deverei prestar-lhe, qual deverá ser a minha gratidão a ti? Ó meu Jesus, desejo reparar por todos, resgatar a ingratidão ao teu amor e consolar-te das afrontas que recebes das criaturas, enquanto te consumas de amor na Cruz.

Sétima palavra na Cruz

Jesus, meu Crucificado moribundo, já estás para dar os últimos respiros da tua vida mortal; a tua santíssima Humanidade já se enrijeceu; parece que o teu Coração não pulsa mais. Juntamente com Madalena, abraço os teus pés e, se fosse possível, gostaria de dar a minha vida para animar a tua.

Entretanto, ó Jesus, vejo que reabres os teus olhos agonizantes e olhas em redor da Cruz, como se quisesses dar o derradeiro adeus a todos. Olhas para tua Mãe moribunda, que não se move e não tem voz devido às intensas dores que sente, e então dizes: «Adeus, Mamãe, Eu parto mas conservar-te-ei no meu Coração; tem cuidado dos meus e dos teus filhos». Olhas para a lacrimosa Madalena, o fiel João e os teus próprios inimigos, e com os teus olhares dizes-lhes: «Eu perdôo-vos e dou-vos o beijo da paz». Nada passa despercebido ao

teu olhar, despedes-te de todos e perdoas todos; depois, reúnes todas as tuas forças e, com voz forte e impetuosa, gritas: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!». E, inclinando a cabeça, expiras.

Meu Jesus, depois deste grito toda a natureza se confunde e chora a tua morte, a morte do seu Criador! A terra treme com força e, através do seu tremor, parece que chora e quer despertar as almas a reconhecerem-te como verdadeiro Deus. O véu do templo rasga-se, os mortos ressurgem, o sol, que até então chorava as tuas dores, retirou com terror a sua própria luz. Após este grito, os teus inimigos ajoelham-se, batem-se ao peito e dizem: Verdadeiramente Ele é o Filho de Deus!»; e a tua Mãe, empedernida e agonizante, sofre dores mais ásperas que a morte.

Meu Jesus morto, com este brado depositas também todos nós nas mãos do Pai, a fim de que não nos rejeite; por isso, gritas forte não só com a voz, mas com todos os teus padecimentos e com as vozes do teu Sangue: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito e todas as almas!». Meu Jesus, também eu me abandono em ti e dá-me a graça de morrer totalmente no teu amor, na tua Vontade, enquanto te peço que nunca permitas, nem na vida nem na morte, que eu me afaste da tua santíssima Vontade. Entretanto, tenciono reparar por todos aqueles que se abandonam perfeitamente à tua santíssima Vontade, perdendo assim ou desperdiçando o precioso fruto da tua Redenção. Como é grande a dor do teu Coração, ó meu Jesus, ao ver tantas criaturas que evitam

os teus braços e se abandonam a si mesmas? Ó meu Jesus, tem piedade de todos, tem piedade de mim. Beijo a tua cabeça coroada de espinhos e peço-te perdão por tantos dos meus pensamentos de soberba, de ambição e de amor próprio, enquanto te prometo que todas as vezes que me vier um pensamento que não for totalmente para ti, ó Jesus, e me encontrar ocasiões de te ofender, gritarei depressa: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Ó Jesus, beijo os teus lindos Olhos ainda molhados de lágrimas e cobertos de Sangue coagulado e peço-te perdão por todas as vezes que te ofendi com olhares perversos e imodestos; prometo-te que todas as vezes que os meus olhos forem levados a observar coisas da terra, bradarei imediatamente: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Ó meu Jesus, beijo as tuas sacratíssimas Orelhas, ensurdecidas até os últimos momentos por insultos e horríveis blasfêmias e peço-te perdão por tantas vezes que ouvi ou fiz ouvir conversas que nos afastam de ti; por todos os diálogos malignos que as criaturas alimentam; e prometo-te que todas as vezes que tiver a ocasião de ouvir diálogos que não convêm, depressa bradarei: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Ó meu Jesus, beijo o teu santíssimo Rosto, pálido, inchado e sangrento, e peço-te perdão por tantos desprezos, afrontas e insultos que recibes de nós, criaturas extremamente vis, mediante os nossos pecados; e prometo-te que

cada vez que me vier a tentação de não dar a ti toda a glória, o amor e a adoração que te são devidos, logo gritarei: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Ó meu Jesus, beijo a tua sacratíssima boca seca e amargurada. Peço-te perdão por todas as vezes que te ofendi com os meus diálogos negativos, pelas vezes que ajudei a entristecer-te e a fazer aumentar a sua sede; prometo-te que cada vez que me vier o pensamento de começar colóquios que possam ofender-te, depressa bradarei: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Ó meu Jesus, beijo o teu santíssimo Pescoço e ainda vejo os sinais das correntes e das cordas que te oprimiram; peço-te perdão de todos os vínculos e adesões das criaturas, que acrescentaram cadeias e cordas ao teu sacratíssimo Pescoço; e prometo-te que cada vez que me sentir inquieto devido a adesões, desejos e afetos que não forem para ti, gritarei imediatamente: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Meu Jesus, beijo os teus santísimos Ombros e peço-te perdão por tantas satisfações ilícitas, pelos muitos pecados cometidos com os cinco sentidos do nosso corpo; prometo-te que todas as vezes que me vier o pensamento de me apegar a algum prazer ou satisfação que não seja para a tua glória, depressa bradarei: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Meu Jesus, beijo o teu santíssimo Peito e peço-te perdão por todas as horrendas insensibilidades, indiferenças, tibiezas e ingratidões que recebes das criaturas e prometo-te que todas as vezes que me sentir arrefecido no meu amor por ti, logo gritarei: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Meu Jesus, beijo as tuas sacratíssimas Mãos; peço-te perdão por todas as obras más e indiferentes, por tantos atos malignos do amor próprio e da estima pessoal. Prometo-te que todas as vezes que me vier o pensamento de não agir somente em função do teu amor, bradarei imediatamente: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Ó meu Jesus, beijo os teus santíssimos Pés e peço-te perdão por tantos passos, tantos caminhos percorridos sem a reta intenção, por tantas pessoas que se afastam de ti para ir em busca dos prazeres terrestres. Prometo-te que todas as vezes que me vier o pensamento de me afastar de ti, depressa gritarei: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Ó Jesus, beijo o teu sacratíssimo Coração e nele, com a minha alma, desejo encerrar todas as almas que redimiste, para que todas elas sejam salvas, sem qualquer exceção.

Ó Jesus, encerra-me no teu Coração e fecha as portas a fim de que eu só possa ver a ti. Prometo-te que todas as vezes que me vier o pensamento de

querer sair deste Coração, logo bradarei: «Jesus e Maria, recomendo-vos a minha alma!».

Reflexões e práticas

Jesus arde de sede; e nós, ardemos de amor por Jesus? Os nossos pensamentos e afetos têm sempre a finalidade de saciar a sua sede ardente?

Não conseguindo agüentar a sede que o queima, o Jesus sequioso acrescenta: «Tudo está consumado!». Portanto, Jesus consumiu-se por todos nós; e nós, esforçamo-nos em tudo para ser uma constante consumação de amor a Jesus? Cada ato, palavra e pensamento conduziam Jesus para a consumação; e cada nosso ato, palavra e pensamento nos impelem rumo à nossa consumação por amor de Jesus?

Ó Jesus, minha doce vida, o teu hálito consumado sopra sempre no meu pobre coração para poder receber o sinal da tua consumação.

Na Cruz, Jesus cumpre em tudo a Vontade do Pai e expira com um perfeito ato de abandono na sua santíssima Vontade; e nós, realizamos em tudo a Vontade de Deus? Abandonamo-nos perfeitamente na sua Vontade, sem considerar se obtemos bom êxito ou fracassamos, felizes unicamente por estarmos abandonados nos seus santíssimos braços? O morrer a nós mesmos é

contínuo, por amor a Jesus? Podemos dizer que, embora vivamos, não vivemos, que morremos para tudo, a fim de viver não da nossa vida, mas somente da vida de Jesus? Ou seja, tudo o que fazemos, em que pensamos, que desejamos e amamos reflete em nós a vida de Jesus, para fazer morrer a nossa palavra, o nosso passo, o nosso desejo e o nosso pensamento, tudo em Jesus?

Ó meu Jesus, a minha morte seja uma morte constante por amor de ti, e cada morte que padeço seja uma vida que tenciono dar a todas as almas.

Vigésima terceira Hora

Das 3 às 4 da tarde

Jesus morto é traspassado com um golpe de lança

A deposição da Cruz

Meu Jesus morto, toda a natureza lançou um brado de dor quando expiraste e chorou a tua morte dolorosa, reconhecendo em ti o Criador. Milhares de Anjos sobrevoam a Cruz e choram a tua morte; eles adoram-te como nosso verdadeiro Deus e acompanham-te ao Limbo, aonde vais beatificar tantas almas que desde há séculos aspiram ardentemente por ti. Meu Jesus morto, não consigo separar-me da tua Cruz, nem me sacio de beijar e voltar a beijar as tuas santíssimas Chagas, que me falam com eloquência de quanto me amaste;

ao ver as dilacerações horríveis, a profundidade das tuas feridas que chegam a descobrir os teus ossos, ai, sinto que estou prestes a morrer! Gostaria de chorar muito sobre estas feridas, para lavá-las com as minhas lágrimas; quereria amar-te muito, para curar-te totalmente com o meu amor e devolver a tua beleza natural à tua Humanidade irreconhecível; gostaria de sangrar para encher as tuas veias vazias com o meu sangue e ressuscitar-te.

Ó meu Jesus, o que é que o amor não pode fazer? O amor é vida; e eu, com o meu amor, quero dar-te vida e, se o meu não é suficiente, dá-me o teu amor e com o teu amor tudo poderei; sim, poderei dar vida à tua santíssima Humanidade. Ó meu Jesus, mesmo depois de morto desejas mostrar-me que me amas, atestar-me o teu amor e dar-me refúgio, reservando-me um abrigo no teu sagrado Coração; por isso, impelido por uma força suprema, para ter certeza da tua morte, um soldado trespassa o teu Coração com uma lança, abrindo em ti uma ferida profunda; e Tu, meu Amor, derramas as últimas gotas de Sangue e água, contidas no teu ardente Coração.

Ah, quantas coisas me diz esta ferida aberta pelo amor! E se a tua boca emudece, é o teu Coração que me fala, dizendo: «Meu filho, depois de ter dado tudo, desejei ser trespassado por esta lança a fim de criar um refúgio para todas as almas neste meu Coração. Aberto, ele gritará continuamente a todos: Vinde a mim se quiserdes ser salvos! Neste Coração encontrareis a santidade e sereis santos, achareis alívio nas aflições, a força na debilidade, a paz nas dúvidas e a

companhia no abandono. Ó almas que me amais, se quiserdes amar-me verdadeiramente, vinde habitar sempre neste Coração; aqui encontrareis o amor genuíno para amar-me e chamas intensas para arder-vos e consumir-vos de amor. Tudo se centraliza neste Coração: aqui estão contidos os Sacramentos, a minha Igreja, a vida da minha Igreja e a vida de todas as almas. Nele sinto também as profanações que se fazem contra a minha Igreja, as tramas dos inimigos, as setas que lhe lançam, os meus filhos espezinhados, porque não há ofensa que este meu Coração não sinta. Então, meu filho, a tua vida esteja neste meu Coração; defende-me, repara-me e conduz todos para ele».

Meu amor, se uma lança feriu o teu Coração para mim, rogo-te que também Tu com as tuas mãos atinja o meu coração, os meus afetos, os meus desejos e todo o meu ser; não haja nada em mim que não seja ferida pelo teu amor. Uno tudo às penas angustiantes da nossa amada Mamãe que, pela dor ao ver dilacerar o teu Coração, desmaia de dor e amor e, como pomba, voa rumo a Ela para ocupar o primeiro lugar, para ser a primeira Reparadora, a Rainha do teu próprio Coração, a medianeira entre ti e as criaturas. Também eu quero voar com a minha Mamãe ao teu Coração, para sentir como Ela te repara, e repetir as tuas reparações por todas as ofensas que Tu recebes. Ó meu Jesus, reencontrarei a minha vida neste teu Coração ferido; assim, em qualquer coisa que tiver de fazer, beberei sempre dele. Não darei mais vida aos pensamentos, mas se eles quiserem viver, tomarei os teus. A minha vontade deixará de viver,

mas se ela quiser ter vida, tomarei a tua santíssima Vontade; o meu amor não terá mais vida, mas se ele quiser viver, tomarei o teu amor. Ó meu Jesus, toda a tua vida é minha, esta é a tua Vontade, esta é a minha vontade.

Jesus é deposto da Cruz

Meu Jesus morto, vejo que os teus discípulos se apressam a depor-te da Cruz; José e Nicodemos, que até agora ficaram escondidos, agora com coragem e sem nada temer querem dar-te uma sepultura honrosa e por isso recorrem a martelos e turqueses para realizar a sagrada e triste despregadura da Cruz, enquanto a tua dolorosa Mãe estende os seus braços maternais para receber-te no colo.

Meu Jesus, enquanto de despregam, quero também eu ajudar os teus discípulos a apoiar o teu santíssimo Corpo e, com os pregos que tiram de ti, prega-me totalmente a ti e, com a tua santa Mãe, quero adorar-te e beijar-te e depois fechar-me no teu Coração para nunca mais sair dali.

Reflexões e práticas

Depois da sua morte, Jesus quis que por amor de nós fosse ferido por uma lança; e nós, deixamo-nos ferir inteiramente pelo amor de Jesus? Ou então nos deixamos ferir pelo amor das criaturas, pelos prazeres e pelo apego a nós

mesmos? Também a insensibilidade, a obscuridade e as mortificações interiores e exteriores são chagas que o Senhor suscita à alma; se não as tomarmos das mãos de Deus, ferimo-nos a nós mesmos e as nossas feridas aumentam as paixões, as debilidades o amor próprio e, em síntese, todo o mal. Ao contrário, se as tomarmos como feridas provocadas por Jesus, nestas feridas Ele colocará o seu amor, as suas virtudes e a sua semelhança, que nos farão merecer os seus beijos, as suas carícias e todos os estratagemas do amor divino. Estas feridas serão vozes contínuas que O invocarão e o constringerão a permanecer conosco incessantemente.

Ó meu Jesus, a tua lança seja a minha sentinela e me defenda das feridas de todas as criaturas.

Jesus deixa-se depor da Cruz, nos braços da Mãe; e nós, depomos nas mãos da nossa Mãe todos os nossos temores, as nossas dúvidas e as nossas ansiedades? Jesus repousou no colo da Mãe divina; e nós, permitimos que Jesus descanse, afastando os nosso medos e as nossas agitações?

Todos: minha Mãe, com as tuas mãos maternais priva o meu coração de tudo o que pode impedir que Jesus descanse em mim.

Vigésima quarta Hora

Das 4 às 5 da tarde

A sepultura de Jesus

Maria Santíssima desolada

Minha Mamãe dolorosa, vejo que te dispões ao último sacrifício de ter que dar uma sepultura a Jesus, teu Filho morto. Completamente resignada à Vontade de Deus, acompanha-lo e, com as tuas próprias mãos, depõe-no no sepulcro; mas enquanto compões aqueles membros e te preparas para dar-lhe o derradeiro adeus e o último beijo, a dor é tanta que sentes como se arrancassem o Coração do teu peito. O amor fixa-te naqueles membros e, em virtude do amor e da dor, a tua vida está para terminar, juntamente com o teu Filho morto. Pobre Mamãe, como viverás sem Jesus? É a tua vida, o teu tudo; e no entanto, é a Vontade do Eterno que assim deseja. Deverás combater com dois poderes insuperáveis: o Amor e a Vontade divina. O Amor fixa-te, de maneira que não te podes separar; a Vontade divina impõe-se e quer o sacrifício. Pobre Mamãe, como viverás? Quanto pena tenho de ti! Por favor, Anjos do Céu, vinde separá-la dos membros enrijecidos de Jesus, se não Ela morrerá!

Mas, ó milagre, enquanto parecia morta juntamente com Jesus, ouço a sua voz trêmula e interrompida pelos soluços, que diz:

«Filho amado, Filho, este era o único alívio que me restava e que diminuía as minhas dores, a tua santíssima Humanidade, desabafar-me sobre estas chagas, adorá-las e beijá-las. Agora, até disto sou desprovido, porque è assim que a Vontade divina quer, e eu resigno-me; mas sabe, Filho, que o quero e não posso. Só o pensamento de o fazer já me priva das forças e a vida evita-me. Por favor, permite-me, ó Filho, para poder ter vida e força de separar-me, que permaneça totalmente enterrada em ti e que tome para mim a tua vida, as tuas dores, as tuas reparações e tudo aquilo que Tu és. Ah, só um intercâmbio de vida entre ti e eu pode dar-me a força para levar a cabo o sacrifício de me separar de ti!».

Com esta decisão, minha Mamãe aflita, vejo que passas de novo por aqueles membros e depões a tua cabeça na de Jesus; beijando-a, encerras nela os teus pensamentos e tomas para ti os seus espinhos, os seus pensamentos aflitos e ofendidos, bem como tudo o que Ele sofreu na sua santíssima Cabeça. Oh, como desejarias animar a Inteligência de Jesus com a tua, para poder dar a vida pela vida! Assumindo na tua mente os pensamentos e os espinhos de Jesus, já sentes que comesças a reviver.

Mamãe das dores, vejo que beijas os olhos fechados de Jesus e sinto uma dor profunda ao ver que Jesus já não te olha. Quantas vezes os seus olhares te cumulavam de Paraíso e te faziam ressuscitar da morte para a vida, e agora, percebendo que não és observada, sentes que estás prestes a morrer! Por isso,

nos olhos de Jesus depões os teus e tomas para ti os seus, as suas lágrimas e amarguras ao ver as ofensas das criaturas, os inumeráveis insultos e desprezos.

Ma vejo, minha Mamãe trespassada, que beijas as suas santíssimas Orelhas e O chamas e interpelas, dizendo: «Meu Filho, é possível que não me ouve mais, Tu que prestavas atenção ao mais pequeno dos meus gestos? E agora choro, invoco-te e não me ouves? Ah, o amor é o tirano mais cruel! Para mim Tu eras mais que a minha própria vida, e agora deverei sobreviver a tanta dor? Por isso, ó Filho, deixo o meu ouvido no teu e tomo para mim aquilo que padeceu o teu santíssimo ouvido, o eco de todas as ofensas que nele ressoavam; só isto me pode dar vida: as tuas penas, as tuas dores». E enquanto dizes isto, a dor e a angústia no teu Coração são tão fortes, que perdes a voz e emudeces. Minha pobre Mamãe, minha pobre Mamãe, como tenho compaixão de ti! Quantas mortes cruéis padeces!

Mas a Vontade divina impõe-se e reanima-te, e olhas o seu santíssimo Rosto, beija-lo e exclamas: «Adorado Filho, como estás desfigurado! Ah, sei tão irreconhecível que se o amor não me dissesse que é o meu Filho, a minha vida, o meu tudo, já não te reconheceria! A tua beleza transformou-se em deformidade, as tuas bochechas em inchaços e a luz, a graça do teu Rosto — a tal ponto que ver-te e beatificar-se era a mesma coisa— mudou-se em palidez de morte, ó amado Filho. Filho, como estás destruído! Que horrenda mutilação

o pecado provocou aos teus santíssimos Membros! Ah, como a tua Mamãe indivisível gostaria de te devolver a tua beleza primeira! Quero fundir o meu rosto no teu e tomar para mim o teu, as bofetadas, os escarros, os desprezos e tudo o que sofreste no teu santíssimo Rosto. Ah, Filho, se me queres viva, dá-me as tuas dores, se não eu morro!».

E a tua dor é tanta, que te sufoca, te tira a palavra e permaneces como morta no Rosto de Jesus. Pobre Mamãe, como tenho compaixão de ti! Meus Anjos, vinde aliviar a minha Mamãe; a sua dor é imensa, inunda-a, sufoca-a e nela não há mais vida nem força. Mas a Vontade divina, rompendo estas ondas, devolve-lhe a vida.

Já estás na boca de Jesus e, beijando-a, sentes os teus lábios amargurarem com o fel que tanto amargou a sua boca e, soluçando, continuas: «Filho, diz a última palavra à tua Mamãe. Ó possível que não poderei mais ouvir a tua voz? Todas as palavras que me disseste durante a vida, como tantas flechas, ferem o meu Coração de dor e de amor, e agora, vendo-te emudecido, colocam-se novamente em movimento no meu Coração dilacerado, provocam-me muitas mortes e, com a força viva, desejariam arrancar a tua última palavra. Mas não a recebendo, angustiam-me e dizem-me: Assim, já não o escutarás, não ouvirás mais a sua doce pronúncia, a melodia da sua palavra criadora! Ele criava tantos Paraísos em mim quantas palavras pronunciava. Ah, o meu Paraíso terminou e só terei amarguras! Ah, Filho, quero dar-te a minha língua para animar a tua.

Dá-me o que Tu padeceste na tua santíssima Boca, a amargura do fel, a tua sede ardente, as tuas reparações e preces; e, ouvindo assim a tua voz por meio destas, a minha dor será mais suportável e a tua Mamãe poderá viver mediante as tuas penas».

Mamãe sofredora, vejo que te apressas, porque quem está ao teu redor quer fechar o sepulcro e, de repente, colocas as mãos de Jesus entre as tuas, beijá-las, aperta-las contra o teu peito e, depondo as tuas mãos nas suas, tomas para ti as dores e os trespasses daquelas santíssimas Mãos. Depois, chegas aos pés de Jesus, olhando a dilaceração cruel que os pregos lhes provocaram e, enquanto ali depões os teus, tomas para ti aquelas chagas e, no lugar de Jesus, ofereces-te para correr até os pecadores, para arrancá-los do Inferno.

Mamãe angustiada, vejo que dás o derradeiro adeus a o Coração trespassado de Jesus. Aqui, fazes uma pausa; é o último assalto ao teu Coração maternal; sentes que ele é como que arrancado do teu peito, pela veemência do amor e da dor e, sozinho, escapa para depor-se então no santíssimo Coração de Jesus. E Tu, vendo-te sem coração, apressas-te para receber no teu o seu sacratíssimo Coração, o seu Amor rejeitado por tantas criaturas, os inúmeros desejos ardentes deixados de realizar devido às suas ingratidões, as dores e os trespasses daquele santíssimo Coração, que te conservarão crucificada durante toda a tua vida. E olhando a grande ferida, beija-la, saboreando o seu Sangue

e, sentindo em ti a Vida de Jesus, tens a força de realizar a triste separação. Depois, abraçando-o, permites que a pedra do sepulcro O encerre.

Minha Mamãe dolorosa, chorando, rogo-te para que entretanto não permitas que Jesus seja afastado do nosso olhar; espera que antes me encerre em Jesus, para receber em mim a sua Vida. Se Tu que és a Imaculada, a toda Santa, a cheia da Graça, não podes viver sem Jesus, muito menos eu, que sou a debilidade, a miséria, repleto de pecados. Como posso viver sem Jesus? Mamãe dorida, não me deixes sozinho, leva-me contigo, mas antes depõe-me totalmente em Jesus, esvazia-me de tudo para poder inserir Jesus inteiro em mim, como o puseste em ti. Começa por mim a tarefa maternal que Jesus te confiou na Cruz e, penetrando no teu Coração materno a minha pobreza extrema, com as tuas próprias mãos encerra-me totalmente em Jesus.

Fecha na minha mente os pensamentos de Jesus, a fim de que nenhum outro pensamento entre em mim. Veda os olhos de Jesus nos meus, a fim de que nunca possa subtrair-se ao meu olhar, e o seu ouvido no meu, para que sempre o acolha e em tudo faça a sua santíssima Vontade. Depõe a sua Vontade na minha a fim de que, admirando-o tão desfigurado por amor de mim, O ame, me compadeça dele e repare; a sua língua na minha, para que eu fale, reze e ensine com a língua de Jesus; as suas mãos nas minhas, para que cada movimento que faço e cada obra que realizo receba vida das obras e das ações

de Jesus; coloca os seus pés nos meus, a fim de que cada um dos meus passos seja para as outras criaturas uma vida de salvação, de força e de zelo.

E agora, minha Mamãe aflita, permite-me beijar o seu Coração, saborear o seu preciosíssimo Sangue e, enquanto inseres o seu no Coração no meu, eu possa viver do seu Amor, dos seus desejos e das suas dores. Enfim, toma a direita enrijecida de Jesus, a fim de que me conceda a derradeira bênção.

A pedra fecha o sepulcro e Tu, angustiada, o beijas e, chorando, lhe dás o último adeus e vais embora; mas a tua dor é tanta que em certos momentos ficas paralisada e gélida. Minha Mamãe trespassada, juntamente contigo digo adeus a Jesus e, chorando, quero compadecer-me de ti e acompanhar-te na tua triste desolação. Desejo colocar-me ao teu lado para dar-te, a cada um dos teus suspiros, respiros e sofrimentos, uma palavra de conforto, um olhar de compaixão. Recolherei as tuas lágrimas e sustentar-te-ei nos meus braços, se vir que desfaleces.

Mas vejo que és obrigada a regressar a Jerusalém pelo caminho de onde vieste. Depois de poucos passos e já te encontras diante da Cruz na qual Jesus tanto sofreu e depois morreu; e Tu corres, abraça-la e, vendo-te manchada de Sangue, renovam-se no teu Coração um por um os sofrimentos que Jesus nela padeceu; mas não podendo conter a tua dor, exclamas entre soluços:

«Ó Cruz, como, tão cruel foste com meu Filho? Ah, em nada O poupaste! Que mal tinha feito a ti? Não concedeste que eu, Mamãe dolorosa, sequer lhe desse um pouco de água enquanto mo pedia, e à boca seca de sede só deste fel e vinagre! Sinto que o meu Coração trespassado se liqüefaz, e gostaria de o aproximar aos seus lábios para saciar a sua sede, mas tive a dor de ser rejeitada. Ó Cruz, cruel sim, mas santa, porque foi divinizada e santificada pelo contato com o meu Filho! A crueldade com que o trataste, paga-la em compaixão pelos miseráveis mortais e pelas dores que sofreste, impetra graça e força para as almas que sofrem, a fim de que nenhuma delas se perca por causa de tribulações e cruces. As almas custam-me demasiado: custam-me a vida de um Filho Deus, e Eu, como co-Redentora e Mãe, uno-as a ti, ó Cruz!».

E beijando-a e rebeijando-a, partes. Pobre Mamãe, quanta compaixão tenho de ti! A cada passo e encontro surgem novas dores que, crescendo na sua imensidade e tornando-se mais amargas, te inundam, te afogam, e a cada instante sentes que estás para morrer. E eis que já estás no lugar onde hoje de manhã O encontraste exausto debaixo do enorme peso da Cruz, derramando sangue e com um feixe de espinhos na cabeça que, ao embater-se contra a Cruz, penetravam profundamente dentro, provocando-lhe a cada solavanco dores mortais. O olhar de Jesus, cruzando-se com o teu, buscava piedade, mas os soldados, para impedir-vos este alívio, o empurraram provocando a sua queda e um novo derramamento de Sangue. Tu vês o terreno impregnado de Sangue, lanças-te ao chão e, enquanto beijas aquele Sangue, ouço que dizes:

«Meus Anjos, vinde fazer guarda a este Sangue, a fim de que não seja pisada nem profanada nem sequer uma sua gota».

Mamãe dolorosa, deixa que te dê a mão para erguer-te e aliviar-te, porque vejo que desmaias no Sangue de Jesus. Assim que caminhas, logo encontras novas dores; em toda a parte vês traços de sangue, recordas as dores de Jesus e depois apressas o passo e fechas-te no Cenáculo. Também eu me fecho no Cenáculo, mas o meu Cenáculo é o santíssimo Coração de Jesus e dali quero chegar a ti para fazer-te companhia nesta hora de triste desolação. O meu coração não suporta deixar-te sozinha em tanto sofrimento.

Mas sinto-me trespassado ao ver que, assim que movimentas a cabeça, sentes penetrarem em ti os espinhos que tomaste de Jesus, as picadas de todos os nossos pecados de pensamento que, penetrando até nos teus olhos, te fazem chorar lágrimas de sangue. E tendo nos teus olhos a vista de Jesus, diante do teu olhar passam todas as ofensas das criaturas. Como ficas amargurada com isto! Como compreendes que o que Jesus sofreu, tendo em ti as suas próprias dores! Mas uma dor não espera outra. Assim que estendes o ouvido, sentes-te ensurdecida pelo eco das vozes das criaturas e pela variedade destas ofensas que, chegando ao teu Coração, te perfuram, enquanto Tu repetes: «Filho, como sofreste!».

Mamãe desolada, quanta compaixão tenho de ti! Permite-me enxugar o teu rosto molhado de lágrimas e de sangue; mas sinto vacilar ao vê-lo agora coberto de inchaços, irreconhecível e branco, de uma palidez mortal. Compreendo: são os maus tratos de Jesus que assumiste, os quais te fazem sofrer de tal modo que, quando moves os lábios em oração ou quando respiras com o teu peito em fogo, sentes o hálito amargo e os lábios secos pela sede de Jesus. Pobre Mamãe, como tenho piedade de ti! As tuas dores aumentam cada vez mais e, tomando as tuas mãos com as minhas, vejo quem são trespassadas pelos pregos. É nas mãos que sentes a dor e vês os homicídios, as traições, os sacrifícios e todas as obras malignas, que repetem os golpes, alargando as chagas e tornando-as cada vez mais ásperas. Como tenho de dó de ti! Tu és a verdadeira Mamãe crucificada, de tal forma que nem sequer os pés ficam sem os pregos; aliás, Tu não só sentes serem pregados, mas como que dilacerados por tantos passos iníquos e pelas almas que vão para o Inferno, e Tu corres para perto deles a fim de que não caiam nas chamas infernais.

Mas isto não é tudo, Mamãe trespassada. Todas as tuas dores reunidas fazem eco no teu Coração e o trespassam, não com sete espadas mas com milhares de espadas; ainda mais que, tendo em ti o divino Coração de Jesus, que contém todos os corações e cuja palpitação envolve as palpitações de todos, assim que palpitas, diz: «Almas! Amor!», e da palpitação «Almas!» sentes todos os pecados fluírem na tua palpitação e sentes-te condenado à morte, e na

palpitação «Amor!» sentes receber a vida, de tal forma que te encontras em contínuo ato de morte e de vida.

Mamãe crucificada, olhando-te tenho compaixão de ti e das tuas dores; elas são indescritíveis. Gostaria de transformar o meu ser em língua e voz para compadecer-me de ti, mas o meu compadecimento nada é diante de tanta dor. Por isso chamo os Anjos, a própria Santíssima Trindade, e rezo para que coloquem à tua volta as suas harmonias, as suas satisfações e a sua beleza, para abrandar e compadecer-se das tuas dores intensas; que te sustentem nos seus braços e te paguem com amor todos os teus sofrimentos.

E agora, desolada Mamãe, obrigado em nome de todos, por tudo o que sofreste e peço-te, por esta tua triste desolação, que venhas assistir-me no momento da minha morte. Quando estiver sozinho e abandonado por todos, no meio de mil ânsias e temores, então vem retribuir com companhia todas as vezes que eu te estive ao teu lado durante a vida, vem assistir-me, põe-me ao teu lado e afugenta o inimigo; purifica a minha alma com as tuas lágrimas, cobre-me com o Sangue de Jesus, reveste-me com os seus méritos, embeleza-me e cura-me com as tuas dores e com todas as penas e obras de Jesus e, em virtude destas, faz desaparecer todos os meus pecados, concedendo-me o perdão total. E ao expirar, recebe-me nos teus braços, abriga-me debaixo do teu manto, esconde-me ao olhar do inimigo, leva-me depressa para o Céu e deposita-me nos braços de Jesus. Estejamos assim entendidos, minha querida Mamãe!

E agora peço-te que devolvas a companhia, que hoje te dediquei, a todos os moribundos. Sê a Mamãe de todos; são momentos extremos e são necessárias grandes ajudas. Por isso, não negues a ninguém o teu cuidado maternal.

Uma última palavra: enquanto te deixo, peço-te que me encerres no Sacratíssimo Coração de Jesus e Tu, minha Mamãe das dores, sê minha sentinela a fim de que Jesus não me expulse e eu, mesmo que queira, não possa sair. Por isso, beijo a tua mão materna e Tu abençoa-me.

Reflexões e práticas

Jesus é sepultado; uma pedra fecha-O e impede que a Mamãe volte e admirar o seu Filho. E nós, escondemo-nos ao olhar das criaturas, somos indiferentes se todos nos esquecem? Nas coisas santas, permanecemos indiferentes, com aquela santa indiferença que nada nos faz transgredir? No abandono total de Jesus, vencemos tudo com a santa indiferença que nos leva continuamente até Ele? E com a nossa constância, fazemo-lhe uma dócil corrente para atraí-lo a nós? O nosso olhar está sepultado no olhar de Jesus, de maneira que não observamos senão aquilo que Jesus quer? A nossa voz está enterrada na voz de Jesus, de tal forma que se desejamos falar só falamos com a língua de Jesus? Os nossos passos estão sepultados nos seus, de maneira que quando caminhamos que impressos os rastos não nossos mas dos passos de Jesus? E

o nosso coração está enterrado no seu, para poder amar e desejar como o seu Coração ama e deseja?

Minha Mamãe, quando Jesus para o bem da minha alma se esconde de mim, concede-me a graça que Tu possuías na privação dele, a fim de que eu lhe possa dar toda a glória que Tu lhe deste, quando Ele foi deposto no Sepulcro.

Ó Jesus, quero rezar com a tua voz e assim como a tua voz penetrava os Céus e se repercutia nas vozes de todos, também a minha, prestando honra à tua própria voz, penetre também nos Céus para dar-te a glória e o amor da tua própria palavra.

Meu Jesus, o meu coração palpita, mas não estou feliz se não me fazes palpitar com o teu Coração e, com a tua palpitação, amarei à tua maneira. Dar-te-ei o amor de todas as criaturas e haverá um só grito: Amor, Amor! (...) Ó meu Jesus, faz honra a ti mesmo, e em tudo aquilo que eu levo a cabo insira o sinal do teu próprio poder, do teu amor e da tua glória.

Apêndice

Como a Vontade divina está agonizando no meio das criaturas e como Ela quer sair desta condição.

Atraindo-me para a sua adorável Vontade, o meu sempre amável Jesus fazia-me ver e sentir as condições dolorosas em que O coloca a ingratidão das criaturas e, suspirando de dor, disse-me: «Minha filha, as dores da minha Vontade divina são indescritíveis e inconcebíveis para a natureza humana. Ela está em todas as criaturas, mas encontra-se sob o pesadelo de uma agonia tremenda e angustiante, porque em vez de lhe dar o poder de viver a sua vida nelas, conservam-na reprimida sem lhe conceder a liberdade de agir, de respirar e de palpitar. Assim, a vontade humana age, respira livremente, palpita como quer e a minha existe só para servi-la, para contribuir com os atos delas e permanecer dentro dos atos agonizantes delas, sufocada pelo estertor de uma agonia de longos séculos. A minha Vontade debate-se na criatura, sob o pesadelo de uma agonia tão angustiante, e os debates são os remorsos de consciência, as decepções, os reveses, as cruzes, o cansaço da vida e tudo aquilo que pode molestar as pobres criaturas porque é justo que, tendo elas uma Vontade divina na Cruz, e sempre sob o estertor da agonia, Ela repreende-os com os seus debates, não podendo agir diversamente porque não tem o domínio, talvez entrando neles mesmos, ao ver a infelicidade que lhe leva a sua má vontade, possam dar-lhe um pouco de respiro e de trégua à sua agonia extática. A agonia da minha Vontade é tão dolorosa, que a minha Humanidade, que a quer padecer no Horto do Getsêmani, chega a pedir ajuda aos meus próprios Apóstolos, que nem sequer obtive, e foi tanto o espasmo que suei sangue vivo e, sentindo que estava para sucumbir sob o enorme peso de uma agonia tão prolongada e tremenda da minha Vontade divina, invoquei o meu Pai

celestial para que me ajudasse, dizendo-lhe: Pai, se é possível, afasta de mim este cálice, e todas as outras penas da minha Paixão, por mais atrozes que sejam, nunca disse: “Se é possível afasta esta pena; antes, na Cruz bradei Sitio, tenho sede de penas. Contudo, neste sofrimento da agonia da suprema Vontade senti todo o peso de uma agonia muito longa, todo o padecimento de uma Vontade divina que agoniza, que espasma nas gerações humanas. Que dor, não há sofrimento que se lhe possa comparar. Agora o Fiar supremo está exausto e, custe o que custar, quer sair desta agonia tão prolongada e se tu sentes os flagelos, as cidades em ruínas, as destruições, não são senão os vigorosos debates da sua agonia que, não suportando mais, quer fazer com que toda a família humana sinta o seu estado doloroso. E como fortemente se debate neles, sem que ninguém tenha compaixão dela e, fazendo violência com os seus debates, quer fazer sentir que existe neles, mas já não quer estar em agonia, deseja a liberdade, o domínio, quer viver a sua própria vida nela. Minha filha, que desordem existe na sociedade, porque não reina a minha Vontade! (...)”.

Minha filha, que afronta, como eu gostaria de fazer com que todos sentissem a minha tremenda agonia, o estertor continuado, a letargia em que colocam a minha Vontade, o motivo é porque querem fazer a sua própria vontade e não a minha, não desejam fazer com ela reine, não a querem conhecer. E por isso quer romper os diques com os seus debates, a fim de que, se não desejam conhecê-la nem receber por amor, conhecê-la-ão pela Justiça. Assim, a minha

Vontade cansada de uma agonia de longos séculos quer sair e depois preparar dois modos: o modo triunfante, que são os seus conhecimentos, os seus prodígios e todo o bem que o reino do Fiat supremo trará, e o modo de justiça para quem não a quer conhecer triunfante. Portanto, caberá às criaturas escolher o modo em que a desejam receber».

(Volume 20, 19 de novembro de 1926).

Obs. Texto formatado sem alterações por “ www.totutuusmariae.com.br à partir do original em Português de Portugal, disponibilizado em “[Divinewill](#)” . O site oficial do “[Movimento Salvai Almas](#) também o publicou, em capítulos.

Para indicar esta fonte: www.totutuusmariae.com.br | www.todoteumaria.com.br em 25/09/2012.